

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

NEUSA LOPES VICENTE

PROTAGONISMO JUVENIL NA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS:
LIDERANÇAS NA
FACULDADE DE DIREITO (1986-1990)

Santos
2017

NEUSA LOPES VICENTE

PROTAGONISMO JUVENIL NA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS:
LIDERANÇAS NA
FACULDADE DE DIREITO (1986-1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto sensu em Educação da Universidade Católica de
Santos, como requisito para obtenção do grau de Mestre
em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira

Santos
2017

Vicente, Neusa Lopes

PROTAGONISMO JUVENIL NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS (1986-1990): LIDERANÇAS NA FACULDADE DE DIREITO/
Neusa Lopes Vicente – Santos, 2017. 142 P.

1. Orientadora: Maria Aparecida Franco Pereira. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Santos, Centro de Ciências da Educação e da Comunicação - Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação.

Protagonismo juvenil. Faculdade de Direito, UNISANTOS. Diretório Acadêmico.

1.1 Pereira, Maria Aparecida Franco. II. Universidade Católica de Santos

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: VICENTE, Neusa Lopes

Título: Protagonismo Juvenil na Universidade Católica de Santos: Lideranças na Faculdade de Direito (1986-1990)

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em: 30/08/2017

Profa. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira
Orientadora – Membro Nato – Universidade Católica de Santos

Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira
Membro Nato – Universidade Católica de Santos

Profa. Dra. Silvia Maria Tagé Thomaz
Membro Convidada – Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

“Tudo posso Naquele que me fortalece”

Filipenses 4:13

À Nossa Senhora do Monte Serrat, minha madrinha de consagração, pela graça vivida.

A meus pais (Therezinha e João) pelo exemplo de fé, integridade e solidariedade. Aos meus irmãos e sobrinhos pela compreensão e carinho.

À minha querida orientadora pela dedicação, sensibilidade e competência dedicadas

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira pela sempre e gentil atenção.

À colega de juventude, Profa. Dra. Silvia Maria Tagé Thomaz, pela contribuição ao trabalho e integrar a Banca Examinadora.

Aos entrevistados pela acolhida e disponibilidade em colaborar.

Aos amigos Edson Rossetti, Marcos Barreto, Ângela B. M. Borges de Campos.

Em especial às amigas de fé, Marô San e Maria Isabel Neto, pelo carinho e apoio.

À Lilian Marques, Robnaldo Salgado e Hermenegildo Menin pela amizade, incentivo e colaboração.

Ao Departamento de Imprensa da Universidade Católica de Santos (Alberto e Danilo).

Ao Departamento de Relações Públicas (Ellen Cristina, Ana Paula, Mariana e Danielle).

À coordenação das bibliotecas e às equipes no CDI e CB.

À toda equipe da Secretaria Acadêmica e da Sala dos Professores do *Campus* D. Idílio José Soares.

À toda equipe da Secretaria Acadêmica do *Campus* Boqueirão.

À equipe do Serviço de Atendimento ao Usuário da Universidade Católica de Santos pela incansável ajuda.

À Renata Schwantes pela ajuda de última hora.

“[...]O que a sociedade ganha com o protagonismo dos jovens? A sociedade ganha em democracia e em capacidade de enfrentar e resolver problemas que a desafiam. A energia, a generosidade, a força empreendedora e o potencial criativo dos jovens é uma imensa riqueza, um imenso patrimônio que o Brasil ainda não aprendeu utilizar da maneira devida. [...]”

Antonio Carlos Gomes da Costa¹
(1949-2011), pedagogo e redator do ECA

¹ *Protagonismo Juvenil. Disponível em file:///E:/eeij2007/educação/4%20pilares/infoutil.org/4pilares/text-cont/costa-protagonismo.htm (17 of 17)25/11/2007*

RESUMO

VICENTE, Neusa Lopes. **PROTAGONISMO JUVENIL NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS: LIDERANÇAS NA FACULDADE DE DIREITO (1986-1990)**, 2017. Universidade Católica de Santos, 142 p.

Os registros históricos demonstram que a juventude exerce um significativo papel social no mundo. Esse movimento livre, comprometido e liderado por jovens vem despertando a atenção da sociedade e é entendido como protagonismo juvenil. A pesquisa pretendeu entender a contribuição da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS) para o exercício do protagonismo juvenil em sua Faculdade de Direito. A investigação concentrou-se no período entre 1986 (ano de criação da Universidade) e 1990, ano da graduação desses primeiros ingressantes. O objeto de estudo foram as lideranças estudantis eleitas para a diretoria do então Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”, entidade estudantil da Faculdade de Direito. O aporte teórico situa-se nos campos da Sociologia da Juventude com Machado Pais (2006), na tematização social do jovem em Abramo (1997) e na Psicologia Social com Stamato (2008). A metodologia concentra-se na consulta a documentos e aos registros institucionais da UNISANTOS e do Diretório Acadêmico e no noticiário veiculado na imprensa nacional e regional. Os depoimentos de ex-presidentes da entidade estudantil e de pessoas que ocuparam cargos de gestão acadêmica e administrativa naquele período de tempo corroboram com o processo investigativo.

PALAVRAS-CHAVE: Protagonismo juvenil. Faculdade de Direito, UNISANTOS. Diretório Acadêmico.

ABSTRACT

VICENTE, Neusa Lopes. **PROTAGONISMO JUVENIL NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS: LIDERANÇAS NA FACULDADE DE DIREITO (1986-1990)**, 2017. Universidade Católica de Santos, 142 p.

Historical records show that youth play a significant social role in the world. This free movement, committed and led by young people has aroused the attention of society and is understood as a youth protagonism. The research aimed to understand the contribution of the Catholic University of Santos (UNISANTOS) to the exercise of youth protagonism in its Faculty of Law. The research focused on the period between 1986 (year of creation of the University) and 1990, year of graduation of these first entrants. The object of study were the student leaders elected to the board of the then Academic Directory "Alexandre de Gusmão", a student body of the Faculty of Law. The theoretical contribution is in the fields of Sociology of Youth with Machado Pais (2006), in the social theme of the youth in Abramo (1997) and in Social Psychology with Stamato (2008). The methodology focuses on the consultation of documents and institutional records of UNISANTOS and the Academic Directory and the news published in the national and regional press. The testimony of former presidents of the student body and of persons who held positions of academic and administrative management in that period of time corroborate the investigative process.

KEY WORDS: Juvenile protagonism. Law School, UNISANTOS. Academic Directory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Manchete do Jornal Última Hora. Rio de Janeiro, s/d.

Figura 2: Comício pelas diretas já na Boca Maldita.

Figura 3: Oswaldo Justo (ao centro), eleito por voto popular prefeito de Santos, com o vice, Esmeraldo Tarquínio, e vice-governador de São Paulo, Orestes Quércia (à direita) na cerimônia de posse.

Figura 4: Ato de assinatura do reconhecimento da Universidade Católica de Santos. O ministro da Educação e Cultura, Marco Maciel (ao centro), participa da cerimônia de reconhecimento da Universidade Católica de Santos e com a presença de seu primeiro reitor, Prof. Dr. Pe. Waldemar Valle Martins (terceiro à esquerda, sentado).

Figura 5: Presença de jovens na Constituinte de 1988. Imagem jornal O Globo.

Figura 6: Matéria de primeira página na edição nº 1 do Informativo UNISANTOS, veículo institucional.

Figura 7: Matéria na edição de março de 1986 no Informativo UNISANTOS, veículo institucional.

Figura 8: Matéria na edição de junho de 1986 no Informativo UNISANTOS, veículo institucional.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características da juventude segundo Abramo e ex-presidentes do DA “Alexandre de Gusmão”

LISTA DE SIGLAS

AF – Antonio Fernando Conceição Santos
ANP – Agência Nacional de Petróleo
CA – Centro Acadêmico
CB – *Campus* Boqueirão
CDI – *Campus* D. Idílio José Soares
CPA – Comissão Própria de Avaliação
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
DA – Diretório Acadêmico
FADIR – Faculdade de Direito
FIES – Fundo de Financiamento Estudantil
FP – Francisco Prado de Oliveira Ribeiro
FTVE – Fundação TV Educativa Universidade Católica de Santos
JEGJ – José Eduardo Guerra Jardim
MPF – Marcelo Pavão de Freitas
ML – Marta Idália Santos Leon
NLV – Neusa Lopes Vicente
ONU – Organização das Nações Unidas
PdU – Pastoral da Universidade
PJ – Pastoral da Juventude
PROUNI - Programa Universidade para Todos
PU – Pastoral Universitária
STF – Superior Tribunal Federal
SVSL – Sociedade Visconde de São Leopoldo
UFF – União Faz a Força
UNE – União Nacional dos Estudantes
UNISANTOS – Universidade Católica de Santos

Sumário

INTRODUÇÃO.....	13	
CAPÍTULO I – O JOVEM NO MUNDO ADULTO		
1.1 Juventude e Cultura Juvenil – contrapontos ao mundo adulto	20	
1.2 Protagonismo Juvenil – o empoderamento dos jovens.....	26	
1.3 A Cultura Juvenil e o Protagonismo dos Jovens.....	33	
CAPÍTULO II - REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS		
2.1 Do coração da igreja para servir à sociedade.....	37	
2.2 A Universidade Católica de Santos: 1986-1990. Criação e estruturação acadêmica e institucional e representação estudantil	37	
2.3 A Faculdade de Direito (1986-1990) - celeiros de lideranças	48	
2.4 O Diretório Acadêmico “Alexandre De Gusmão”: 1986-1990. Criação e presidências	50	
CAPÍTULO III – PROTAGONISMO JUVENIL UNIVERSITÁRIO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS		53
CONSIDERAÇÕES	58	
REFERÊNCIAS		
BIBLIOGRÁFICAS	61	
DIGITAIS	63	
ENTREVISTAS.....	64	
FONTES PRIMÁRIAS.....	65	
ACERVOS CONSULTADOS	66	
CRÉDITOS	67	
ANEXOS		
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL	107	
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO.....	120	
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL	137	

INTRODUÇÃO

A atenção de estudiosos para o tema juventude é justificável uma vez que são mais frequentes e numerosas as manifestações dos jovens em defesa da ética, da liberdade de expressão, de melhoria da gestão pública, entre outros assuntos que pautam a mídia nacional e internacional e são bandeiras de grupos políticos e sociais organizados por entidades que se mobilizam em torno de um objetivo comum e sob a liderança dos próprios jovens. As manifestações acontecem na esfera pública ou não. Para situar essa etapa do desenvolvimento físico, psíquico e social do ser humano até alcançar a fase adulta, as pesquisas científicas utilizam o referencial etário que, no Brasil, são os mesmos critérios definidos pelas Nações Unidas e as mesmas faixas de idade estabelecidas para os censos demográficos e políticas públicas. A juventude nacional compreende as idades entre 15 e 24 anos (cf. FREITAS, apud STAMATO, 2008).

Os registros históricos comprovam que os jovens exercem um papel significativo no mundo. A participação em movimentos transformadores ganhou visibilidade a partir da década de 1960, período de grandes manifestações na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Foram mobilizações de cunho político, social e cultural que alteraram o rumo da história ocidental e voltaram os olhares do mundo para essa categoria pouco considerada até então. A voz da juventude nos anos de 1960 ecoou nas gerações seguintes, alcançou a atualidade e encontrou um adequado e corrente tom às demandas próprias da globalização, às novas formas de participação e às redes sociais.

Ao longo da História da Cultura Ocidental, a participação dos jovens era desconsiderada nos movimentos e transformações sociais ocorridas ao longo do tempo. A 'voz da juventude' foi por muito tempo reclusa aos olhos de uma sociedade conservadora que, na maioria das vezes, ligava o jovem à imaturidade, ignorância e subserviência familiar. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, esse cenário começou a sofrer consideráveis transformações. A partir da década de 1960, intensas manifestações culturais e políticas juvenis indicavam que o papel do jovem começava a ter outro lugar. Nesse período, podemos destacar a ação do movimento *hippie*, que se contrapôs aos valores morais de sua época pregando ideais de 'paz e amor', criticando a sociedade de consumo e realizando intensa oposição à Guerra do Vietnã. Embalados pelo prazer, o uso de alucinógenos e o *rock'n'roll* mostraram o novo lugar da juventude. (SOUZA, s/d).

A participação de jovens estudantes em manifestações políticas também se apresenta em vários períodos da história brasileira, como aponta Della Vechia, em sua tese de doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

[...]. Ao longo dos anos os estudantes vivenciaram inúmeros momentos de protagonismo, como a luta contra a implantação da ditadura militar em nosso país e posteriormente no processo de redemocratização da sociedade brasileira. (2011, s/p).



Figura 1

Entre 1964 e 1984, o Regime Militar brasileiro reprimiu as manifestações dos jovens
 Fonte: Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=jovens+1968+no+brasil+ditadura+militar&espv>

Devido ao seu papel transformador, os jovens são considerados uma das forças da ação católica no mundo. A mobilização da juventude em torno de causas sociais e dos direitos humanos também é incentivada pela Igreja Católica Apostólica Romana na ação da Pastoral da Juventude (PJ) existente nas dioceses² e da Pastoral Universitária (PU) – esta última inserida no âmbito das instituições de ensino superior associadas à Igreja. A Pastoral da Juventude, vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi criada há 41 anos e vem atuando diretamente nas políticas públicas para esse segmento, entre outras causas. Em 2015, em carta aberta dirigida ao Governo Federal, a PJ manifestou-se contrária à extinção da Secretaria Nacional de Juventude e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens:

[...]. A juventude brasileira foi historicamente excluída das políticas de desenvolvimento do país, sendo, bem pelo contrário, alvo frequente de políticas genocidas e higienistas de uma sociedade politicamente incorreta – o que, para nós da Pastoral da Juventude, são sinais do Anti-Reino de Deus. Cada passo foi arduamente conquistado, e não admitimos retrocessos.

Esse movimento liderado por indivíduos, cronologicamente ainda não adultos, vem transformando a sociedade e passou a ser entendido, mais recentemente, como protagonismo juvenil. Como fenômeno social, despertou a atenção da autora e passou a justificar a busca por

² Também chamada de Bispado. Segundo o Código do Direito Canônico, Art. N° 369, diocese é a *porção do povo de Deus confiada a um bispo*. A Diocese abriga a Cúria Diocesana – governo pastoral sob a autoridade do bispo.

uma intimidade maior com a pesquisa em educação e, especificamente, sobre o protagonismo juvenil universitário, que é abordado nesta dissertação enquanto um papel central para a ação social, como uma modalidade educativa e espaço de possibilidades para jovens atuarem de forma compromissada e livre na busca da solução de problemas reais.

[...] no campo da educação, o termo protagonismo juvenil designa a atuação dos jovens como personagem principal de uma iniciativa, atividade ou projeto voltado para a solução de problemas reais. O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla. [...]. (COSTA, 2007).

A pesquisa pretendeu entender a contribuição da Universidade Católica de Santos para o exercício do protagonismo juvenil no cenário acadêmico, analisando a representação das lideranças oficialmente reconhecidas pela Instituição na maior e mais antiga de suas unidades, a Faculdade de Direito³. Embora anterior à criação da Universidade, em 1986, a Faculdade de Direito é considerada um celeiro de lideranças discentes em assuntos voltados à vida acadêmica e de interesse da sociedade em geral.

A Universidade Católica de Santos e, portanto, suas unidades universitárias, tem origem e vínculo com a Igreja tanto em sua estrutura de comando quanto na identidade e missão institucionais. Sua missão vocacional⁴ apoia-se na defesa de valores cristãos para a transformação da sociedade, por meio da militância de cidadãos éticos, tecnicamente competentes, solidários e justos. Tais premissas estão explicitadas no Marco Referencial.

Formar cidadãos com base nos princípios da solidariedade, da justiça e do respeito aos direitos humanos, fortalecidos pela ética cristã e com competência profissional para atuar em uma realidade sociocultural heterogênea e sujeita a frequentes mutações. (Marco Referencial - UNISANTOS, 1986).

A investigação concentra-se no período entre 1986 (quando a Universidade foi criada) e 1990, ano de graduação dos primeiros ingressantes no então novo patamar⁵ institucional e no cenário da educação superior na região da Baixada Santista e Litoral do Estado de São Paulo. O objeto de estudo são as lideranças estudantis eleitas para a diretoria do então Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”, para o cargo de presidente. Pretendeu-se encontrar elementos reveladores de como aconteceu o protagonismo juvenil no âmbito universitário a partir dos seguintes questionamentos: 1. Qual o espaço da representação estudantil institucional na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos? 2. Os estudantes da Faculdade de

³ A Faculdade de Direito foi a primeira unidade a ser criada pela Mantenedora, em 1951, e, até hoje, é a que possui o maior número de alunos regularmente matriculados.

⁴ Nomenclatura adotada como marca da Universidade Católica de Santos como diferencial institucional e mercadológico.

⁵ Termo adotado pela autora para demonstrar a passagem de faculdades integradas para universidade, qualificação definida pelo MEC a partir do cumprimento dos quesitos de pesquisa, ensino, extensão.

Direito da Universidade Católica de Santos foram incentivados pela Instituição a se tornarem lideranças estudantis? De que Forma? 3. Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos, eleitos para a presidência do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”, exerceram a liderança com liberdade e autonomia? 4. Houve influência familiar, social, cultural e acadêmica em seus valores e “espírito” de liderança?

A metodologia concentrou-se na consulta a documentos e aos registros institucionais da Universidade e do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão” e no noticiário veiculado na imprensa nacional e regional. A autora procedeu ao levantamento dos nomes e períodos de mandatos dos presidentes do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão” e do noticiário da época, publicado nos jornais da região (A Tribuna e Cidade de Santos), de circulação nacional (O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo) e nos informativos institucionais, assim como no arquivo pessoal dos entrevistados. Com vistas à melhor prospecção, a autora consultou como fontes orais ex-presidentes de entidade estudantil e pessoas que ocuparam cargos na gestão acadêmica e administrativa da Universidade e da Faculdade naquele período de tempo.

O aporte teórico situa-se nos campos da Sociologia da Juventude com Machado Pais (2006), na tematização social do jovem em Abramo (1997) e na Psicologia Social com Stamato (2008).

A autora é graduada pela Faculdade de Comunicação de Santos nas habilitações Jornalismo (1979) e Relações Públicas (1981), e com duas especializações em Comunicação (1985 e 2008) pela mesma escola superior. Manteve vínculo profissional com a Sociedade Visconde de São Leopoldo, mantenedora da Universidade Católica de Santos de agosto de 1981 a junho de 2017 – contratada primeiramente para o corpo técnico-administrativo, como assessora de comunicação da mantenedora (18 de agosto de 1981), e, depois, como docente da graduação (1985). Entre as atribuições como assessora de comunicação, mantinha contato permanente com as entidades estudantis, com a comunidade acadêmica e com a imprensa especializada para divulgação interna e externa de eventos e outras atividades; foi responsável pela produção (entrevistas, redação e edição) do boletim impresso (Informativo UniSantos) e da coluna semanal publicada na mídia local (Acontece na UniSantos). Também fazia o acompanhamento diário das notícias veiculadas nos jornais de maior circulação regional e nacional (A Tribuna, Cidade de Santos, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo) – essa tarefa completava-se com o recorte, reprodução em fotocópia, distribuição aos dirigentes e arquivo do noticiário⁶ de interesse institucional, entre os quais as manifestações estudantis, de discentes

⁶ *Clipping*: processo de seleção e recorte de notícias em veículos e meios de comunicação, realizado por assessorias de comunicação de organizações governamentais, privadas e do terceiro setor (explicação da autora).

e docentes da Universidade, incluindo a Faculdade de Direito, como de outras instituições de ensino (nos diferentes níveis), e dos principais fatos políticos, econômicos, culturais e sociais que afetavam a região e o País. Registre-se que todo esse material, organizado pela equipe de profissionais e funcionários administrativos da assessoria, foi incorporado aos arquivos do setor⁷ e serviram e servem como fontes de consulta para esta pesquisadora e demais pessoas interessadas.

Ainda na Universidade Católica de Santos ocupou cargos de gestão acadêmica e institucional, nomeada por portaria como coordenadora de relações estudantis e assuntos comunitários da Universidade (de 1990 a 2000), órgão vinculado à Vice-Reitoria Comunitária⁸; eleita chefe do Departamento de Relações Públicas e depois coordenadora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas (de 2000 a 2009); nomeada por portaria como membro da Comissão Própria de Avaliação (de 2010 a 2016) e como ouvidora institucional da Universidade (de 2011 a de 2016), ambos órgãos suplementares subordinados ao reitor. A experiência como docente, e como gestora, ofereceram oportunidade de convivência com estudantes e observação direta sobre as formas como acontece o protagonismo juvenil no ambiente acadêmico e na sociedade.

Percorrendo um processo pessoal de anamnese, assinala-se que o período de formação superior da autora ocorreu nos meados da década de 1970, anos ainda de repressão política no Brasil, quando a censura e a perseguição ideológica, durante o Regime Militar, marcaram uma geração de políticos, intelectuais, artistas e estudantes reprimidos quanto à liberdade de expressão e de manifestações públicas. Enquanto estudante de Comunicação Social, entre 1974 e 1981, vivenciou essa realidade e a inexistência de autonomia civil no município de Santos. Foi nesse contexto nacional e local que conviveu com lideranças estudantis e militâncias políticas do Município de Santos, pessoas que foram ou colegas de turma ou professores na Faculdade⁹.

Parece pertinente relatar que durante a adolescência (entre 14 e 16 anos), a autora pertenceu a um dos muitos grupos de jovens católicos de Santos, cuja criação era incentivada pela Igreja e pela Diocese local – denominados de comunidades de jovens¹⁰ e sob a supervisão

⁷ Com a reestruturação organizacional, o setor transformou-se em Departamento de Imprensa.

⁸ Idem, a denominação foi alterada para Pró-Reitoria Comunitária, que foi extinta em 2015 (?).

⁹ Como por exemplos: Esmeraldo Tarquínio (Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Filho), professor da antiga Facos, e prefeito de Santos, cassado pelo Regime Militar, em 1968. In <http://www.afropress.com/post.asp?id=18629>, acesso em 02/04/2016. Dojival Vieira dos Santos, que atuou no então Diretório Acadêmico “Júlio de Mesquita Filho”, da Facos, formado em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Santos e em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos. In <http://blogsdoaltotiete.blogspot.com.br/2012/03/confirmado-dojival-vieira.html>, acesso em 02/04/2016.

¹⁰ Entre 1969 e 1971, estudantes dos colégios “Coração de Maria”, “São José” e “Santista” e de outras escolas não católicas fundaram o grupo de jovens “UFF – União Faz a Força”, com encontros aos domingos à tarde no “Coração de Maria” ou “São José”

de religiosos congregados ou seculares¹¹. Liderados por outros jovens, discutiam questões próprias da juventude segundo valores da ética cristã e dogmas católicos. Entre as ações empreendidas, promoviam e participavam de retiros espirituais, palestras e prática dos ritos litúrgicos, sem, contudo, abordarem temas e fatos políticos, tendo em vista que o País estava sob o regime militar. Seu grupo denominava-se UFF (União Faz a Força) e reunia alunos de escolas católicas do Município. Como próprio da idade, e fora dos olhares dos supervisores religiosos, nos momentos de lazer, era possível ouvir a opinião dos colegas mais velhos – já nos primeiros anos do curso universitário, sobre o momento político nacional e a militância da juventude contra a revolução. Essa experiência da adolescência acompanhou sua trajetória na ação social da Igreja até a maturidade, como membro da Pastoral da Universidade¹² da UNISANTOS (2003-2012); como membro da Comissão de Reforma da Igreja Catedral de Santos; como orientadora de trabalhos de conclusão do curso de Relações Públicas e projetos de veículos institucionais para as pastorais da Diocese de Santos e como diretora-secretária da Fundação TV Educativa Universidade Católica de Santos (FTVE – 2010-2017).

Adentrar ao campo da pesquisa histórica exigiu da pesquisadora atenção e despojamento de ideias pré-concebidas. Requereu também uma certa ousadia, desprendimento de métodos ortodoxos sem, contudo, abrir mão de uma metodologia científica, que sustentasse seu caminhar entre o passado e o presente, na tentativa de reunir elementos, provas, indícios reveladores de significados e de representações.

A dissertação estrutura-se em três capítulos. No Capítulo I são abordados a juventude como categoria social e tema de pesquisadores, a cultura juvenil como fenômeno influente no processo de socialização dos jovens e o protagonismo juvenil como ação transformadora; ainda neste capítulo, é apresentada a legislação brasileira reguladora da representação estudantil nas instituições de ensino superior.

No Capítulo II, focaliza-se a representação estudantil no contexto da Universidade Católica quando de sua criação, em 1986, e 1990, ano de término da graduação dos jovens discentes das turmas iniciais, perpassando a estruturação acadêmica e institucional da nova universidade e com foco em sua Faculdade de Direito e no Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”. A partir de análise documental e de outras fontes de consulta, são apresentados os fundamentos das prerrogativas e ações tanto da Universidade como do Diretório Acadêmico para reconhecimento e exercício da representação estudantil e, por conseguinte, do

¹¹ Os congregados são membros de uma religiosa autorizadas pela Santa Sé, em Roma. Os seculares são vinculados diretamente ao Vaticano subordinados ao governo diocesano local (explicação da autora).

¹² Nomenclatura própria, adotada pelas Instituições Católicas de Ensino Superior para a Pastoral Universitária instaladas em seus *campi*.

protagonismo juvenil universitário; o capítulo tem o propósito de justificar a Faculdade como “celeiro de lideranças” elencando nomes de egressos que, a seu tempo, destacaram-se como líderes sociais ou políticos na região e no País.

O Capítulo III destina-se a demonstrar os resultados da investigação junto aos indivíduos que vivenciaram esse período temporal e se tornaram sujeitos dessa história, como protagonistas jovens (como agentes de transformação) ou adultos (no caso de dirigentes e docentes).

CAPÍTULO I – O JOVEM NO MUNDO ADULTO

1.1 Juventude e Cultura Juvenil – contrapontos ao mundo adulto

Através dos meios de comunicação e das redes sociais, é possível confirmar, no mundo todo, a participação de milhares de jovens em manifestações em defesa da paz, da ética, da liberdade de expressão, dos direitos humanos, do bem comum, entre outros assuntos que pautam a mídia nacional e internacional e são bandeiras de grupos políticos e sociais organizados por entidades estudantis que se mobilizam em torno de uma causa e sob a liderança de outros jovens – liderança entendida como “a arte de **comandar pessoas**, atraindo seguidores e **influenciando** de forma positiva mentalidades e comportamentos”(disponível em <https://www.significados.com.br/lideranca/>. Grifos da fonte de consulta). A presença juvenil em movimentos de cunho político e cultural dirigem o olhar da opinião pública para a essa categoria social pouco considerada até então.

Originária do Latim, *Juventus*, de *Juvenis* (novo, jovem), a definição de juventude encontra diferentes conceituações nas ciências médicas e sociais e, enquanto objeto de estudo, o tema vem ganhando espaço de reflexão nos campos da Educação, da Antropologia Cultural, da Sociologia e da História. Os pesquisadores em geral justificam a relevância de estudar o comportamento dos jovens porque os classificam como uma categoria social capaz de promover mudanças (ABRAMO, 1997) ou, como considera Machado Pais (1990, p. 139), uma categoria “[...] da linguagem comum, de intervenção administrativa, do discurso político [...]”. Historicamente, a juventude desperta atenção sobre os dilemas da sociedade pois apresenta incertezas quanto à continuidade e o futuro de um modelo social.

De um modo geral, pode-se dizer que a “juventude” tem estado presente, tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade. A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade. Nesse sentido, condensa as angústias, os medos assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura. (ABRAMO, 1997, p. 29).

Para Campos (2010), a juventude desperta fascínio pela ambivalência que carrega ao representar o bom e o ruim do processo civilizatório e, propagada como a “idade de ouro”, é uma “categoria singular” construída pela visualidade e que, nos últimos 50 anos, vem desempenhando papel vital nos meios de comunicação e com emprego das tecnologias de

informação, apropriando-se da imagem visual como seu principal recurso para produção da cultura juvenil.

Sugiro, ainda, que os atributos visuais que contribuem para distinguir a juventude enquanto categoria social e cultural singular desempenham um papel vital na constituição de uma cultura visual que se expõe primordialmente nos media e nas novas tecnologias, nas indústrias culturais e de lazer, que atravessa a publicidade, o cinema, a Internet, a música, entre outros territórios de produção e consumo de bens culturais. (CAMPOS, 2010, p.114).

Na concepção desta autora, a juventude é uma fase biológica que antecede o estágio de maturação física e de representação social para ingresso no mundo adulto e, portanto, arquitetada e socialmente construída. Para melhor compreensão de seu pensamento, recorre, *a priori*, às referências conceituais compiladas por Stamato no que diz respeito à maturidade física e psicológica do indivíduo:

[...] Frente a esse impasse, fomos buscar referências que nos fornecessem base para nossa escolha. Groppo (2000) analisa três termos que tem utilizado para definir esta etapa da vida intermediária entre a infância e a idade adulta – puberdade, adolescência e juventude. O primeiro termo, puberdade, criado pelas ciências médicas, se refere ao período de transformações corporais que o indivíduo passa rumo à maturidade. O segundo, adolescência, utilizado pela psicologia, psicanálise e pedagogia, abarca as transformações que ocorrem na personalidade, na mente e no comportamento dos sujeitos nesta fase. E o terceiro, juventude, é empregado pelas ciências sociais, em especial a sociologia, antropologia cultural e social e a história, *para identificar o período entre as funções da infância e a funções sociais do adulto.* (2008, p.9-10).

Ainda em Stamato encontra argumentos para considerar a juventude atual como categoria complexa, pouco compreendida e situada em um período específico da vida pessoal e social.

A complexidade e a significação social da juventude contemporânea geram questões ainda não plenamente compreendidas e equacionadas pela sociedade. Determinada pelo momento histórico e pelo contexto econômico, político, social e cultural em que insere, a juventude é caracterizada como um período específico da vida, marcado por processos de definição e inserção social. É um momento de passagem da condição de dependência para a autonomia, em que, idealmente, se completa a formação física, intelectual, psíquica, social e cultural, e que não pode mais ser visto apenas como uma etapa de preparação para a fase adulta, sem necessidade de análises ou políticas específicas. (2008, p.13).

Para situar essa etapa no desenvolvimento físico, psíquico e social dos indivíduos, as pesquisas científicas utilizam o referencial etário que, no Brasil, são os mesmos critérios definidos pelas Nações Unidas (ONU) e as mesmas faixas de idade estabelecidas para os censos demográficos e políticas públicas. A juventude nacional compreende as idades entre 15 e 24

anos. Vale ressaltar que é nessa fase que os jovens experimentam um processo de profundas definições em diferentes dimensões, necessitados de apoio para tornarem-se sujeitos socialmente ativos e participativos. Isso significa que as instituições devem oferecer e disponibilizar suportes adequados que favoreçam a participação juvenil no cenário social.

Longe da pretensão pessoal de uma análise mais profunda sob as lentes da Psicologia Social, da Antropologia Cultural ou da própria Sociologia, a autora tentou clarear sua concepção de juventude para, assim, perpassar a cultura juvenil como produto gerado por indivíduos que se encontram nessa etapa de transição. Sobre como os jovens conferem sentido ao mundo e a si mesmos, recorre aos estudos de Machado Pais.

De acordo com o referido pesquisador português, a cultura está presente nos processos de socialização e caminha entre as correntes teóricas dominantes da Sociologia da Juventude para encontrar influências e paradoxos na cultura juvenil, tomando como ponto inicial um conceito amplo: “[...] Por cultura juvenil, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente dominantes atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais [...]” (1990, p.163). Também com o contributo de Machado Pais, é possível distinguir a pluralidade de modos de vida e de práticas cotidianas a exercerem influência no comportamento dos jovens e ainda definir culturas juvenis como *processos de internalização de normas e de socialização*¹³ (1990, p. 163).

Socialização considerada por ele em dois de seus vários sentidos: o primeiro, quando se refere aos ordenamentos sociais transmitidos por normas coletivas (de gerações, de classes sociais etc.); o segundo, focado nos indivíduos e como reproduzem ou modificam tais normas. Sob esses dois aspectos, a cultura dá sentido à vida:

Em ambos os sentidos, a cultura pode ser entendida como um conjunto de significados compartilhados; um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire um sentido. Esses «significados compartilhados» fazem parte de um conhecimento comum, ordinário, quotidiano. (MACHADO PAIS, 1990, p.164).

Os caminhos escolhidos pelos jovens em busca de sentido podem ser de rupturas ou desvios do convencional, conforme conclui Machado Pais – correr risco parece ser uma

¹³ Grifos de Machado Pais.

tendência própria da transição para o estágio adulto. Usando como metáfora o tabuleiro de xadrez, o estudioso compara as táticas empregadas pelos jovens e pelos adultos no jogo da vida onde cada geração opta por movimentar as peças de acordo com seus anseios e valores. Enquanto os jovens aventuram-se por caminhos alternativos, os adultos selecionam cautelosamente rotas conhecidas: “as velhas gerações tendem a jogar com os valores de forma conservadora” (2006, p.11).

A universidade como espaço de formação acadêmica e social de jovens possui características e dinâmicas próprias que pretendem prepará-los para as funções pertinentes ao mundo adulto, como a inserção no mercado profissional e construção da cidadania. Por outro lado, os jovens da contemporaneidade vivem a expansão do consumo e das mídias sociais. Esses e outros fatores impossibilitam a definição de um perfil único e restrito aos jovens e se tornam desafios à universidade.

A configuração de grupos juvenis na contemporaneidade assume caráter múltiplo quando relacionado a todo movimento de expansão do consumo. O desenvolvimento das indústrias culturais e dos meios de informação e comunicação de massa atrelado a oferta de bens e atividades de lazer descrevem pontos essenciais na formação dos (novos) sujeitos da juventude pós-moderna. Na busca em configurarem-se seres únicos e dotados de originalidade, os jovens lançam mão de artefatos, modismos e posturas que outorgam um significado individual, no qual são respondidos seus anseios e desejos. (BORTOLAZZO & MARCONI, 2013, p.33).

Esta pesquisa focaliza lideranças juvenis na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos, analisando as características, valores e expectativas dos então presidentes do “Diretório Acadêmico Alexandre de Gusmão” no período temporal entre 1986 – ano da criação da Universidade, e 1990, quando deveria estar concluído o tempo oficial para obtenção do bacharelado em Ciências Jurídicas (cinco anos de curso). Nesse sentido, é mister caracterizar e compreender a juventude daquele período e Abramo auxilia com a análise dos jovens brasileiros nas décadas de 1980 e 1990 e a reação das autoridades governamentais brasileiras às manifestações estudantis nos anos de 1960, quando ganharam visibilidade social a partir da resistência ao regime militar e, ainda, pelo movimento da contracultura surgido nos Estados Unidos da América:

No Brasil, é particularmente neste momento que a questão da juventude ganha maior visibilidade, exatamente pelo engajamento de jovens de classe média, do ensino secundário e universitário, na luta contra o regime autoritário, através de mobilizações de entidades estudantis e do engajamento nos partidos de esquerda; mas também pelos movimentos culturais que questionavam os padrões de comportamento — sexuais, morais, na relação com a propriedade e o consumo. Vale a pena lembrar que tal medo gerou, aqui, respostas violentas de defesa dessa ordem: os jovens foram perseguidos pelos aparelhos repressivos, tanto pelo comportamento (ousos de drogas, o modo de se vestir etc.) como por suas ideias e ações políticas. (ABRAMO, 1997, p. 31).

Para Abramo, os ideais dos jovens de 1960 e de 1970 não mais eram defendidos pela geração da década de 1980 – identificada como “individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos, apática” e, portanto, sem capacidade de reconhecer seu papel na história e como “fonte de mudança” (1997, p.31). Na geração seguinte (1990), a visibilidade social dos jovens retorna parcialmente às ruas devido aos comportamentos transgressores individuais ou coletivos que, ainda, denotam traços de individualismo e de violência – marcas até então da juventude dos anos de 1950. Tais comportamentos, segundo Abramo, contribuíram apenas para manter os jovens dos anos 90 à margem de uma transformação social e responsabilizados pelo fracasso das instituições e de seus projetos de ressocialização. Apesar de representada em produtos culturais da época, como em dois filmes cinematográficos¹⁴, a juventude nesse período permaneceu quase invisível.

A partir de Abramo, caracterizando os traços das gerações de 1980 e 90, e de Machado Pais, apontando a cultura juvenil como sentido de pertencimento para os jovens, tornou-se pertinente investigar o perfil dessas lideranças no ambiente universitário, assim como identificar os anseios e valores que conferiram sentido a tais jovens e as “táticas” empregadas por eles no “jogo” da representação estudantil.

Antes, porém, é considerável, lembrar o período histórico no Brasil nas décadas de 1980-90. Após 21 anos sem que os brasileiros elegeassem o presidente da República, a reabertura política começou com o movimento popular das “Diretas Já”, em maio de 1983 e que se estendeu até 1984, tendo mobilizado vários segmentos da sociedade civil, como políticos, artistas, intelectuais e, naturalmente, os jovens. Em 1985 Tancredo Neves foi eleito pelo Colégio Eleitoral como presidente do Brasil.



Figura 2
Comício pelas diretas já na Boca maldita
Fonte: Gazeta do Povo (RJ)

¹⁴ O filme **O que é isso companheiro** de Bruno Barreto, lançado em 1997, inspirado no livro do mesmo título, de Fernando Gabeira, publicado em 1979 pela Editora Codecri, e o filme **Como nascem os anjos**, de Murilo Salles, exibido em 1996.

Com o movimento de redemocratização do País, os santistas também lutaram pela volta da autonomia política do Município, suprimida pelo Governo Militar em 1969. A sociedade local abraçou esta luta que mobilizou estudantes secundaristas e universitários. Em 1984, dois anos antes da criação da Universidade Católica de Santos, a população comemorou a volta da normalidade civil no Município. Em 25 de julho do mesmo ano, Oswaldo Justo tomou posse como prefeito eleito por votação direta.



Figura 3: Oswaldo Justo (ao centro), eleito por voto popular prefeito de Santos, com o vice, Esmeraldo Tarquínio, e vice-governador de São Paulo, Orestes Quércia (à direita) na cerimônia de posse
Fonte: Fotografia de Walter Mello.

Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0285z5.htm.S/d>.

O reconhecimento da Universidade pelo Ministério da Educação, em 6 de fevereiro de 1986, conferiu-lhe a condição de primeira universidade do litoral paulista.



Figura 4

Atto de assinatura do reconhecimento da Universidade Católica de Santos O ministro da Educação e Cultura, Marco Maciel (ao centro), participa da cerimônia de reconhecimento da Universidade Católica de Santos e com a presença de seu primeiro reitor, Prof. Dr. Pe. Waldemar Valle Martins (segundo à esquerda, sentado)

Fonte: Acervo: Departamento de Imprensa da Universidade Católica de Santos

Na opinião um de seus dirigentes, abertura política no País e a reconquista da liberdade de expressão e mobilização ainda se apresentavam timidamente entre a comunidade estudantil, como declara o professor Antonio Fernando Conceição Santos¹⁵, que foi vice-reitor comunitário por 12 anos consecutivos.

O clima, principalmente, nos meios universitários, era de uma euforia contida. De um lado o alívio pelo término de um período difícil e de outro, certa apreensão por conta de uma eventual reação de certos segmentos daqueles que deixavam o poder. Mas, a grande certeza era a esperança num novo tempo, apesar das muitas indefinições.

1.2 Protagonismo Juvenil – o empoderamento dos jovens

Os movimentos liderados por estudantes têm despertado a atenção da sociedade e passaram a ser entendidos, mais recentemente, como protagonismo juvenil – um papel central para ação, uma modalidade educativa e um espaço de possibilidades para jovens atuarem de maneira compromissada e livre na busca da solução de problemas reais. Do Latim *protos* (principal, primeiro) e *agonistes* (lutador, competidor -), o termo é empregado desde o final da década de 1980 [em documentos oficiais] por organizações não governamentais, e por lideranças juvenis.

Neste estudo, a abordagem do tema apoia-se no campo da Psicologia Social, encontrando em Stamato (2008, p.59) a construção teórica do termo protagonismo juvenil e a constatação de que o empoderamento do jovem se dá a partir da consciência sobre seu papel de “agente de transformação e renovação contínua da sociedade”.

A raiz etimológica remete o conceito de protagonismo juvenil ao fortalecimento do poder do jovem, enquanto ativo participante na transformação política e social. Entretanto, este fortalecimento e a conseqüente participação não ocorrem por si, de forma espontânea, natural, em função do ingresso na juventude, mas resultam de um processo, por meio do qual o jovem se torne capaz de ser não mero ator social, mas um lutador, que questione e intervenha consciente e criticamente em sua vida e na sociedade.

Ainda como subsídio investigativo, a autora orienta-se outrossim no pensamento do educador e estudioso do protagonismo juvenil, Antonio Carlos Gomes da Costa, ao considerar a participação ativa e construtiva do jovem na escola, na comunidade e na sociedade como o

¹⁵ SANTOS, Antonio Fernando Conceição. Bacharel em Jornalismo e Direito. Atualmente é assessor de Comunicação, consultor de Marketing e diretor-secretário da Sociedade Visconde de São Leopoldo. Ocupou os cargos de assessor de imprensa da Sociedade Visconde de São Leopoldo e de secretário acadêmico, vice-diretor e diretor da Faculdade de Comunicação de Santos. Como vice-reitor foi responsável pela implantação das políticas estudantis na Universidade. Entrevista em 06/09/2016.

“cerne do protagonismo”. Costa delimita as fronteiras dessa participação quando não se realiza de forma voluntária e espontânea (2007, p.10): “[...] Existem formas de participação, que são a negação do protagonismo. A participação manipulada, a participação simbólica e a participação decorativa são formas, na verdade, de não-participação [...]”.

Stamato e Costa concordam que esse envolvimento se torna genuíno quando desenvolvido em um ambiente democrático, onde o propósito volta-se para a formação e promoção de uma juventude com autonomia, competência e solidariedade. Corroborando com o mesmo pensamento, as expectativas sobre o ganho dessa atuação principal tanto para os jovens quanto para a sociedade:

29¹⁶. O que o jovem ganha com o protagonismo?

* A participação autêntica se traduz para o jovem num ganho de autonomia, autoconfiança e autodeterminação numa fase da vida em que ele se procura e se experimenta, empenhado que está na construção da sua identidade pessoal e social e no seu projeto de vida. 30. O que a sociedade ganha com o protagonismo dos jovens?

* A sociedade ganha em democracia e em capacidade de enfrentar e resolver problemas que a desafiam. A energia, a generosidade, a força empreendedora e o potencial criativo dos jovens é uma imensa riqueza, um imenso patrimônio que o Brasil ainda não aprendeu utilizar da maneira devida. (COSTA, 2007, pp 110-111).

No Brasil, a questão da participação social da juventude está inserida no Artigo 3º da Constituição Federal de 1988¹⁷, no sentido de garantir o estado de direito e a promoção do bem de todos os brasileiros independentemente de idade ou qualquer outra forma de discriminação.

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Essa Carta Magna foi promulgada com o retorno da normalidade política, após anos sob um regime militar autoritário e repressor, com privação dos direitos civis. Um momento traumático na história nacional, quando vários segmentos da população, entre os quais os jovens estudantes, lutaram pela liberdade de expressão e quando tantos indivíduos acabaram perseguidos pela ditadura e até exilados ou tidos como desaparecidos. Vale ressaltar que a elaboração da Constituição Federal de 1988 congregou estudantes e também antecipou o voto

¹⁶ Numeração de acordo com o documento consultado.

¹⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, acesso em 13/07/2017.

facultativo para os 16 anos de idade. Com normalidade civil, foram criadas leis nacionais e, por recomendação da ONU, os governos, até o brasileiro, devem proporcionar iniciativas de participação da juventude. Observe-se que durante o processo de redemocratização do País, nos meados da década de 1980, nasceu a Universidade Católica de Santos, imbuída de princípios e valores para a promoção humana por meio da ação transformadora de seus jovens estudantes.



Figura 5
Jovens presentes na sessão que aprovou voto aos 16 anos (1988)
Acervo Jornal O Globo¹⁸.

No período de redemocratização da sociedade brasileira, o movimento juvenil ganhou espaço nas manifestações políticas e sociais – jovens liderados por jovens. De acordo com Della Vecchia (2011, s/p): “[...]. Ao longo dos anos os estudantes vivenciaram inúmeros momentos de protagonismo, como a luta contra a implantação da ditadura militar em nosso país e posteriormente no processo de redemocratização da sociedade brasileira. [...]”. Em sua pesquisa, Renato da Silva Della Vecchia analisa como se deu a rearticulação do movimento estudantil gaúcho, perpassando o movimento nacional e demonstrando o comprometimento dos jovens com a redemocratização. O pesquisador os coloca como os atores principais na reestruturação da União Nacional dos Estudantes e dos diretórios acadêmicos, ou seja, os estudantes foram protagonistas em seu tempo.

Embora na primeira metade da década de 70 tivessem surgido algumas manifestações de massa, principalmente em São Paulo (plebiscito contra o ensino pago em 1972; a missa em repúdio ao assassinato de Alexandre Vannuchi, em 1973; o Comitê de Defesa dos Presos Políticos em 1974; a greve da ECA e a greve geral e a missa de repúdio ao assassinato de Vladimir Herzog em 1975) na Bahia luta contra o clico básico 1972 e a greve geral vitoriosa contra o jubramento em 1975), além de inúmeras outras mobilizações encaminhadas pelos estudantes em diferentes locais do país, que

¹⁸<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/na-constituente-de-88-jovens-de-16-anos-conquistam-direito-de-votar-no-brasil-12938949#ixzz4mj6qXmbU>. Acesso em 13/07/2017.

embora fossem importantes, foram isoladas e não conseguiram impor uma derrota política à ditadura.

Em 1976 esse quadro começa a dar sinais de transformação. Surge o primeiro DCE-livre do país pós 68⁹³, o DCE-livre Alexandre Vannuchi Leme, da Universidade de São Paulo. Neste mesmo ano é reconstruído o DEC da Bahia, com eleições livres e diretas e são realizados o I^o e II^o Encontro Nacional dos Estudantes. Embora limitados àqueles estudantes mais avançados e que se encontravam nas entidades mais combativas, representaram um grande avanço para o movimento estudantil na medida em que foi o espaço legal encontrado para a reorganização dos estudantes a nível nacional [...]. (DELLA VECHIA, pp. 173-174).

A mobilização da juventude em torno de causas sociais e em favor dos direitos humanos também encontrou e encontra apoio na Igreja Católica Apostólica Romana, por meio de grupos e de pastorais existentes nas dioceses e nas instituições de ensino superior vinculadas à Igreja. A Universidade Católica de Santos e, portanto, sua Faculdade de Direito, tem suas origens e está vinculada à Igreja tanto em sua estrutura de comando quanto na identidade institucional.

A missão institucional da Universidade Católica de Santos tem como propósito a defesa de valores cristãos para a transformação da sociedade, por meio da militância de cidadãos éticos, tecnicamente competentes, solidários e justos. Tais premissas são explicitadas no Marco Referencial da Instituição e no processo de formação acadêmica, social e humanitária dos discentes.

Formar cidadãos com base nos princípios da solidariedade, da justiça e do respeito aos direitos humanos, fortalecidos pela ética cristã e com competência profissional para atuar em uma realidade sociocultural heterogênea e sujeita a frequentes mutações. (UNISANTOS, 1986, s/p).

Como estabelece Forquin (1993), educar é sempre transmitir alguma coisa a alguém: conhecimentos, competências, crenças, valores, hábitos etc. A formação e a socialização de jovens implica em dar à educação um valor intrínseco, um sentido amplo e universal de modo que se caracterize como uma relação orgânica onde um conjunto de saberes e valores, produzidos pelo indivíduo enquanto sujeito humano, integrem os conteúdos do domínio escolar e as práticas que atribuem significados a outros indivíduos. Na modernidade, a educação formal de jovens ganha uma dimensão muito importante, visto que representa sua preparação para adentrarem na fase adulta da vida. Esse “tempo de espera” é um desafio para os governantes, educadores e pais e também para os jovens que passarão a desempenhar o papel de protagonistas para a transformação da sociedade.

Da perspectiva da Universidade Católica de Santos, tal propósito é validado no depoimento¹⁹ do ex vice-reitor comunitário, professor Antonio Fernando Conceição Santos (2016, s/sp), à época designado para formalizar a representação estudantil nos órgãos colegiados e estabelecer a proximidade com os diretórios acadêmicos e atléticas.

Independentemente do fato de ter sido Vice-Reitor Comunitário por 12 anos, eu sempre considerei o papel da universidade com dois focos: o da instrução, o do fornecimento das ferramentas e da transmissão do conhecimento para a boa formação do futuro profissional; e o da educação, da sociabilização, o papel de transmissora de princípios éticos e morais para o crescimento do cidadão, de modo que ele possa entender e conviver com as diferenças e se integrar numa sociedade mais justa, humana e participativa.

A escola é também espaço de formação da identidade dos jovens e, portanto, local de representações e de transformações. A identidade do jovem é construída em sua relação com a família, o trabalho, a escola, a universidade. No processo de formação, busca elementos na representação simbólica da cultura e no sentido de pertencimento. Sobre isso, Silva destaca o sentido de pertencimento que os jovens buscam em sua relação com grupos e instituições de forma a vivenciar sua “condição juvenil”.

Assim, há uma clara tendência, por parte do aluno contemporâneo, em resistir à rotulação dada pela escola e pautar suas ações, inclusive no interior do ambiente escolar, em suas próprias visões de mundo. Essas, normalmente, se baseiam em valores externos à escola e são compartilhadas por seu grupo de pertencimento. A escola, a partir de então, deixa de ser um local em que se dedica exclusivamente aos estudos e torna-se, também, espaço de vivência da condição juvenil. Nos ambientes escolares, exibem-se visuais, atributos corporais e os comportamentos característicos dos respectivos grupos de pertencimento aos quais se filiam. [...]. (SILVA, 2015, p.57-58).

Mendes e Santos (2014, p.7) destacam a educação como espaço e meio para o desenvolvimento do protagonismo juvenil – condição para que o jovem atue como principal ator de sua vida e história. Em seu artigo, as autoras ressaltam o dever das instituições educacionais comprometidas com a formação dos jovens de promover condições para o exercício do protagonismo juvenil, em especial, para aqueles que vivem nos centros urbanos.

[...] Um dos espaços privilegiados para os jovens desenvolverem seu protagonismo é a escola, bem como outros lugares voltados para ações educativas e direcionados aos adolescentes e jovens. Ao mesmo tempo, é também nesses espaços que se pode ir construindo o projeto de vida e concretizando os sonhos. [...]

¹⁹ Depoimento por escrito à autora em 06/09/2016 – Santos/SP.

A visão jovem do mundo apontada por Silva (2015, pp. 57-58) e a predisposição para contestações podem provocar dificuldades na relação com a instituição educacional. Nesse sentido, o questionamento é usado como tática empregada por lideranças juvenis enquanto protagonistas de um processo de mudanças, como afirma o vice-reitor Antonio Fernando Conceição Santos: “para as lideranças, combater a instituição é a melhor arma porque isso dá votos e ganha eleições para os órgãos estudantis. Esse combate, muitas vezes, fecha portas e ergue barreiras” (2016, s/p).

Enquanto espaço (estrutura e saberes), a Universidade deve oferecer condições à participação dos estudantes para o desenvolvimento de competências e habilidades, a fim de que se tornem “fonte de iniciativa” conforme preconiza Costa:

Essas competências e habilidades podem ser transmitidas através apenas da docência?
 * É certo que não. Para criar os espaços necessários à eclosão das práticas e vivências capazes de permitir aos jovens exercitarem-se como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso são necessários recursos pedagógicos de natureza distinta da aula. São necessários acontecimentos em que o jovem possa desempenhar um papel protagônico. Aqui, o discurso das palavras deve ser substituído pelo curso efetivo dos acontecimentos. (2007, pp.9-10).

De acordo com o depoimento de Santos, na primeira década de sua criação a Universidade disponibilizou espaços para o exercício da cidadania e o despertar de lideranças jovens.

A relação entre universidade e lideranças estudantis, no mundo todo, é conflitante. Isso é histórico. Principalmente na escola particular, onde o custo das mensalidades sempre foi e será um divisor de águas. Guardadas as devidas proporções, essa relação é do mesmo tipo das relações entre empregador e empregado porque sempre é regada pela desconfiança. Mesmo dentro dessa ótica, o melhor é tentar suavizar essas eventuais divergências e minimizá-las através do diálogo, das ações conjuntas, da valorização da atuação das lideranças políticas. E foi o que tentei fazer, criando espaços para a manifestação dos pleitos, oportunidades para divulgarem suas aptidões, principalmente as culturais e esportivas e colocando à disposição canais de atendimento das suas necessidades, como o Serviço de Apoio Pedagógico e Social e o projeto experimental de Ouvidoria. [...]. (SANTOS, 2016).

A relação delicada entre o DA²⁰ e a Universidade é atestada no recorte de jornal da matéria sobre o valor das multas por atraso nas mensalidades, publicada, em 1988, no jornal A Tribuna²¹, e confirma a ação das lideranças estudantis em busca de soluções para problemas reais – núcleo do protagonismo. O Diretório tinha meios próprios de divulgação.

²⁰ Na gestão de Marta Idália Santos Leon foi aprovada alteração para Centro Acadêmico (CA)

²¹ Acervo pessoal do ex-presidente do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”, Marcelo Pavão de Freitas, gestão 1987-88.

"DIRETÓRIO ACADÊMICO ALEXANDRE DE GUSMÃO"

GESTÃO UNID. 87/88

INFORMATIVO :

A TRIBUNA - Domingo, 18 de setembro de 1988

MENSALIDADES

Estudantes contra critério de multas

Um movimento conjunto entre os diretórios acadêmicos das faculdades mantidas pela Universidade Católica de Santos, no sentido de sensibilizar a direção da Sociedade Visconde de São Leopoldo, mantenedora da instituição, para a revogação da cobrança do que chamam de "OTN diária" sobre as mensalidades em atraso, é a intenção do presidente do Diretório Acadêmico Alexandre de Gusmão, Marcelo Pavão de Freitas, da Faculdade de Direito de Santos, a primeira atingida pelo novo cálculo. Para isso, os representantes do DA já entraram em contato com a direção da mantenedora e organizam, agora, um abaixo-assinado entre os universitários, peça principal do apelo que pretendem fazer à instituição.

Até agosto, segundo a 1ª secretária do DA, Marta Santos Leon, a mensalidade sofria um acréscimo de 6% de multa, se fosse paga após a data de vencimento, no dia 10 de cada mês. Se o estudante completasse 30 dias de atraso, esse total era reajustado pela OTN do mês, para se corrigir a inflação do período sobre a parcela em atraso. Segundo os estudantes, o cálculo atual é baseado em um índice criado pela tesouraria da faculdade, resultado da divisão do valor da OTN de setembro pela de agosto, que estaria sendo aplicado diariamente sobre a dívida dos universitários, além dos 6% convencionais de multa.

"A questão aqui é de coerência, pois não se pode corrigir um valor em setembro, argumentando com a inflação, se o mês ainda não terminou. É uma cobrança antecipada da correção monetária do período, uma correção, aliás, inventada. Isso, se já não bastassem os aumentos periódicos, as correções de defasagem que provocaram verdadeiros pulos nas mensalidades, e a cobrança inusitada de taxas de dependências de matérias e adaptações, o que nunca foi feito. Ficamos estarecidos ao receber os carnês de setembro com essa OTN diária", argumenta Marta.

CEE APROVA

"Esses e outros argumentos fazem parte de uma petição encaminhada pelo diretório de Direito ao reitor da UniSantos, padre Waldemar Valle Martins, e ao diretor-geral da SVSL, Fúlvio Casal, onde os estudantes apelam para o "bom senso" desses representantes e pedem a revogação da cobrança da OTN diária, tendo em vista que a realidade sócio-econômica da Nação é caótica e não existe ainda um reajuste salarial diário".

O presidente do DA, em contato com o reitor e o diretor da SVSL, foi informado que as medidas tomadas pela instituição estão respaldadas no artigo 12 da Deliberação 7/88 do Conselho Estadual de Educação, que determina: "A

falta de pagamento da mensalidade até a data do vencimento implicará no acréscimo de multa única de 6%, bem como correção monetária do principal, calculada 'pro data die' a partir da data do débito. De qualquer forma, ainda segundo os estudantes, Fúlvio Casal teria prometido a não taxação dos universitários que recebem seus salários só a partir do dia 25 de cada mês, período bem posterior ao vencimento das mensalidades.

"O diretor da SVSL nos disse que esses casos serão levados em consideração, mas o que queremos mesmo é a revogação da medida, mesmo que respaldada pela lei. Nem tudo que é legal deve ser aplicado imediatamente. Onde fica o espírito católico da instituição? É preciso mais sensibilidade. Esta semana, vamos de classe em classe, colocar os alunos a par do que está acontecendo, porque a desinformação é geral, inclusive na própria tesouraria da faculdade, que recebeu a comunicação do novo cálculo por telefone. Queremos que o reajuste das mensalidades volte ao sistema antigo", disse Marcelo.

O presidente e a secretária do DA de Direito alegam, também, que até o uso da biblioteca da faculdade está sendo dificultado aos estudantes que registram atraso nas mensalidades. "É inadmissível querer vincular um direito acadêmico a uma questão de tesouraria", alegam.

AVAMAR
Impressores

RUA JOÃO PESSOA N.º 412 — SANTOS
TELS. 35-1503 - 32-2613

Figura 6
Matéria na imprensa local sobre ação dos estudantes de Direito (DA) contra multa nas mensalidades atrasadas.

Acerco: Marcelo Pavão de Freitas

A formação e a socialização de jovens implicam em dar à educação um valor intrínseco, um sentido amplo e universal de modo que se caracterize como uma relação orgânica onde um conjunto de saberes e valores, produzidos pelo indivíduo enquanto sujeito, integrem os conteúdos do domínio acadêmico e as práticas que atribuem significados a outros indivíduos. A universidade é também espaço de formação da identidade dos jovens e, portanto, local de representações e de transformações.

A identidade do jovem é construída em sua relação com a família, o trabalho, a escola. No processo de formação, busca elementos na representação simbólica da cultura e no sentido de pertencimento. As possibilidades de socialização e de sociabilidade dos jovens estão além dos limites físicos e pedagógicos da escola. Estão disponíveis e acessíveis em espaços diferentes.

O empoderamento da juventude para uma ação transformadora escora-se naquilo que é próprio dos jovens: ideais, imaginação, visão de mundo e energia – potencial reconhecido pela ONU na Resolução 50/81(1995)²²: “[...] que os jovens de todos os países são recursos humanos importantes para o desenvolvimento, bem como agentes fundamentais de mudança social, desenvolvimento econômico e inovação tecnológica [...]”. Aprovado na 50ª Sessão da Assembleia Geral, o Programa de Ação Mundial para a Juventude até o Ano 2000 e além tem como foco “[...] medidas para fortalecer as capacidades nacionais no campo da juventude e aumentar a qualidade e a quantidade de oportunidades disponíveis de participação plena, efetiva e construtiva dos jovens na sociedade [...]”.

Com fundamentação em Barrientos e Lascano (Apud Stamato, 2008, p. 74), a transformação de jovens em atores sociais exige o desenvolvimento de quatro capacidades interativas que constituem o protagonismo: 1) **as básicas** (autoestima, identidade, humor, otimismo, esperança e criatividade); 2) **participação** (confiança, autonomia, socialização e reciprocidade, capacidade de interação com seu entorno); 3) **protagonismo** (participação ativa na elaboração e execução de iniciativas de transformação de adversidades, visão - pensamento estratégico, proposição, negociação, gestão/execução); e 4) **atuação social para o desenvolvimento e cidadania**²³ (participação ativa no planejamento e construção do próprio futuro, da família e comunidade, cumprimento do papel familiar, social, econômico e político).

1.3 A Cultura Juvenil e o Protagonismo dos Jovens

²² Disponível em http://www.unfpa.org.br/Arquivos/10-A_res_50_81_port.pdf, acesso em 17 de julho de 2017.

²³ Grifos de Stamato.

A investigação sobre lideranças juvenis na Faculdade de Direito da UNISANTOS, atuantes entre 1986 e 1990, exige que a autora, *a priori*, identifique o perfil dos jovens daquele período. Para tal, recorre à Helena Wendel Abramo, em seu trabalho de 1997, Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil onde retrata uma juventude cujo comportamento foi o oposto ao das gerações que a antecedeu, uma vez que os jovens das décadas de 1960 e 1970 se rebelaram contra a ordem social estabelecida e brigaram por mudanças no sistema vigente (sociais, culturais, políticas), por isso, considerada como “a categoria portadora da possibilidade de transformação profunda” (p. 27). Por outro lado, os jovens dos anos 80 e 90 demonstraram-se ausentes da participação política e com pouca adesão aos movimentos e organizações estudantis. Existia uma preocupação daqueles que atuavam na esfera política com o “enfraquecimento dos atores estudantis”.

Essa preocupação vem acompanhada de um diagnóstico que identifica nos jovens um desinteresse pela política e de um modo mais geral pelas questões sociais, como resultado da acentuação do individualismo e do pragmatismo que se afirmam como tendências sociais crescentes, tornando-os “pré-políticos” ou quase que inevitavelmente “a-políticos”. (ABRAMO, 1997, p. 27).

Relevante, da mesma forma, é a contribuição de Abramo ao averiguar a dificuldade de atores políticos considerarem os jovens daquela época capazes de assumir qualquer militância na esfera pública. A problematização da juventude focava-se nos desvios de comportamento e enfatizava a relação juventude e cidadania.

No entanto, toda vez que se relaciona a questão da juventude à da cidadania, seja pelos atores políticos seja pelas instituições que formulam ações para jovens, são os “problemas” (as privações, os desvios) que são enfocados; todo debate, seminário ou publicação relacionando esses dois termos (juventude e cidadania) traz os temas da prostituição, das drogas, das doenças sexualmente transmissíveis, da gravidez precoce, da violência. As questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade) e nunca, ou quase nunca, questões enunciadas por eles, mesmo por que, regra geral, não há espaço comum de enunciação entre grupos juvenis e atores políticos (1997, p. 28).

As considerações de Abramo evidenciam uma diferenciação entre os anos 80 e 90 no que se refere à visibilidade social das figuras juvenis. Na década de 1990, eles ganharam as ruas do País em ações individuais ou coletivas de caráter transgressor (arrastões, *surf* ferroviário, gangues etc.), que são desvios que remetem aos elementos próprios da geração da década de 1950.

Nos anos 90 a visibilidade social dos jovens muda um pouco em relação aos anos 80: já não são mais a apatia e desmobilização que chamam a atenção; pelo contrário, é a

presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas. [...]. E nessa formulação, como encarnação de impossibilidades, eles nunca podem ser vistos, e ouvidos e entendidos, como sujeitos que apresentam suas próprias questões, para além dos medos e esperanças dos outros. Permanecem, assim, na verdade, semi-invisíveis, apesar da sempre crescente visibilidade que a juventude tem alcançado na nossa sociedade, principalmente no interior dos meios de comunicação. (1997, p.32).

Para seguir adiante na compreensão da conduta dos jovens em foco, a autora busca subsídios em Machado Pais quando aponta a cultura como um conjunto de significados compartilhados e entende cultura juvenil enquanto “sistema de valores socialmente dominantes atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais (MACHADO PAIS, 1990, p.163)

Antes de avançar na caracterização das lideranças jovens na Faculdade de Direito (perfil e conduta), faz-se mister reiterar a missão institucional da UNISANTOS²⁴, voltada para a formação cidadã e solidária dos estudantes, o que se confirma na fala de um de seus dirigentes à época. Eis aqui um desafio para esta e qualquer outra instituição educacional – a entrada do jovem no mundo adulto e as diferentes concepções de cultura. Como conclui Jean-Claude Forquin na obra de sua autoria, “Escola e Cultura – as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar”: “[...] Educar, ensinar, é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que deles se nutra, que ele os incorpore à sua substância, que ele construa sua identidade intelectual e pessoal em função deles. [...]” (1993, p. 168).

Voltando ao estudo de Abramo, de 1997, é válido julgar que jovens do período 1986-1990, estudantes da Faculdade de Direito da UNISANTOS, pertenciam à geração juvenil dessa duas décadas e, portanto, apresentavam senão as mesmas características apontadas por Abramo, pelo menos retratavam algumas delas.

O quadro a seguir registra algumas declarações dos ex-presidentes do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão” que contrariam o perfil da juventude dos anos 180/90 identificado por Abramo. Da mesma forma, evidenciam indícios de uma cultura juvenil própria desse segmento universitário²⁵ no período temporal entre 1986 e 1990.

²⁴ Formar cidadãos com base nos princípios da solidariedade, da justiça e do respeito aos direitos humanos, fortalecidos pela ética cristã e com competência profissional para atuar em uma realidade sociocultural heterogênea e sujeita a frequentes mutações. (Marco Referencial - UNISANTOS, 1986).

²⁵ Lideranças estudantis à frente do DA de uma tradicional e conceituada instituição católica e particular, localizada na Baixada Santista, recém-aprovada como Universidade e que viviam a recente redemocratização do Brasil e a volta da autonomia política em Santos.

Quadro 1 – Características da juventude segundo Abramo e ex-presidentes do DA “Alexandre de Gusmão”

GESTÃO	NOME	PERFIL ABRAMO	CULTURA JUVENIL
1986	José Eduardo Guerra Jardim	Os jovens das décadas de 1980/90 demonstraram-se ausentes da participação política e com pouca adesão aos movimentos e organizações estudantis	“[...] Defender os interesses dos estudantes junto às instituições de ensino, mas também participar ativamente da vida pública, com seus movimentos e reivindicações nos âmbitos municipal, estadual e federal na defesa dos estudantes e população em geral. Esta atitude forma o líder estudantil um cidadão mais qualificado. [...]”
1987	Marcelo Pavão de Freitas	Os jovens das décadas de 1980/90 demonstraram-se ausentes da participação política e com pouca adesão aos movimentos e organizações estudantis	“[...] fui presidente do Diretório Acadêmico na época da Constituinte, então o mundo pegava fogo e o Brasil era um inferno, então eram várias coisas muito sérias e eu continuei participando da gestão da minha sucessora, eu era diretor das Relações Externas, mas ativamente apenas nos bastidores, fui me dedicar à Atlética e depois na Comissão de Formatura.[...]”
1988	Marta Idália Santos Leon	Os jovens das décadas de 1980/90 demonstraram-se ausentes da participação política e com pouca adesão aos movimentos e organizações estudantis	“[...]. Quando veio o processo de abertura com o presidente Figueiredo, em 1989, a gente encontrou ainda quem tivesse um ranço de trabalhar dessa maneira engajada dentro de um Centro Acadêmico num partido político, eu sempre achei que a entidade dos estudantes tinha que ser política e não partidária. [...]”

Fonte: ABRAMO, 1997 e entrevistas com José Eduardo Guerra Jardim, Marcelo Pavão de Freitas e Marta Idália Santos Leon

Autoria: Neusa Lopes Vicente, julho de 2017.

As declarações dos ex-presidentes vão de encontro às características da juventude das décadas de 1980/90 identificadas por Abram, mas auxiliaram esta investigação na busca por respostas que elucidem melhor a cultura dos jovens estudantes de Direito e suas lideranças.

CAPÍTULO II - REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

2.1 Do coração da igreja para servir à sociedade

Nascida do coração da Igreja na Idade Média, a universidade católica é considerada um marco enquanto centro do pensamento e espaço privilegiado de discussão e sem comparativos para a história da cultura ocidental. Na modernidade, a missão original da universidade católica foi reiterada pelo Papa Bento XVI em seu discurso de inauguração do ano acadêmico de uma secular instituição europeia de ensino superior e destacada pelo Cardeal Angelo Sodano em carta ao Cardeal Diogini Tettamanzi, Arcebispo de Milão:

[...]. Referindo-se ao magistério do servo de Deus João Paulo II, o Santo Padre indicou a missão fundamental de cada Universidade na busca contínua da verdade mediante a pesquisa, a preservação e a comunicação do saber para o bem da sociedade. Uma Comunidade acadêmica católica ressaltava o Papa nessa circunstância distingue-se pela inspiração cristã dos indivíduos e da própria Comunidade, pela luz de fé que ilumina a reflexão, pela fidelidade à mensagem cristã assim como é apresentada pela Igreja e pelo compromisso institucional ao serviço do povo de Deus [...]. (SODANO, 2006).

2.2 A Universidade Católica de Santos: 1986-1990. Criação e estruturação acadêmica e institucional e representação estudantil

[...] O objetivo essencial de uma instrução superior católica é o de preparar os estudantes para assumirem plenamente as responsabilidades culturais, sociais e religiosas que lhes seriam pedidas. A universidade católica educa, antes de tudo, através do contexto de vida, do clima que os estudantes e professores criam, no ambiente em que desenvolvem as atividades de instrução e de aprendizagem[...] (BRUSTOLIN, 2016).

Fiel ao compromisso da Igreja e às diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)²⁶, a trajetória da Universidade Católica de Santos vem sendo percorrida passo a passo e em parceria com a sociedade metropolitana regional. Com mais de meio século de existência, sua história vincula-se intrinsecamente à própria história da Baixada Santista e está

²⁶ Art. 5 – Missão da Universidade católica é servir à humanidade e à Igreja: 1. Garanta, perene e institucionalmente, a mensagem de Cristo no universo científico e cultural, desenvolvendo o diálogo entre a razão e a fé, entre o Evangelho e a cultura; 2. Contribuindo, conforme a própria identidade, para a solução dos graves problemas contemporâneos; 3. Dedicando-se, sem limites, à luz da inteligência e da Revelação, à investigação do universo e da sua relação essencial com Deus, verdade Suprema; 4. Contribua para o aprofundamento do conhecimento e valor da pessoa humana; 5. Estando a serviço e ensino da verdade, fundamento da liberdade, justiça e dignidade humana; 6. Criar condições para o diálogo ecumênico e inter-religioso.

integrada aos principais episódios vivenciados por seus cidadãos. A região destaca-se por abrigar o maior complexo portuário da América Latina e agrega nove municípios, apresentando uma economia diversificada que engloba a indústria, o comércio e o turismo. Tais características representam desafios para os setores público e privado quanto ao avanço tecnológico, ao crescimento econômico e social e às questões ambientais e, em especial, a lideranças comprometidas com o bem comum. É nesse cenário que a Universidade Católica de Santos adotou como missão institucional:

Formar cidadãos com base nos princípios da solidariedade, da justiça e do respeito aos direitos humanos, fortalecidos pela ética cristã e com competência profissional para atuar em uma realidade sociocultural heterogênea e sujeita a frequentes mutações. (Marco Referencial - UNISANTOS, 1986).

A missão da primeira universidade da região, como está consolidada sua imagem institucional, concretiza-se no ensino, na pesquisa e na extensão. Ao mesmo tempo, é reconhecida pelo diferencial em oferecer serviços à comunidade e por sua contribuição efetiva ao desenvolvimento social, econômico e cultural desse conjunto de municípios. Além da colaboração ativa com o desenvolvimento regional, a UNISANTOS é considerada formadora de profissionais e de lideranças sociais, políticas e culturais aptas a atuarem em tal realidade e contexto.

A UniSantos, enquanto Instituição de Educação Superior, privada sem fins lucrativos, filantrópica, comunitária, confessional e *multicampi*, dispensa especial atenção às políticas públicas ao propor e desenvolver inúmeros projetos nas diversas áreas, em benefício da população regional. Há 63 anos, desde a criação de sua primeira unidade universitária, assumiu como missão contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Este compromisso é assumido por meio da presença marcante e atuante de alunos e professores nas comunidades locais e com reflexo direto na capacitação profissional dos estudantes. Seja por iniciativa própria ou em parceria com o Poder Público, em suas várias instâncias, ou, em conjunto com várias organizações. Tal comprometimento permeia os projetos pedagógicos dos cursos de graduação e programas de pós-graduação. (UNISANTOS, 2014 Relatório de Autoavaliação Institucional, p. 13).

O vanguardismo da Universidade e integração local remontam à década de 1950. Até então, o Município contava apenas com escolas católicas de nível fundamental e médio e crescia a demanda local por cursos superiores de qualidade a fim de que os jovens não mais deixassem a Baixada Santista em busca de formação. O anseio da sociedade encontrou resposta na Diocese local, quando em 28 de agosto de 1951, sob o comando do terceiro bispo diocesano, Dom Idílio José Soares (1943/1966), 15 cidadãos constituíram a assembleia geral de fundação da

mantenedora. Eram educadores, médicos, comerciantes, religiosos, historiadores e políticos, entre as quais, o então prefeito nomeado de Santos, Joaquim Alcaide Valls (1951/ 1952). A escolha do nome de Sociedade Visconde de São Leopoldo ocorreu após a Assembleia Geral decidir pela criação da Faculdade de Direito e em homenagem a José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de São Leopoldo (RS) – santista de nascimento e instituidor dos cursos jurídicos no Brasil. Na mesma reunião também foram designados os membros da Diretoria e do Conselho Consultivo da Mantenedora.

Motivadas pelo desejo da população, um grupo de 34 empresas locais decidiu contribuir com o patrimônio financeiro inicial da Mantenedora. Tornou-se, então, viável cumprir o ideário dos fundadores: desenvolver um projeto nos moldes da milenar prática da educação católica. O propósito moldou as demais unidades criadas ao longo dos 65 anos e mantém vivo o sonho daqueles cidadãos unidos sob um princípio único de “promoção de atividades aptas a satisfazer aspirações ao progresso que são comuns à sociedade”. (SÁ PORTO, 1996).

Na sequência cronológica, em 1954, criou-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras com os cursos iniciais de Jornalismo, Letras e Pedagogia; em 1959, a instituição incorporou a Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais (originalmente de outra mantenedora). Em 1966, o quarto bispo diocesano, Dom David Picão assumiu a presidência da Mantenedora e em sua administração foram criadas, em 1970, as Faculdades de Arquitetura e Urbanismo; de Comunicação; e de Serviço Social; e nos anos seguintes, as de Enfermagem e Obstetrícia (1985); de Farmácia e Bioquímica (1988); e de Engenharia (1996). Todas formariam as Faculdades Católicas de Santos, embrionárias da Universidade.

Em 28 de janeiro de 1986 – dia consagrado a Santo Thomas de Aquino, a Universidade Católica de Santos foi reconhecida e, em 6 de fevereiro do mesmo ano, foi promulgada a Carta Consulta, tornando-se a primeira da região, com a homologação do parecer de aprovação do Processo 3924/76, pelo então Ministro da Educação Marco Antônio Maciel. Com a resignação de Dom David Picão, em 2000, a São Leopoldo passou a ser presidida pelo bispo, Dom Jacyr Francisco Braidó, até 2015, quando renunciou e Dom Tarcísio Scaramussa assumiu como chanceler da Universidade e, em 2016, como presidente eleito da Mantenedora.

Nascida da vontade de seus instituidores e comunidade acadêmica e do “coração da Igreja”, a recém-criada Universidade manteve a promoção do diálogo fé e razão e reiterou o compromisso dos fundadores de formar um profissional cidadão alicerçado nos princípios da solidariedade, justiça, respeito aos direitos humanos e à ética cristã. Compromisso ressaltado pelo primeiro reitor, professor doutor padre Waldemar Valle Martins, em seu pronunciamento durante a cerimônia de reconhecimento da Universidade:

[...] Senhores, esta é a preocupação principal da Universidade Católica: a de quietar a inteligência pela criação e conquista da ciência e do saber: a de ajudar a construir o homem inteiro pelo compromisso social e cristão de servir a todos. (SÁ PORTO, 1996).

Por tradição e prática, a Universidade é considerada um polo inovador na Baixada Santista no que tange à formação de profissionais, aos serviços e à geração e propagação do conhecimento. Sua responsabilidade social faz-se presente nos esforços internos para ampliar os espaços do saber, de modo que o pensar e o fazer acadêmicos sejam compartilhados e socializados para além das salas de aula, ultrapassando os limites dos *campi* universitários, da região, do Estado e do País. A relevância de seu comprometimento com o desenvolvimento regional revela-se na participação no Conselho Técnico para o desenvolvimento do Plano de Ciência, Tecnologia e Inovação do Parque Tecnológico de Santos e seu credenciamento junto à Agência Nacional de Petróleo e Gás (ANP).

Seus protagonistas são os discentes e docentes que atuam em fóruns de discussão sobre políticas públicas, como dirigentes de entidades de categorias profissionais ou membros de instituições civis, ou, ainda, como agentes transformadores da realidade de populações em ações concretas e pontuais. A socialização da produção acadêmica e de conhecimentos técnico-científicos acontece por meio de projetos e serviços oferecidos gratuitamente às comunidades interna e externa, oriundos dos cursos de graduação e programas de pós-graduação desenvolvidos por escritórios-modelos, agências experimentais e clínicas-escola. Mantém convênios com empresas públicas e privadas e organizações diversas para cooperação técnica e oferta de estágio aos discentes.

A mobilidade acadêmica traz o benefício da experiência internacional com resultados aplicados na realidade local. A Universidade proporciona aos seus discentes e docentes a oportunidade de aprimorar os estudos em reconhecidas e tradicionais universidades do Exterior mediante convênios acadêmico-científicos, técnicos e culturais, e recebe anualmente

estudantes, professores e pesquisadores de instituições internacionais para estudar na Universidade Católica de Santos.

Na citação do ex-chanceler, Dom David Picão (2001), a identidade católica da Universidade deve ser “uma realidade, um substantivo”. Enquanto comunidade acadêmica busca inspiração na mensagem crística e nos ensinamentos da Igreja. O lema no brasão institucional expressa o conceito de um ensino voltado para a causa da Verdade: *Dilatentur Spatia Veritatis* (“Ampliando o Espaço da Verdade”).

A humanidade vive o terceiro milênio da Era Cristã em uma economia globalizada e sob a lógica capitalista. Nesse contexto, e UNISANTOS permanece aberta ao mundo e atenta aos problemas comuns aos países. Nas palavras do ex-chanceler, Dom Jacyr Braido, a vocação “deve tender à especialização profissional e científica e garantir a conservação e o progresso nos diversos ramos do conhecimento pelo ensino e pela pesquisa”; ao mesmo tempo, Dom Jacyr reafirma a valorização da pessoa humana e o papel da academia na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, a partir do incentivo à “capacidade de diálogo e de colaboração entre as pessoas e no respeito ao meio ambiente e ao planeta Terra”. (BRAIDO, 2001, p.7).

Sua finalidade pública e identidade católica e comunitária são pedra angular da missão institucional e definiram quatro eixos transversais e orientadores de práticas que contribuem para o desenvolvimento regional e do País e para a excelência acadêmica de seus cursos: Cidadania, Meio Ambiente, Porto e Energia. Eixos norteadores para as atividades de extensão e que expressam sua identidade comunitária e confessional, cujas ações estão apresentadas nas unidades universitárias, órgãos suplementares, setores acadêmicos e administrativos.

A Universidade dispensa especial atenção às políticas públicas ao propor e desenvolver projetos nas áreas social e de saúde coletiva, por iniciativa própria ou em conjunto com o Poder Público, nas respectivas instâncias, ou, ainda, junto a várias organizações da sociedade civil. A participação de representantes em conselhos e comissões municipais revela o compromisso com a construção de políticas públicas.

O acesso ao ensino superior é um direito defendido pela Universidade e caminho para a inclusão social de jovens e adultos — outro aspecto da Responsabilidade Social. Enquanto política de incentivo à formação superior e capacitação profissional, a UNISANTOS mantém, com recursos próprios e/ou do Governo Federal (PROUNI)²⁷, o Programa de Bolsas de Estudo que abrange várias modalidades de bolsas e níveis de formação, contemplando tanto os

²⁷ Programa Universidade para Todos do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004.

discentes ingressantes, quanto os egressos, docentes e corpo técnico-administrativo e, ainda, seus dependentes. Seu cadastramento no FIES é outra alternativa para o financiamento da educação superior.

A Pró-Reitoria de Pastoral incentiva a prática da cidadania e da solidariedade mobilizando discentes, docentes e o corpo técnico-administrativo por meio de campanhas internas e promovidas pela disciplina Problemas do Homem Contemporâneo e da Pastoral da Universidade. As campanhas humanitárias atendem às necessidades materiais de grupos e de comunidades carentes.

A missão institucional ultrapassa as fronteiras nacionais e a coloca como parceira do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur), por meio da Cátedra Sérgio Vieira de Mello — sediada no Programa de Mestrado em Direito, e que visa difundir o Direito Internacional dos Refugiados. Nesse sentido, apoia a integração de refugiados estrangeiros no País, por meio de programas educacionais e sociais de extensão.

Após um processo que durou 10 anos até o reconhecimento pelo Ministério da Educação, em 1986, a implantação do projeto de Universidade provocou alterações nas estruturas acadêmica e administrativa. O novo cenário a ser construído orientava-se pelo Estatuto e Regimento Geral da Universidade que deveriam ser de conhecimento dos docentes, discentes e corpo técnico-administrativo. Além das reuniões com gestores acadêmicos e administrativos, o veículo impresso “Informativo UNISANTOS”, órgão oficial de divulgação interna, publicou uma série de seis matérias sob o título “O que você deve saber sobre a Universidade” com informações e esclarecimentos sobre a constituição e o papel de órgãos colegiados e de outras unidades, inclusive sobre as entidades de representação estudantil.



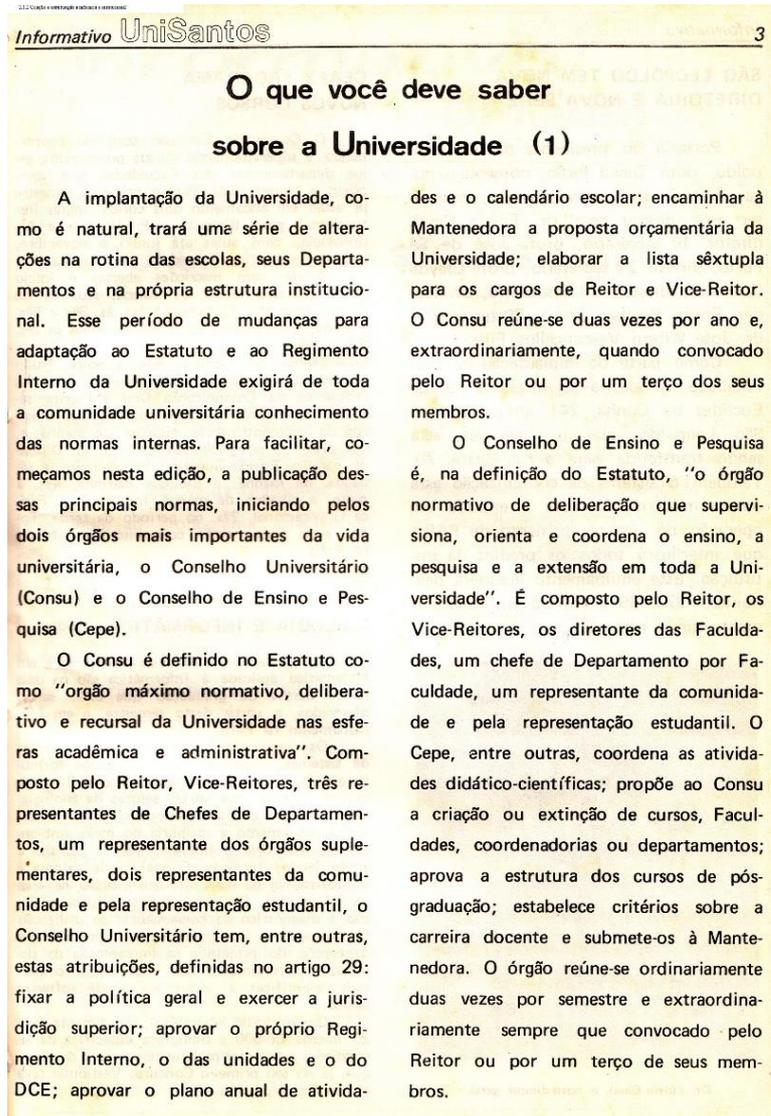


Figura 6
 Informativo UNISANTOS
 Matéria na edição de março de 1986
 Acervo: Departamento de Imprensa da Universidade Católica de Santos

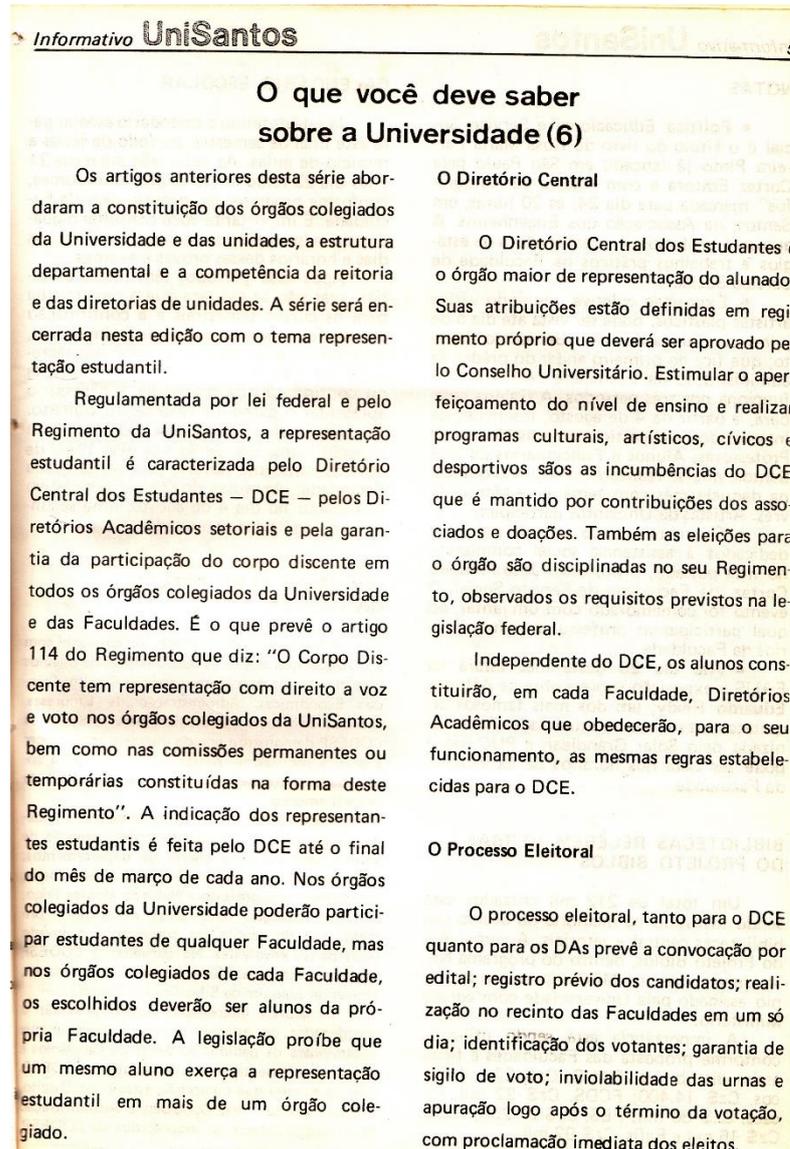


Figura 7
 Informativo UNISANTOS
 Matéria na edição de junho de 1986
 Acervo: Departamento de Imprensa da Universidade Católica de Santos

Merece menção o fato de que a imprensa local (jornais A Tribuna e Cidade de Santos) noticiou esse “passo a passo” na estruturação da UNISANTOS. A comunidade acadêmica e a sociedade regional testemunhavam “par e passo” o desenvolvimento do projeto em tempo real; isto é com todos seus órgãos, setores e atividades adaptando-se às mudanças enquanto continuavam em atividade.

A representação estudantil na UNISANTOS regia-se por seu Estatuto e Regimento Geral. A normatização encontrava-se Artigos 59 e 60 do primeiro Estatuto (de 1986) e condicionava a criação de entidades estudantis “à prévia autorização” do Conselho Universitário. Em 31 outubro de 1985, quatro meses antes do reconhecimento da Universidade, foi aprovada a Lei Nº 7.395 que trouxe reconhecimento às organizações estudantis, conferindo-lhes representatividade e autonomia.

Art . 1º - A União Nacional dos Estudantes - UNE, criada em 1937, é entidade representativa do conjunto dos estudantes das instituições de ensino superior existentes no País.

Art . 2º - As Uniões Estaduais dos Estudantes UEES são entidades representativas do conjunto dos estudantes de cada Estado, do Distrito Federal ou de território onde haja mais de uma instituição de ensino superior.

Art . 3º - Os Diretórios Centrais dos Estudantes - DCEs são entidades representativas do conjunto dos estudantes de cada instituição de ensino superior.

Art . 4º - Fica assegurado aos estudantes de cada curso de nível superior o direito à organização de Centros Acadêmicos - CAS ou Diretórios Acadêmicos - DAS como suas entidades representativas.

Art . 5º - A organização, o funcionamento e as atividades das entidades a que se refere esta lei serão estabelecidos nos seus estatutos, aprovados em assembléia-geral no caso de CAS ou das e através de congressos nas demais entidades.

Art . 6º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art . 7º - Revogam-se as disposições em contrário, especialmente as contidas na Lei nº 4.464, de 9 de novembro de 1964, e na Lei nº 6.680, de 16 de agosto de 1979. Brasília, em 31 de outubro de 1985; 164º da Independência e 97º da República.

José Sarney Sarney

Marco Maciel

(Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7395.htm, acesso em 30/07/2017).

A partir dessa lei as normas internas da UNISANTOS cederam à legislação federal. Um indício da adequação das regras institucionais à nova realidade com alteração estatutária é a observação manuscrita ao lado do Artigo 60, onde se lê “Revogado pela lei 7395/85”, como aparece na Figura 8.

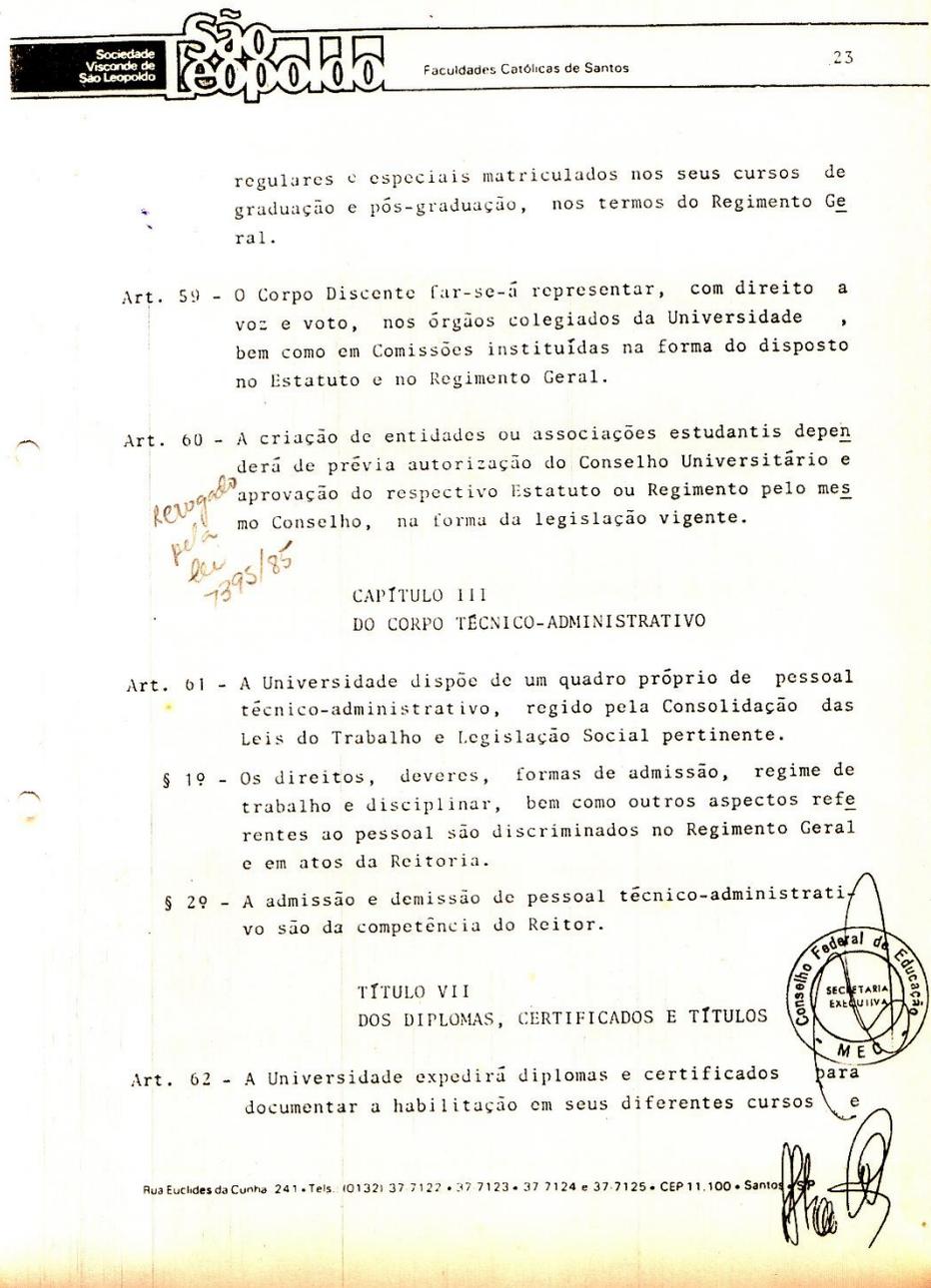


Figura 8
Estatuto da Universidade Católica de Santos (1986, p. 23)
Acervo: Departamento de Imprensa da Universidade Católica de Santos

A Universidade institucionalizou a figura dos representantes de classe, escolhidos entre os estudantes dos cursos. Ainda considerava a constituição do Diretório Central dos Estudantes, que por sua vez, era responsável por indicar os estudantes que participariam dos órgãos colegiados superiores.

2.3 A Faculdade de Direito (1986-1990) - celeiros de lideranças

Instituída com o nome de Faculdade Católica de Direito de Santos, a primeira unidade de ensino superior da Sociedade Visconde de São Leopoldo, obteve autorização para o funcionamento do Bacharelado em Ciências Jurídicas pelo Decreto Nº 31.134, de 15 de julho de 1952 e reconhecimento com o Decreto Nº 38.107/1955. Desde sua instalação, está sediada à Avenida Conselheiro Nébias, 589, no bairro do Boqueirão, que dá nome ao *campus*. A denominação original – Católica de Santos, foi suprimida quando da criação da Universidade e passou a ser identificada como Faculdade de Direito da Católica de Santos. Conhecida como tradicional e defensora da preservação da memória da “Casa Amarela”²⁸, sua comunidade acadêmica reivindicou o retorno do nome com o qual foi instituída: Faculdade Católica de Direito. Atual e diferentemente das demais unidades universitárias, é a única receber a denominação de Faculdade. No período compreendido para esta pesquisa, a direção da Faculdade foi ocupada pelo docente, graduado em Direito e advogado em atuação, Francisco Prado de Oliveira Ribeiro.

Assim como as todas unidades da UNISANTOS, a Faculdade de Direito acompanhou as diretrizes institucionais, oferecendo aos jovens estudantes aquela formação acadêmica, profissional e humanística preconizada pelo Marco Referencial. O bacharelado em Ciências Jurídicas era cumprido em cinco anos de curso e oferecido nos períodos matutino e noturno. A concretude da proposta pedagógica encontrava-se entre os componentes curriculares de caráter reflexivo e relacionadas ao comportamento ético e moral, como, por exemplo, Problemas do Homem Contemporâneo (PHC) – esta matéria é definida como a assinatura institucional da UNISANTOS e, até o presente, integra os currículos de todos os cursos de graduação e sob um único ementário:

A disciplina Problemas do Homem Contemporâneo (PHC), expressão acadêmica da identidade católica da UniSantos, estuda o ser humano em sua essência e existência,

²⁸ Como ficou conhecido imóvel que abrigava a Faculdade Católica de Direito de Santos. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos180.htm>, acesso em 31/07/2017.

proporcionando-lhe autoconhecimento, análise da sua condição humana e possibilidades de realizar-se como pessoa, tendo em vista a dignidade fundamental do ser humano e sua abertura transcendental. Desta forma, salienta as situações e os desafios contemporâneos que o interpelam na sua condição de pessoa, cidadão e futuro profissional. (UNISANTOS, 2012 apud FRANCO, s/d, p.102).

A observação sobre essa característica da matriz curricular do Bacharelado em Direito, entre 1986 e 1990, justifica-se como observação investigativa quanto ao contributo do conjunto de disciplinas, profissionalizantes e complementares, associado à oportunidade de prática profissional na ação social que os estudantes dos últimos anos exerciam em projetos de extensão comunitária, realizados em localidades carentes dos municípios de Santos e São Vicente, de modo a ter, em princípio, escorado e incentivado o protagonismo juvenil universitário.

Francisco Prado de Oliveira Ribeiro recorda como se comportavam as lideranças estudantis e os jovens durante o período em que foi o diretor da Faculdade: “[...] Como tive a sorte de conviver muito proximamente com jovens, sendo muitos os alunos com quem tive contato, como professor, nas aulas que ministrei, pude constatar o entusiasmo pelo novo, pelo conhecimento, o que é próprio dessa época da vida [...]” (2017,s/p). Em 1990, ele foi eleito e nomeado reitor da UNISANTOS. Esse “bom relacionamento” com os representantes estudantis é confirmado pelo ex-presidente do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”, José Eduardo Guerra Jardim: “[...] O maior contato era com o Francisco Prado de Oliveira Ribeiro, diretor da faculdade e com o Tesoureiro da Sociedade Visconde São Leopoldo Fúlvio Casal. Com ambos contatos eram, mas o Chico Prado, mesmo defendendo os interesses da Universidade, sempre agiu de forma muito democrática. [...]” (2017, s/p).

Os gestores administrativos e acadêmicos²⁹ diferenciavam o perfil das lideranças da Faculdade de Direito daquelas existentes nas outras unidades:

“Diferenças nos pleitos, nas reivindicações, na luta, não se percebia. Mas, ficava evidente nas lideranças da Faculdade de Direito mais organização, mais consciência, mais raciocínio lógico, maior preocupação com a legalidade e as consequências nas estratégias e ações”. (SANTOS, 2016, s/p).

A reputação da Faculdade de Direito é de formar profissionais competentes e destacados em suas carreiras, na vida pública, na política e na ação social na região e no País – um verdadeiro celeiro de lideranças. No dicionário, a figura de linguagem: “verdadeiro celeiro” significa ser “fonte permanente de algo; lugar em que se criam, se formam ou se produzem de

²⁹ Pessoas do quadro funcional da Instituição, coordenadores de departamentos da administração ou de cursos e setores de apoio ao ensino.

modo recorrente, sistemático, certos tipos de pessoa, de realizações [...]”³⁰. Sua comunidade acadêmica assim a reconhece e também a sociedade regional.

A Faculdade de Direito, desde a sua criação, foi um celeiro na formação de extraordinários profissionais que se destacaram nas suas carreiras, na vida pública e na política. A História está aí para confirmar isso. E, na época da criação da Universidade, apesar das incertezas do novo momento político em que estávamos ingressando, não foi diferente. A Faculdade de Direito continuou dando respostas à sociedade e mostrando sua pujança. (SANTOS, 2016, s/p).

A atuação dos estudantes no cenário local e no âmbito da Universidade era notadamente diferenciada e se apresentava já no o início da vida acadêmica. Estudantes que, depois de graduados, obtiveram projeção nacional, como aponta o ex-vice-reitor comunitário Antonio Fernando Conceição Santos:

[...]. Muitos destaques, que seria impossível nominá-los, até para não cometer injustiças. E que, depois de formados, ingressaram na vida pública como vereadores, prefeitos, secretários de governo, deputados, desembargadores, um ministro de Estado e um ministro do STF. E o mais interessante é que foi a única instituição universitária da região em que a atuação política dos seus alunos começava já no início da atividade acadêmica, com o engajamento político interno, através de partidos políticos, como o MAR e o PIA, por exemplo, que se tornaram essenciais nas lutas dos estudantes. (2016, s/p).

2.4 O Diretório Acadêmico “Alexandre De Gusmão”: 1986-1990. Criação e presidências

O Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”, denominado como Centro Acadêmico (CA) desde o final da década de 1980, é o órgão oficial e exclusivo de representação estudantil da Faculdade Católica de Direito da Universidade Católica de Santos, fundado em 28 de março de 1953. Por princípio de historicidade, a autora adotou a denominação de Diretório Acadêmico (DA). Seu nome é uma homenagem ao diplomata Alexandre de Gusmão, santista de nascimento que serviu a corte de D. João V de Portugal.

O DA é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com duração por tempo indeterminado e foi declarado de utilidade pública³¹. Segundo o Artigo 3 do Estatuto (2004), tem como finalidade:

I – Congregar e representar os seus membros, promovendo sua união em torno da solução de seus problemas e defendendo os interesses individuais e coletivos dos universitários, podendo propor as ações coletivas, populares e civis públicas, nos termos da Lei 8.078/90, 9.870/99 e 7.347/85, inclusive para ações revisionais de

³⁰ Aulete Dicionário Digital, disponível em <http://www.aulete.com.br/index.php>, acesos em 30/07/2017.

³¹ Lei Nº 2.197, de fevereiro de 1959. Estatuto do Centro Acadêmico “Alexandre de Gusmão”.

mensalidades escolares e pagamento de taxas e outros valores, sem necessidade de nova autorização dos associados, conforme RMS 15325, relatora Min. Eliana Calmon do E. STJ, em decisão de 07/05/2003, súmula 629 do E. STF e decisão do MM. Juízo 7ª Vara Cível de Santos, nos autos 2187/03, publicada no DOE em 13/09/2004.

II – O aperfeiçoamento constante das condições do ensino jurídico e o desenvolvimento cultural e político dos estudantes de direito;

III – Lutar pelo aperfeiçoamento do direito e das instituições jurídicas, para que toda a população goze de justiça e igualdade social;

IV – Estimular e defender movimentos ou organizações democráticos autônomos que estejam orientados no sentido dos objetivos que constam deste estatuto;

V – Promover o desenvolvimento moral, intelectual e social dos associados;

VI - construir uma entidade independente, democrática e solidária;

VII - concorrer para o aprimoramento das instituições democráticas.

Desde sua fundação está instalado nas dependências da Faculdade Católica de Direito e é constituído pela Assembleia Geral, Conselho Fiscalizador e Diretoria Executiva – esta composta pelo presidente, vice-presidente, secretário, 2º secretário, tesoureiro e 2º tesoureiro. A estrutura organizacional integra ainda três departamentos: Jurídico, Sociocultural e de Comunicação e seus diretores são nomeados pelo presidente.

Sempre houve eleição para a Diretoria Executiva com um processo sucessório muito e acirradamente disputado pelas chapas dos partidos acadêmicos. As regras da eleição são definidas pelo Estatuto:

Art. 57. Os partidos acadêmicos serão compostos de, no mínimo, cinco por cento de todos os acadêmicos regularmente matriculados na Faculdade Católica de Direito de Santos, distribuídos em, pelo menos, três classes, comprovada a filiação através da ficha própria, devidamente rubricada pelo Presidente do partido.

Art. 58. É obrigatória a adoção de um Estatuto pelo partido acadêmico.

Art. 59. Os partidos adquirem existência após seu registro no Conselho fiscalizador, que se dará mediante requerimento, assinada por seus fundadores e inscritos de uma cópia do Estatuto, bem como das fichas de filiação.

Parágrafo único. Da ficha de filiação constará, obrigatoriamente, o nome do acadêmico, série, endereço, data de filiação, assinatura do filiado e rubrica do Presidente do partido. (2004, s/p).

Esse processo revelou lideranças estudantis que depois projetaram-se na vida pública, como afirma o ex-presidente José Eduardo Guerra Jardim:

[...]. Nosso grupo formou o Partido Acadêmico Universidade Democrática – UNID. É importante destacar que, na formação da UNID, foi o militante do PCB, Roberto Lee Hiroshi, quem deu a maior contribuição para esta organização. Com a formação do partido acadêmico foi eleito seu presidente o saudoso amigo e advogado, Jeferson de Arruda Santos, o qual seria o primeiro presidente eleito pela UNID para o Diretório Acadêmico Alexandre de Gusmão. A UNID disputou seis eleições, perdeu a primeira com professor da UNISANTOS e promotor de justiça, Luiz Sales do Nascimento, e a última com o advogado e conselheiro da Associação dos Advogados de São Paulo, José Clemente Júnior. A UNID elegeu os quatro presidentes, a saber: Jefferson de Arruda Santos, José Eduardo Guerra Jardim (eu), Marcelo Pavão de Freitas e Marta Idália Santos Leon. Além disso, pela forma coesa e intensa como realizávamos o trabalho na política acadêmica, derrotamos muitas das atuais lideranças políticas do

Estado e dos municípios da Baixada, tais como, o vice – governador de São Paulo, Márcio França, o ex-vice-prefeito de Santos, Eustázio Alves Pereira, e o ex-presidente da Câmara de Cubatão, Manoel Deodoro. (2017, s/p).

Nos 54 anos de existência, a presidência do DA foi ocupada pelos seguintes estudantes eleitos: 1953 – Arquimedes Bava; 1954 – Walter Cotrófe; 1955 – Rubens de Souza Castro; 1956 – Hubert Nowill; 1957 – Paulo José de Azevedo Bonavides; 1958 – não consta; 1959 – Sylvio Antunes de Carvalho; 1960 – Miguel Kodja Neto; 1961 – Valter Uzzo (MAR); 1962 – Carlos Alberto Brancato (MAR); 1963 – Mozar Costa de Oliveira; 1964 – Antonio César Peluso; 1965 – não consta; 1966 – não consta; 1967 – Elias Antonio Jacob; 1968 – não consta; 1969 – não consta; 1970 – não consta; 1971 – Roberto Mehanna Khamis; 1972 – não consta; 1973 – não consta; 1974 – Arlindo da Fonseca Antonio; 1975 – Hercules Rocha de Goes; 1976 – não consta; 1977 – não consta; 1978 – não consta; 1979 – não consta; 1980 – não consta; 1981 – Edmur Mesquita; 1982 – Jeferson da Silva (MAP); 1983 – Márcio Luiz França Gomes (Partido Independente); 1984 – Nivaldo Calheiros de Balbino Silva (Partido Independente); 1985 – Jefferson de Arruda Santos (UNID); 1986 – José Eduardo Guerra Jardim – Dedé (UNID); 1987 – Marcelo Pavão de Freitas (UNID); 1988 – Marta Idália Santos Leon (UNID); 1989 – Cleiton Leal Dias Júnior; 1990 – Paulo Della Rosa; 1991 – Cleucio Santos Nunes (UP); 1992 – Paulo Henrique Cremonese Pacheco (Partido Acadêmico Universitário); 1993 – Marco Antônio Barbosa Mendes (UP); 1994 – Éder Santana de Oliveira (UP); 1995 – Eduardo Vieira Busch (UP); 1996 – Antonio Henrique Gabriel (UP); 1997 – Rafael Arantes (FERA); 1998 – Rodrigo Santos (FERA); 1999 – Raquel Santos (FERA); 2000 – Fabio Bicudo (Ética); 2001 – Fabio Bicudo (Ética); 2002 – não consta; 2003 – Marcelo Lapola (Ética); 2004 – Mateus Monteiro Barbosa (Ética); 2005 – Raphael Pedron – (Ética); 2006 – não consta; 2007 – Emerson Tauyl (POPS); 2008 – Gihad Menezes (POPS); 2009 – Lucas Augusto (POPS); 2010 – Adriano Ialongo (POPS); 2011 – Marcell Leite (NEO); 2012 – João Pedro Ritter (NEO); 2013 – Jonathan Percivalle de Andrade (NEO); 2014 – Reinaldo Neo Marques (DGOE); 2015 – não consta; 2016 – não consta; e 2017 – não consta. (Disponível em <http://caagunisantos.com.br/gestoes-antiores/> acesso em 05/04/2015).

No período pesquisado foram eleitos presidentes Jefferson de Arruda Santos (1986 - falecido), José Eduardo Guerra Jardim (1986), Marcelo Pavão de Freitas (1987), Marta Idália Santos Leon (1988), Cleiton Leal Dias Júnior (1989) e Paulo Della Rosa (1990). Para a pesquisa, foram entrevistados José Eduardo Guerra Jardim, Marcelo Pavão de Freitas e Marta Idália Santos Leon.

CAPÍTULO III – PROTAGONISMO JUVENIL UNIVERSITÁRIO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

A partir da concepção de que o protagonismo juvenil pode existir no espaço escolar democrático, a atenção da Universidade Católica de Santos para uma atuação compromissada e livre por parte de suas lideranças juvenis deve levar em conta suas premissas institucionais no que se refere à uma formação profissionalizante de qualidade, mas sobretudo, à valorização da cidadania e calcada em valores éticos e de solidariedade. Compete à UNISANTOS despertar nos jovens estudantes o interesse por novos conhecimentos e estimular a participação em causas que visem ao bem comum, ao bem público. Nesse sentido, deve vislumbrá-los e às suas lideranças como fonte de iniciativa e capazes de fazer escolhas livres e responsáveis.

Tornarem-se atores sociais e protagonistas exige dos jovens o fortalecimento das quatro capacidades interativas apontadas por Barrientos e Lascano (apud Stamato, 2008, p. 74): **1) as básicas** (autoestima, identidade, humor, otimismo, esperança e criatividade); **2) participação** (confiança, autonomia, socialização e reciprocidade, capacidade de interação com seu entorno); **3) protagonismo** (participação ativa na elaboração e execução de iniciativas de transformação de adversidades, visão – pensamento estratégico, proposição, negociação, gestão/execução); e **4) atuação social para o desenvolvimento e cidadania**³² (participação ativa no planejamento e construção do próprio futuro, da família e comunidade, cumprimento do papel familiar, social, econômico e político).

A pesquisa foi em busca de elementos reveladores de iniciativas próprias das lideranças na Faculdade de Direito que caracterizassem o protagonismo juvenil universitário e conferissem o encorajamento das referidas capacidades interativas sob a perspectiva da Universidade. Foram consultadas fontes históricas primárias, secundárias e orais. A sondagem em se propôs a encontrar fatos e acontecimentos que respondessem aos seguintes questionamentos: 1. Qual o espaço da representação estudantil institucional na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos? 2. Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos foram incentivados pela Instituição a se tornarem lideranças estudantis? De que forma? 3. Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos, eleitos para a presidência do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”, exerceram a liderança com liberdade e autonomia? 4. Houve influência familiar, social, cultural e acadêmica em seus valores e “espírito” de liderança?

³² Grifos de Stamato.

É pertinente observar que a lembrança de acontecimentos, guardada na memória dos sujeitos e atores daquele período temporal e trazida de volta ao presente, foi ativa e, portanto, é vulnerável a deformações, enquanto que os registros históricos, estáticos e permanentes, apenas representam o tempo passado.

[...] Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. [...]. (NORA, 1993, p.9).

Apoiando-se na história oficial e na memória individual e do conjunto dos depoentes a autora anseia por respostas aos seus questionamentos.¹ Qual o espaço da representação estudantil institucional na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos? As evidências encontradas mostram que a representação estudantil foi definida nos documentos oficiais da UNISANTOS – Estatuto e Regimento Geral, desde seu reconhecimento, e a maneira como acontecia na prática é revelada nos depoimentos (fontes orais) de seus ex-dirigentes.

[...] o melhor é tentar suavizar essas eventuais divergências e minimizá-las através do diálogo, das ações conjuntas, da valorização da atuação das lideranças políticas. E foi o que tentei fazer, criando espaços para a manifestação dos pleitos, oportunidades para divulgarem suas aptidões, principalmente as culturais e esportivas e colocando à disposição canais de atendimento das suas necessidades, como o Serviço de Apoio Pedagógico e Social e o projeto experimental de Ouvidoria. [...]. (SANTOS, 2016, s/p).

Da mesma forma, o Estatuto do Centro Acadêmico “Alexandre de Gusmão” normatizou a entidade estudantil e sofreu alterações ao longo de sua existência. O relato dos ex-presidentes descrevem a atuação dessas lideranças.

[...] O início da militância na Faculdade Católica de Santos se dá em virtude da invasão, pela Polícia Federal [...]. Após esse evento, começamos a nos organizar e participar da Atlético Alexandre de Gusmão e, ali, participamos de quatro gestões adquirindo representatividade junto aos alunos da Faculdade. [...]. Nosso grupo formou o Partido Acadêmico Universidade Democrática – UNID [...]. Com a formação do partido acadêmico foi eleito seu presidente - o saudoso amigo e advogado, Jefferson de Arruda Santos, o qual seria o primeiro presidente eleito pela UNID para o Diretório Acadêmico Alexandre de Gusmão. A UNID disputou seis eleições[...]. A UNID elegeu os quatro presidentes, a saber: Jefferson de Arruda Santos, José Eduardo Guerra Jardim (eu), Marcelo Pavão de Freitas e Marta Idália Santos Leon. [...].

Sobre a questão 2: Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos foram incentivados pela Instituição a se tornarem lideranças estudantis? De que Forma? É possível detectar as impressões do ex vice-reitor comunitário, Antonio Fernando Conceição Santos (2017), atribuindo o protagonismo dos estudantes às características genéticas do indivíduo. Da mesma forma, pode-se interpretar que as considerações do entrevistado condicionam o desenvolvimento das quatro capacidades interativas ao DNA³³ de cada jovem.

Veja bem, eu acho que tem tudo a ver, mas eu acho que temos que dar a dimensão adequada em função do curso, independente do fato de que algumas lideranças são natas, não importa que curso ele fez ou está fazendo eventualmente, é uma liderança nata [...]. Eles já têm uma tendência, já têm algum sangue voltado para isso, já têm algum DNA. [...] certos cursos realmente dão uma abertura total, o curso de Direito é um, sem dúvida, os cursos na área de Ciências Sociais, Sociologia, esses cursos são básicos [...]. Agora eu acho que, independente do curso, independente da universidade, esse DNA político é que move o estudante e é por isso que alguns são efetivamente envolvidos, entrosados do que outros. [...].

Ao contrário do ex-dirigente da UNISANTOS, o ex-presidente do DA, José Eduardo Guerra Jardim, salienta a liberdade de manifestação pública dentro da Faculdade na pessoa do então diretor Francisco Prado de Oliveira Ribeiro. A condição genética não foi mencionada em nenhuma das respostas do entrevistado.

[...] mas o Chico Prado, mesmo defendendo os interesses da Universidade, sempre agiu de forma muito democrática. É bom destacar que este período, entre a Anistia, as Diretas e a Assembleia Nacional Constituinte, foi um período muito democrático para fazer movimento estudantil, pois, de uma forma geral, não existia a repressão contra os estudantes nas faculdades [...]

Quanto ao terceiro questionamento: Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos, eleitos para a presidência do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”, exerceram a liderança com liberdade e autonomia? De acordo com as respostas de todos os entrevistados, a ideia conclusiva é de que os presidentes do DA agiam com liberdade e autonomia, mesmo com normas internas para a representação estudantil na UNISANTOS. Por outro lado, os diretores e associados ao DA sujeitavam-se a regras estatutárias. Ainda que reformulado, o Estatuto aprovado em 2004 tem capítulos, artigos e seções que regulam a

³³ DNA é a sigla do **ácido Desoxirribonucleico, composto orgânico** cujas moléculas **contêm as instruções genéticas** que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos e de alguns vírus. Disponível em <https://www.significados.com.br/dna/>, acesso em 31/07/2017.

atuação da diretoria executiva e a participação dos associados: Capítulo II – Admissão, Demissão e Exclusão de Associados; Capítulo III – Direitos e Deveres; Capítulo IV – Infrações e Penalidades; Capítulo VII – Responsabilidade dos Membros da Diretoria; Seção I – Julgamento dos Diretores e Seção II – Julgamento do Presidente. (2004, s/p).

A quarta e última questão intentou descortinar outros elementos preponderantes na liderança dos jovens. Houve influência familiar, social, cultural e acadêmica em seus valores e “espírito” de liderança? Neste caso, considerou-se exclusivamente as respostas dos ex-presidentes e foi interessante perceber o efeito dessa anamnese durante a entrevista. À medida que contavam suas histórias pessoais e lembravam da fase como acadêmicos de Direito, Marcelo Pavão de Freitas e Marta Idália Santos Leon abriam a memória na tentativa de reconstruir um passado. A troca de impressões com a entrevistadora, pode-se dizer, permitiu a sinapse das estruturas cerebrais onde estão armazenadas lembranças remotas e surgiram fatos ocorridos no passado, reveladores de algumas situações particulares que despertaram o líder em cada um deles. Como exemplos, Freitas (2017, s/p), trouxe primeiramente a lembrança da militância juvenil do pai:

[...] O meu pai [...] era bancário, mas na área ele fez contabilidade na época, e ele, a turminha dele, era Esmeraldo Tarquínio, Mário Covas, [...] o meu pai era diretor de patrimônio da gestão de Mário Covas, no Centro de Estudantes de Santos, então eu tinha um exemplo. Quando Justo era prefeito, o vice-prefeito Esmeraldo Tarquínio era meu contemporâneo na Faculdade, [...] eu tive esse contato com o Esmeraldo Tarquínio [...] o Tarquininho [...] criou [...] um Conselho informal de amigos no gabinete [...] a gente ia lá debater Santos e eu era o presidente do Diretório Acadêmico e eu ia lá debater com o vice-prefeito[...].

Na sequência, veio a história de seu avô materno: “[...] o meu avô foi exonerado da Estiva porque ele fez uma piada do Getúlio Vargas, então eu cresci sabendo que existia o lado ruim. [...]. Freitas acredita que o contexto familiar também contribuiu para sua militância: “[...] é inegável que eu vim de uma casa com uma bagagem cultural política. [...]”.

Nas lembranças de Marta Idália Santos Leon (2017) a escolha em estudar Direito teve a ver com perdas familiares decorrentes de problemas legais e pela vontade pessoal em defender os direitos individuais.

[...] a minha mãe teve grandes perdas. Quando o meu pai faleceu eu era criança, tinha cinco anos de idade, era final de 1979, e minha mãe perdeu muita coisa, bens e tal. Ficamos numa situação muito pesada, muito difícil mesmo, por conta da minha mãe não saber lidar com questões burocráticas e por conta de alguém ter se aproveitado da situação dela [...] Gostaria de ter uma profissão que eu pudesse desembaraçar as coisas para as pessoas e honrar o direito delas [...] eu já fui aprender num escritório de advocacia, ver como era e como não era, ver como é que falava com o juiz. [...] Depois eu saí de um escritório e fui trabalhar num outro. Depois trabalhei no Departamento Jurídico da Viação Guarujá, na área trabalhista, [...].

A Universidade Católica de Santos demonstrou assegurar que o protagonismo juvenil aconteça em sua Faculdade de Direito. Ao contemplar a representação discente nos órgãos colegiados, reconhecer o papel das entidades estudantis e permitir a manifestação dos estudantes, colocou em prática os propósitos explicitados no Marco Referencial.

Como define Antonio Carlos Gomes da Costa (2007), o protagonismo juvenil é a atuação dos jovens livre, responsável e dentro de um cenário democrático. Pode desenvolver-se na família, nas instituições de ensino ou a sociedade. Enquanto atores sociais e agentes de transformação, os estudantes que ocuparam a presidência do DA “Alexandre de Gusmão” na Faculdade de Direito da UNISANTOS revelaram possuir as capacidades interativas pertinentes ao protagonismo e revelaram o “espírito” de liderança, imprescindível para representar a vontade, defender direitos e lutar por mudanças em favor da coletividade que representam e da sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES

A participação dos jovens em movimentos organizados e liderados por outros jovens com a finalidade de chamar a atenção para questões sociais e provocar mudanças é tema de estudos acadêmicos. Esses movimentos são entendidos na contemporaneidade como protagonismo juvenil e como um fenômeno social, despertando a atenção da autora e justificando seu trabalho. O protagonismo juvenil universitário foi abordado como um papel central para a ação social, como uma modalidade educativa e espaço de possibilidades para jovens atuarem de forma compromissada e livre na busca da solução de problemas reais.

[...] no campo da educação, o termo protagonismo juvenil designa a atuação dos jovens como personagem principal de uma iniciativa, atividade ou projeto voltado para a solução de problemas reais. O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla. [...]. (COSTA, 2007, s/p).

O educador e estudioso do assunto, Antonio Carlos Gomes da Costa, destaca a participação ativa e construtiva do jovem na escola, na comunidade e na sociedade como o “cerne do protagonismo” e como modalidade educativa livre, compromissada e desenvolvida em ambiente democrático.

A delimitação da idade biológica dos indivíduos humanos para situar a fase que antecede à maturidade física e psicológica (juventude); isto é, para a representação social e ingresso dos jovens no mundo adulto apropriou-se das referências compiladas por Stamato (2008, pp.9-10). A juventude nacional compreende as idades entre 15 e 24 anos. Neste estudo o referencial etário utiliza os mesmos critérios definidos pelas Nações Unidas (ONU) e as mesmas faixas de idade estabelecidas para os censos demográficos e políticas públicas no Brasil.

Enquanto categoria social, a juventude provoca fascínio pela ambivalência que carrega, vivenciando o lado bom e ruim de tudo, e pela visualidade alcançada nos últimos 50 anos, a partir do emprego dos meios de comunicação como recurso e marca da cultura juvenil (CAMPOS, 2010, p.114). Com base em Abramo, ao caracterizar os traços das gerações de 1980 e 90, e em Machado Pais, que define a cultura juvenil como sentido de pertencimento para os jovens, investigou-se o perfil das lideranças juvenis no ambiente universitário, assim como identificou-se os anseios e valores que conferiram sentido a tais jovens para a representação estudantil na Faculdade Católica de Direito da Universidade Católica de Santos.

A pesquisa pretendeu entender a contribuição da UNISANTOS para o exercício do protagonismo juvenil no cenário acadêmico, analisando a representação das lideranças oficialmente reconhecidas pela Instituição na maior e mais antiga de suas unidades, a Faculdade Católica de Direito, considerada um celeiro de lideranças discentes em assuntos voltados à vida acadêmica e de interesse da sociedade em geral.

Foram consultadas fontes históricas primárias, secundárias e orais. A partir da narrativa dos dirigentes da Universidade e dos ex-presidentes do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão” voltou-se a um passado relativamente recente, reconstituído pela memória afetiva dos sujeitos, e registrado como história na documentação oficial da UNISANTOS e do DA.

A Universidade colocou em prática os propósitos explicitados no Marco Referencial ao contemplar a representação discente nos órgãos colegiados, reconhecer o papel das entidades estudantis e permitir a manifestação dos estudantes. Dessa forma, contribuiu para a prática da liderança e da ação de jovens em busca de solução para problemas reais.

A participação marcante das lideranças estudantis da Faculdade Católica de Direito e sua atuação à frente do Diretório Acadêmico são indícios de que os estudantes exerceram o papel de atores e representantes da categoria na medida em que demonstraram possuir as quatro capacidades interativas que caracterizam o protagonismo, conforme Barrientos e Lascano identificaram: **1) as básicas** (autoestima, identidade, humor, otimismo, esperança e criatividade); **2) participação** (confiança, autonomia, socialização e reciprocidade, capacidade de interação com seu entorno); **3) protagonismo** (participação ativa na elaboração e execução de iniciativas de transformação de adversidades, visão – pensamento estratégico, proposição, negociação, gestão/execução); e **4) atuação social para o desenvolvimento e cidadania**³⁴ (participação ativa no planejamento e construção do próprio futuro, da família e comunidade, cumprimento do papel familiar, social, econômico e político. (Apud Stamato, 2008, p. 74).

A autora acredita que esse “espírito” de liderança seja inato em alguns indivíduos dispostos a representar a vontade, a defender direitos e a lutar por mudanças em favor da coletividade que representam e da sociedade em geral. Porém, isso não é o bastante para incentivar a representatividade estudantil. É vital disponibilizar espaços nas instituições de ensino que favoreçam o desenvolvimento do senso crítico nos jovens, para a consolidação de preceitos éticos, solidários e para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Mais imprescindível ainda é que sejam ambientes democráticos e que estejam asseguradas a espontaneidade e a autonomia dos jovens atores, pois na avaliação de Antonio Carlos Gomes

³⁴ Grifos de Stamato.

da Costa, ao incentivar o protagonismo, “[...]. A sociedade ganha em democracia e em capacidade de enfrentar e resolver problemas que a desafiam. A energia, a generosidade, a força empreendedora e o potencial criativo dos jovens é uma imensa riqueza, um imenso patrimônio que o Brasil ainda não aprendeu utilizar da maneira devida. [...]” (2006, s/p). Tal pensamento é endossado pela autora.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. ANPED: Revista Brasileira de Educação Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6 p.30-32.

BRAIDO, Jacyr Francisco. **Tomar a História na mão. A missão das universidades católicas no terceiro milênio**. Revista 15 anos UNISANTOS: 1986-2001. Sociedade Visconde de São Leopoldo/Universidade Católica de Santos. Santos, 2001, pp. 6-7.

BRUSTOLIN, Dom Leomar. **A Universidade Católica e o alargamento da razão**. Brasília: CNBB, março/2016. Disponível em <http://www.imprensacatolica.com.br/artigos/a-universidade-catolica-e-o-alargamento-da-razao>.

BORTOLAZZO, Sandro e MARCONI, Carla Simone Corrêa. **Ser ou pertencer? Comportamento e cultura juvenil**. Revista *Textura (ULBRA) online*, nº 29, set/dez 2013. Disponível em www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/915/718.

BURKE, Peter. **A História como Memória Social** BURKE, Peter. *In: O Mundo como Teatro – estudos de antropologia histórica*. Lisboa: Difel, 1992.

Carta Aberta da Pastoral da Juventude pela permanência do lugar da juventude no Governo Federal, de 16/10/2015, disponível em www.pj.org.br.

CAMPOS, Ricardo. **Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis**. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa. Revista Sociologia, Problemas e Práticas, nº 63, 2010, pp. 113-137. Disponível em www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n63a07.pdf.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil**. Disponível em file:///E:/eeij2007/educa%20%C3%A7%C3%A3o/4%20pilares/infoutil.org/4pilares/text-cont/costa-protagonismo.

DELLA VECHIA, Renato da Silva. **O ressurgimento do movimento estudantil universitário gaúcho no processo de redemocratização: as tendências estudantis e seu papel (1977/1985)**. Tese de Doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FREITAS, Maria Virgínia (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação educativa, 2005. *In: STAMATO, Maria Izabel Calil. Protagonismo Juvenil: Uma práxis sócio-histórica de ressignificação da juventude*. Tese de Doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008, 212 páginas.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura. As bases sociais e epistemológica do conhecimento escolar**. Trad. Guacira Lopes Louro. Artes Médicas. Porto Alegre, 1993.

FRANCO, Sandra Lia Rodrigues. **Lecionar Problemas do Homem Contemporâneo (PHC) em Cursos de Engenharia: desafio ou acolhimento?** Santos: Editora Universitária Leopoldianum. Pesquisa em Pós-Graduação – Série Educação, Nº 8, s/d.

MACHADO PAIS, José. **A construção sociológica da juventude - alguns contributos.** Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1º, 2º), 139-165. Disponível em analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rpYj72MI3.pdf.

_____. **Busca de Si: expressividades e identidades juvenis.** In ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p.7-21.

MENDES, Margareth Maria Araújo; SANTOS, Vanildes Gonçalves. **Juventudes: construindo sonhos e Protagonismo na educação.** Distrito Federal: Revista Aprendizagem em EAD, 2014, v. 3 nov. /2014. Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead>.

SANFELICE, José Luís. **História das instituições escolares.** In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et. al. *Instituições escolares no Brasil.* 2002.

PICÃO, David. **Católica é substantivo.** Revista 15 anos UNISANTOS: 1986-2001. Sociedade Visconde de São Leopoldo/Universidade Católica de Santos. Santos, 2001, pp.28-31.

Relatório de Autoavaliação Institucional 2014. Comissão Própria de Autoavaliação da Universidade Católica de Santos.

SÁ PORTO, José de; Sociedade Visconde de São Leopoldo; Universidade Católica de Santos. **Sociedade Visconde de São Leopoldo: uma saga do ensino superior particular em Santos.** Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 1996. 128p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 21.ed.rev.e ampl. São Paulo: Cortês, 2000.

SILVA, Maciel Pereira. **Juventude (s) e a escola atual: tensões e conflitos no “encontro de culturas”.** Universidade Federal de Uberlândia: *Rev. Ed. Popular*, v. 14, n. 1, p. 46-59, jan/jun 015 p.p 57-58. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/28958/pdf>.

STAMATO, Maria Izabel Calil. **Protagonismo Juvenil: Uma práxis sócio-histórica de ressignificação da juventude, 2008.** Tese de Doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 212 páginas.

DIGITAIS

Bancodeteses.capes.gov.br

<https://www.todamateria.com.br/diretas-ja/>

<http://www.imprensacatolica.com.br/artigos/a-universidade-catolica-e-o-alargamento-da-razao>.

www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/915/718.

www.pj.org.br.

xww.scielo.mec.pt/pdf/spp/n63a07.pdf

<file:///E:/eeij2007/educa%C3%A7%C3%A3o/4%20pilares/infoutil.org/4pilares/text-cont/costa-protagonismo>.

analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rpYj72MI3.pdf.

<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead>.

<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/28958/pdf>.

http://www.unfpa.org.br/Arquivos/10-A_res_50_81_port.pdf.

<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/na-constituente-de-88-jovens-de-16-anos-conquistam-direito-de-votar-no-brasil-12938949#ixzz4mj6qXmbU>.

<https://www.significados.com.br/protagonismo/>.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

<http://www.unisantos.br/portal/universidade/institucional/marco-referencial/>, acesso em 30/07/2017

<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/giro-sustentavel/diretas-ja/>.

https://www.google.com.br/search?q=jovens+1968+no+brasil+ditadura+militar&espv=2&biw=1280&bih=694&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj3npnsjerRAhWGTJAKHQ_fBVkQ_AUIBygC#imgrc=LVdvOpbvYNK1UM%3A.

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0285z5.htm>.

www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7395.htm, acesso em 30/07/2017

ENTREVISTAS

FREITAS, Marcelo Pavão de. Entrevista à Neusa Lopes Vicente, em 31/01/2017.

JARDIM, José Eduardo Guerra. Questionário respondido por correio eletrônico em 11/07/2017.

LEON, Marta Idália Santos. Questionário respondido por correio eletrônico em julho de 2017.

_____. Entrevista à Neusa Lopes Vicente, em 27/07/2016.

RIBEIRO, Francisco Prado Oliveira de. Respostas por correio eletrônico em 10/07/2017.

SANTOS, Antonio Fernando Conceição. Questionário respondido por correio eletrônico em 06/09/2016.

_____. Entrevista presencial à Neusa Lopes Vicente, em 16/05/2017.

FONTES PRIMÁRIAS

Arquivo do Departamento de Imprensa da Universidade Católica de Santos

Documentos:

Primeiro Estatuto da Universidade – 1986.

Primeiro Regimento Geral da Universidade – 1986.

Informativo UniSantos (órgão de divulgação institucional) – edições de 1986 a 1990.

Coluna Acontece na UniSantos (veiculação na imprensa local) – edições de 1986 e 1987.

Sinopse Hoje nos Jornais (*clipping* de recortes de jornais) – edições de 1986 e 1987.

Fonte de Consulta: Arquivo da Secretaria Acadêmica do *Campus* Boqueirão, em fevereiro de 2017.

Documento: componentes curriculares da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos nos anos de 1986, 1987, 1988, 1989 e 1990.

Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão” da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos.

Site institucional, acesso em 2015 e 2016.

Documentos:

Gestões Anteriores – de 1953 a 2014.

Estatuto atual do Centro Acadêmico “Alexandre de Gusmão”.

Histórico CA.

Acervo pessoal de Marcelo Pavão de Freitas.

Documentos:

Ata de Posse de Marcelo Pavão de Freitas na presidência do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão” da Universidade Católica de Santos.

Fotografias de atividades do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão” da Universidade Católica de Santos na gestão de Marcelo Pavão de Freitas.

PDF do modelo de comunicado aos discentes para divulgação das atividades do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão” da Universidade Católica de Santos.

Fotografias da cerimônia de Colação de Grau da Turma 1986-1990 da Faculdade de Direito da universidade Católica de Santos.

ACERVOS CONSULTADOS

Acervo do Departamento de Imprensa da Universidade Católica de Santos.

Acervo particular de Marcelo Pavão de Freitas.

Acervo particular de José Eduardo Guerra Freitas.

Acervo particular de Marta Idália Santos Leon.

CRÉDITOS

David Lamberti Pereira (filmagem e edição).

Maria Isabel Neto da Silva (fotografias e transcrição dos depoimentos).

Renata Schwantes (formatação).

Figura 1: Jornal Última Hora. Rio de Janeiro, s/d.

Figura 2: Arquivo-Rubens-Vandressen-Gazeta-do-Povo.jpg, s/d.

Figura 3: Fotografia de Walter Mello, s/d.

Figura 4: Autor desconhecido.

Figura 5: Matéria de primeira página na edição nº 1 do Informativo UniSantos, veículo institucional.

ANEXOS



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

NEUSA LOPES VICENTE

PROTAGONISMO JUVENIL NA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS:
LIDERANÇAS NA
FACULDADE DE DIREITO (1986-1990)

Depoimento de **MARCELO PAVÃO DE FREITAS**
Presidente do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”
Período 1987-1988

Entrevista concedida à Neusa Lopes Vicente
Em 31 de janeiro de 2017
Na sede da Ordem dos Advogados do Brasil/Subseção Santos-SP
Autorizada pelo entrevistado e ainda sem revisão do depoente

Roteiro e direção
Neusa Lopes Vicente

Gravação de áudio
David Lamberti

Transcrição
Maria Isabel Neto da Silva

Santos
2017

ABERTURA

Neusa Lopes Vicente (NLV)

Entrevista com Marcelo Pavão de Freitas (MPF), ex-presidente do Diretório Acadêmico Alexandre de Gusmão da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos na década de 1980. Estamos na sede da OAB, em Santos Praça José Bonifácio, 55, do dia 31 de janeiro de 2017.

Marcelo muito obrigada pela sua colaboração e importante revelação de fatos sobre o seu período de estudante e de líder juvenil.

Eu gostaria de começar com a razão de você ter escolhido Direito para a sua graduação.

MPF – Então, é uma história interessante e ao mesmo tempo louca eu queria ser engenheiro agrônomo. Fui fazer teste vocacional o resultado foi arqueologia. Aí eu tinha que fazer Direito, aí eu tinha que fazer faculdade, minha mãe falou você tem que fazer vestibular, aí eu falei que quero ser jornalista, minha mãe falou assim, mas eu não sei nada de jornalismo, minha mãe tinha sido secretária de um advogado ex-presidente da Ordem de Santos José Gomes da Silva que depois foi até provedor da Santa Casa, e a minha mãe virou e falou assim, olha eu não conheço ninguém de jornalismo, mas se você fizer Direito eu consigo emprego *pra* você. Foi assim que eu fui fazer Direito com uma conversa da minha mãe arranjando emprego para mim.

NLV – E por que você escolheu a Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos?

MPF – Aí é a segunda coisa que aconteceu por acaso. Eu fiz apenas dois vestibulares. A Católica de Direito, que era a única Faculdade de Santos, e eu fiz a FUVEST, sendo que na FUVEST eu me boicotei de todas as formas porque eu queria fazer a Faculdade Católica de Direito de Santos eu não queria sair de Santos, então como tinha uma única Faculdade eu não queria sair daqui eu não quis fazer vestibular em nenhum lugar, apostei todas as minhas fichas na Católica de Direito e não quis fazer USP, então a minha opção foi realmente Direito Santos, porque naquela época ainda não tinha UNISANTOS.

NLV – Você tinha conhecimento ou alguma noção do conceito dessa instituição da Católica de Santos naquela época, se era familiar a você ver outras pessoas, com essa graduação ou exercendo o Direito.

MPF – Olha, na minha família eu sou o primeiro Bacharel em Direito, é minha família consanguínea, eu tive um tio que era formado por Bragança Paulista, mas nunca exerceu, eu sou o primeiro, a única antecedência ao meu curso era minha mãe ter sido secretária de um advogado, então eu fui o primeiro realmente, não tinha advogado na família, juiz, promotor, delegado, absolutamente ninguém. Entrei com a cara e a coragem.

NLV – Então o nome da instituição não foi a razão, foi por estar em Santos, foi porque...

MPF – É que naquela época eu fiz vestibular em 86, em 86 e até hoje, mas naquela época, de uma forma a Faculdade Católica de Direito de Santos, era por si só um pedigree para qualquer um, então fazer Direito na Católica já era algo, tanto que ontem falando com o motorista do taxi eu lembrei por acaso que é...tinham 22 candidatos por vaga e eram 30 vagas no diurno e 70 no noturno, então eu escolhi o diurno, na Católica, com 30 vagas com 22 por vaga, e ainda consegui passar, quer dizer, ééé era uma loucura porque a Faculdade de Direito realmente, a Católica, ela era e ainda continua a ser, mas ela era muito mais robusta do ponto de vista, onde você faz Direito? Eu faço na Católica de Santos ó Até hoje é uma coisa meio mítica de fato falar da Católica como por exemplo, eu não peguei a Casa Amarela que foi anterior a mim, mas a Casa Amarela era então uma coisa, eu cheguei a ter aula com Ariosto Guimarães, eu cheguei a ter aula com, só não tive aula com o Mario Bava, porque faleceu um ano antes, mas eu tive aula com aquelas pessoas que fizeram a história do Direito de Santos.

NLV – Quais professores que marcaram a sua passagem lá? Você falou do Ariosto

MPF – O Ariosto foi, eu fui da última classe que ele deu aula de Direito Comercial a Faculdade de Direito, eu tive assim experiência assim muito marcante. Primeiro com aula com Francisco Ribeiro Prado, o Chico Prado que era por si só, já era uma lenda, ali ele era um amigo dos alunos, ele era um cara que ele podia ter todo o poder seja econômico, seja profissional, ele atendia a todo mundo como se estivesse falando com uma pessoa igual, quer dizer, era um negócio interessante, eu tive aula com o Emilio Peres Filho, que chamavam de Cebolinha, de Medicina Legal, quando eu nasci ele já era quase que aposentado, então eu tive aula com Carlos Alvarenga Bernardes, o Bocanegra, ele deu aula em 87 com o livro que editou em 67 sem reedição de Direito Tributário, só que aquilo era história que a gente fazia, eu tive aula com o Padre Araújo, Direito Canônico, EPP, eu tive aulas com Aloisio Alvares Cruz, eu tive aula com Luiz António Oliveira Ribeiro, eu tive aula com Claudionor Mendonça dos Santos, que é promotor até hoje, e a própria Valéria Alvares Cruz, filha do Dr. Aloisio, de Sociologia, eu tive vários professores assim geniais que eles davam, eu tive aula com Rubem Lara de Direito Internacional Público, que era sábado à tarde, a gente ia lá *pra*, é quase um encontro entre amigos *pra* gente bater papo, então era um Corpo Docente que a Faculdade tinha que impunha respeito, era um Corpo docente que chegava na aula e, gente, vou ter aula com fulano, a gente ia nas outras turmas *pra* ter aula com outros professores caso do Emanuel Burle Filho, de Direito Administrativo, Gildo dos Santos, e assim vão, o Fonseca que era professor de Direito de Família em 89, ele era contra o divórcio que tinha sido aprovado em 77 e a gente debatia, e, gente, isso não é católico, vocês estão numa Faculdade Católica, então havia aquele debate,

oooo outro professor de Direito Medicina Legal, oooo Manecão que ele era católico praticante Manuel Hipólito do Rego, ele era católico praticante e tal, então a gente chegava e, olha professor Notícias Populares, que não tinha internet, motorista junta dinheiro *pra* trocar de sexo, pronto acabô, a aula era sobre isso do início ao fim, vinha amaldiçoando a pessoa, então eram experiências que o que menos importava era o que estava nos livros, a experiência troca com os professores era fantástica.

NLV- Você pertencia há algum movimento antes de entrar na Faculdade, antes dessa graduação, se qual era, se foi, e como era esse pertencer a esse movimento, não necessariamente a uma instituição organizada oficial, mas algum movimento na sua vida, antes da Faculdade.

MPF – Organizadamente eu nunca participei até a Faculdade, eu tinha as minhas preferencias, por exemplo, no ano anterior ao entrar na Faculdade a gente teve a experiência do Tancredo Neves, então eu tinha 15 anos, eu fui dormir achando que no dia seguinte o presidente ia tomar posse e quando acordo, ele não toma posse, e todo o mundo falando que era o Maluf que tinha dado um tiro, que era um atentado, que não sei o que, e gente, foi o primeiro choque, porque eu no colégio em aula de Educação Moral e Cívica, eu tive aula no antigo 8ª. Série né, que a professora ensinou que herói era aquele que dava a vida pelo seu país, aí eu levantei a mão e falei, eu não posso ser herói e continuar vivo? Ela me colocou para fora de classe e me deu dois dias de suspensão, então a ditadura *pra* mim foi isso. Foi começar a pensar, e da mesma forma que eu tive professores no Colégio Estadual, eu estudei no Canadá, lá no Colégio Estadual eu tive um professor do 4º. ano primário que ele ensinou, vamos fazer uma sacola de sisal, pega a agulha e faz, tinha muitos meninos, professor precisamos fazer uma sacola? Aí ele falou, você pode não saber nada na vida, mas uma sacola você sabe - isso no 4º. ano primário num Colégio Estadual, quer dizer, aquele professor falou isso, e eu trago isso até hoje *pra* mim, ele botou na cabeça o seguinte eu quero um cidadão, eu não quero um repetidor, e quando eu tive, eu tive muita sorte com professores, da mesma forma que essa professora me tirou da sala de aula porque eu contestei um conceito, eu tive outros que falavam, continue assim, é assim que você tem que ser, continue sendo um contestador, então eu não participava de nada mas eu sempre tirei partido de alguma coisa. Até hoje eu não sei assistir um jogo de futebol, eu sou santista, mas se eu estou assistindo eu vou torcer ou para um ou para outro. Eu não consigo assistir a uma partida de futebol e ficar indiferente. Eu não consigo estar diante de uma eleição e votar nulo, ah! É meio palavrão votar nulo, *pra* mim é uma indecência votar em branco, acho que tem que participar e isso eu trago comigo organizadamente, eu nunca participei mas sempre me posicionei.

NLV – Como que você iniciou sua representação estudantil no ano da Faculdade lá na Direito?

MPF – Então, eu entrei em Direito no ano de 86, primeiro ano, tô chegando, quando chego na Faculdade, o então vice-presidente do Diretório Acadêmico, que é meu amigo até hoje Silvio Jose de Abreu (tosse) ele chega e me convida e fala assim, você não quer ser o vice-presidente da Comissão de Trote? Aí eu, o quê? Então a gente acabou de entrar na Faculdade e alguém te comunica que você, te convida para ser vice-presidente da Comissão de Trote. Não existia esse cargo, mas aí aceitei e assim começou, porque aí (som do telefone) eu comecei a ter contato com as pessoas, com as lideranças, com o que tava acontecendo e aaaa como é que se diz aaaa e comecei a entrar, nada foi planejado, nada foi pensado, houve um convite, houve um aceite e comecei.

NLV – E daí você foi oficialmente parte do Diretório? Como é que foi essa passagem?

MPF – Aí eu comecei a gostar e queria participar aí o Diretório Acadêmico na época era dirigido por um partido Acadêmico que na Faculdade havia necessidade de um partido Acadêmico para participar das eleições, e o partido da situação chamava UNID Universidade Democrática, só que ideologicamente eu na época era malufista, eu achava que o Maluf era tudo, porque o Montoro corria atrás dele e não provava nada, eu falava que no dia que o Montoro provar que o Maluf é ladrão eu paro de votar nele. Enquanto ninguém falar nada eu votava no Maluf, eu votava para governador, votei para Presidente da República, e aí o que que acontece, o partido que era alinhado mais a linha Malufista me convidou, só que esse partido na época era Frente Acadêmica Universitária – FAU, esse partido não me agradou porque, porque o objetivo deles era bagunça, o objetivo deles era fazer balburdia, era fazer um movimento que não tinha muita profundidade, enquanto isso eu olhava para o lado e via o Diretório Acadêmico fazendo cursos, fazendo excursões, vendendo camiseta, vendendo colante, indo para os jogos jurídicos, participando de coisas, aí eu falei, lá é mais legal. Lá eles fazem algo, e aí eu fui me aproximando da situação e aí surgiu a seguinte situação (tosse) no primeiro ano você não pode durante o primeiro ano pertencer a nada porque as eleições são só no final do ano. O calouro normalmente não participa de nada. Acontece que em 87 o presidente do Diretório Acadêmico era o José Eduardo Guerra Jardim, o Dedé, e o Dedé tem, ele é meu amigo até hoje, ele tem uma linha ideológica de esquerda, de esquerda, esquerda. O Dedé era daquele que a gente resolve um problema tacando fogo em pneu, e fechando a Conselheiro Nébias contra as mensalidades, e era a postura dele na Católica. Havia um púlpito que era um púlpito Arquimedes Bava, então era aquela história meio que em Londres, que subia ali todo mundo tinha voz naquele púlpito e eu vi o Dedé dando discursos inflamados, discursos, gente eu quero ser assim, eu comecei a frequentar o diretório como aluno e surgiu um diretor do Diretório Acadêmico pedir uma exoneração, olha eu não tenho mais tempo, não sei que, aí o

Dedé chegou e falou assim – é Diretor de Patrimônio você aceita? Então eu entrei para o Diretório Acadêmico unicamente, eu fui nomeado Diretor do Diretório Acadêmico, aquilo foi maravilhoso, e na verdade o Diretório não tinha um centavo porque não se recebia absolutamente nada, e eu achei na hora que eu era tão importante, porque eu era do diurno, eu chegava mais cedo, eu passava uma vassoura no Diretório Acadêmico, não tinha dinheiro *pra* água, enchia da torneira o galão de água, botava no bebedouro, mas sempre tinha água, e eu deixava as revistas que eu trazia de casa, levava *pra* lá, então o importante é que tinha raquete de ping pong, bolinha de ping pong, taco de sinuca, giz, e não ter sujeira no chão. Então o pessoal chegava ah! A faxineira veio? Era eu a faxineira, só que era aquela coisa eu é que tinha que fazer tudo aquilo porque eu era o Diretor de Patrimônio, eu achava que, no final desse ano de 87, de nunca ter sido candidato, de nunca ter feito nada, eu fui candidato a presidente e fui eleito o presidente mais novo do Diretório Acadêmico, eu não sei se até hoje, porque eu fui eleito com 18 anos. Eu entrei com 17 na Faculdade e com 18 eu era presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade Católica de Direito de Santos, quer dizer, é um negócio que até hoje as pessoas éééé muitas vezes não tem noção, mas *pra* mim é uma medalha da mais alta condecoração que eu podia receber era isso, nada foi planejado, e de repente

NLV – Em quanto tempo você foi reeleito e quanto tempo você permaneceu lá na instituição do Diretório Acadêmico depois dessa gestão como presidente, primeiro como Diretor de Patrimônio nomeado e depois eleito pelos seus pares, e houve uma nova, novos mandatos, nova gestão?

MPF – Então, o estudo do Diretório à época não permitia a reeleição até porque eu particularmente não sou amplamente favorável à reeleição, eu penso que a reeleição tem que ter um sentido.

NLV - Você já pensava assim?

MPF – Eu já pensava e continuo pensando, tanto que recentemente, eu sou, eu tô deixando a Associação dos Advogados Trabalhistas de Santos, e pediram para a reeleição, só que eu penso que a reeleição limita a ação dos grupos que estão querendo participar no momento que eu continuo, que eu pretendo continuar, eu impeço que outras pessoas cresçam que outras pessoas venham, quem perde é a entidade, e na época além de não permitir, ao final de um ano de trabalho é muito desgastante, apenas para situar eu fui presidente do Diretório Acadêmico na época da Constituinte, então o mundo pegava fogo e o Brasil era um inferno, então eram várias coisas muito sérias e eu continuei participando da gestão da minha sucessora, eu era diretor das Relações Externas, mas ativamente apenas nos bastidores, fui me dedicar à Atlética e depois na Comissão de Formatura.

NLV – Você participou naquele momento na vida acadêmica como um todo, de algum congresso estudantil, greves estudantis, ou outras manifestações dentro e fora da própria instituição?

MPF – Sim, dentro da instituição o grande problema que a gente enfrentou tava nos anos de 87, 88, era a ORTN, BTN, Over Night, hoje a mensalidade era 1, amanhã era 1,3 depois era 1,6 e cada dia que passava então é, o grande problema que a gente enfrentava naquela época enquanto liderança estudantil era a questão da evasão escolar, eu ainda enfrentava um dedo a mais de problema porque eu era bolsista, então jogavam na minha cara como se fosse um crime ser bolsista da faculdade. Na verdade, era tudo muito claro, porque houve um requerimento da bolsa na época o Diretor Geral da Sociedade Visconde de São Leopoldo era o Dr. Fúlvio Casal, foi feito o requerimento concedida a bolsa. Toda a vez que a oposição queria bater de frente comigo, chegava numa assembleia e falava o presidente tem uma bolsa de estudos. Eu falava, alguma vez eu escondi isso? Então acabava o problema. Isso foi na primeira, nas outras eu já começava, boa noite, eu quero dizer antes de mais nada, que eu sou bolsista, eu falava tudo e pronto, agora vocês podem me atacar, e não atacavam. E aí uma das coisas que eu adotei para minha vida e trago desde aquela época até hoje, e o Diretório foi a minha Universidade. Você fez alguma coisa errado? Procura antes o problema, mas se não fez coisa errado, mas pode gerar dúvida fale antes. Então eu adoto como padrão de vida *pra* mim a transparência, tipo, antes que a pessoa pergunte eu já falo. É essa a tua dúvida então já estou falando. Porque eu não vejo nada de errado, não era um crime, olha eu sou bolsista. Porque a minha postura foi chegar ao professor Dr. Fúlvio Casal, eu tive uma reunião com ele onde eu coloquei o seguinte, eu vou continuar a ser presidente, eu não vou renunciar, se o senhor quiser tirar a minha bolsa o senhor tira. Foi quando, e eu admiro o Dr. Fúlvio Casal profundamente, foi quando ele me respondeu assim – você está fazendo alguma coisa ilegal? Você está fazendo alguma coisa irregular? Você está fazendo alguma coisa de que se envergonhe? Eu disse não! Então para que eu vou te tirar tua bolsa? Então esses ensinamentos que eu tive a sorte de encontrar pessoas com consciência, com posicionamento, porque para ele eu imagino que não fosse fácil ouvir da direção da São Leopoldo como é que ele dava bolsa de estudo para um cara que batia na faculdade, porque eu batia na faculdade. Mas a gente batia dentro dos parâmetros que a gente achava que podia, que era a questão do que vamos congelar a faculdade, a mensalidade, vamos impedir a evasão, vamos aumentar as bolsas, então eu sou muito grato, porque muitas dificuldades eu enfrentei, mas eu tive muita gente boa no meu caminho.

NLV – Essa pergunta que vem agora, mais ou menos, você já deixou revelado como era esse clima com as autoridades. Mas eu gostaria, se você poderia ser mais detalhista, se lembrar,

como se dava como era o clima de relação com as autoridades relacionadas à educação. Você já citou aí a questão da Mantenedora, a situação geral, mas em que nível também (tosse) como Diretório Acadêmico, a relação com as autoridades estaduais, municipais, e até o Ministério da Educação, as autoridades relacionadas à educação, se existia e como era esse clima. Quanto tempo o período histórico?

MPF – E aí, o meu vice-presidente do Diretório Acadêmico era o Raul Cristiano que é o atual Secretário de Cultura de Cubatão, é eu confesso a você que é quando eu fui eleito, eu não tinha experiência administrativa nenhuma, absolutamente nada. A única coisa que eu havia sido eleito até então era chefe de classe do colégio, 2º. Orador do Centro Cívico, e representante em jogos. Cargo administrativo de posicionamento perante a autoridade, eu nunca tinha participado, então eu não sabia, eu fui aprendendo no dia a dia, assim ia, eu realmente num primeiro momento eu ignorei as autoridades, eu me fechei para dentro da faculdade, eu quis fazer uma gestão mais administrativa mais construtiva, do que foi por exemplo a gestão do meu antecessor o Dedé, o Dedé ele é um ser político, ele vive, ele respira política, é tanto que nas recentes questões de Dilma PT ele é francamente de esquerda, a gente se respeita tanto que nós somos completamente antagonistas do ponto de vista ideológico, e a gente se fala, olha eu sei que você não pensa igual a mim, eu não penso igual a você, mas eu te desejo sorte. A gente tem uma relação de política pura que é maravilhosa, O Dedé até é um ser que merece muito mais atenção, só que ele é de um posicionamento que as pessoas vão classificar como radical e eu falava assim, bom, é vamos falar, eu fui eleito presidente do Diretório por uma diferença de 5 votos. Eu tive apenas 5 votos de diferença em relação ao segundo colocado. Então já foi uma situação que *pra* mim, já foi, eu não esperava ter sido eleito e fui, então agora tem que encarar, então resolvi reformar a sede, fazer cursos, é brigar mais por qualidade de ensino, por qualidade de material, naquela época não existia internet, computador, então era aquela coisa, a gente queria livros atualizados na biblioteca, a gente queria acesso à biblioteca, a gente queria ventiladores na sala de aula imagina pensar em ar condicionado, não havia, queria qualidade porque a classe era quente, batia sol, então eu resolvia voltar *pra* dentro, e toda vez que a gente esbarrava na política havia um comentário, então por exemplo, o protetor do ponto de ônibus tinha cobertura, exatamente em frente a faculdade, não tinha cobertura, aí a gente mandou um ofício *pra* Câmara, na época o ex-presidente do Diretório Acadêmico o Edmur Mesquita, ele aparecia na mídia, olha eu defendo não sei o quê, aí de repente a gente teve o projeto aprovado pelo Mantovani Calejon, olha a cobertura do ônibus foi dado projeto do Mantovani. Aí eu ia para a Tribuna do leitor, agradeço ao vereador, aí vinham todos os políticos quebrar o pau comigo porque o Edmur é quem defende o Diretório. Quem defende foi ele que mandou o projeto e foi

aprovado tanto que durante as eleições eu fui convidado a ser candidato a vereador, como presidente, e aí me ofereceram, estavam me oferecendo o Comitê, funcionários, carro e dinheiro, boa coisa não é, para me oferecerem tudo, então, Não! Eu sou presidente do Diretório, então é assim, eu olhei mais *pra* dentro, trouxe cursos, e com muito mais intensidade do que já tinha ocorrido até então na Faculdade (tosse)

NLV – Então nessa questão em relação as autoridades é, vamos então focar se você teve embates ideológicos (ruídos) no sentido dessa palavra, no sentido, (ruídos) de linha de atuação política de concepção dessa sociedade né? Quais foram os embates ideológicos que você enfrentou sim, na sociedade, mas como você falou, no âmbito da Universidade da sua Faculdade.

MPF – Ah! Então é esse ano de 88, esse ano foi bem complicado do ponto de vista político, primeiro porque era um ano de eleição municipal, o então prefeito era o Justo, Oswaldo Justo, e então nós tivemos a eleição da Telma Souza em 88. O diretório Acadêmico bancou, e foi o único que fez naquela época, na Direito, um debate entre os candidatos, e foi histórico esse debate porque primeiro a Faculdade de Direito quando a gente marcou a data, não sei se foi a direção, quem foi, botaram para reformar o auditório. Então onde ia ser o debate fecharam as portas. Aí a gente foi pedir na Faculdade de Arquitetura que era do lado. E foi o debate na Faculdade de Arquitetura. Todos os candidatos foram convidados, e foi feito um regulamento, foi uma coisa bem legal. E eu me lembro que na época, no dia do debate, todos os candidatos estavam presentes, e chegou, chegaram dois atrasados. Paulo Gomes Barbosa, pai do atual prefeito, e o Nobel Soares de Oliveira. Os dois chegaram atrasados, e talvez tenha sido a primeira decisão política que eu tive porque pelo regulamento, não, chegou atrasado não entrava. Eu virei, não! Em nome da democracia eu quero todos. Qual o problema? Isto aqui a gente não tá fazendo uma corrida. Então podem sentar os dois candidatos que chegaram, eles chegaram atrasados assim dez minutos atrasados. E os outros candidatos falavam assim – não! Eu não quero que eles participem, Telma inclusive, vários falaram não! Paulo Barbosa e o Nobel, não! Eu não era nem Nobel nem Paulo Barbosa, na época eu entendi que pendia e acabei votando no Del Bosco Amaral, o candidato da situação, mas eu falei – gente, se a proposta aqui é ouvir os candidatos, que todos entrem. O apresentador do debate ééé que era o Marcio Calves, ameaçou de abandonar o debate (tosse), foi uma situação, mas eu falei assim – eu banco isso, a ainda falei, se os apresentadores abandonarem o debate, eu apresento o debate, entendeu? Então assim, politicamente eu nunca deixei de me posicionar, é com relação ao que estava acontecendo. Então assim, politicamente esses debates entre os candidatos a Prefeito, é, eu

penso que se eu pudesse situar, foi a primeira vez que eu me posicionei politicamente *pra* fora, porque foi uma cobertura geral isso. (Pausa).

NLV – Se dentro de linhas políticas, linhas de pensamento, como era essa relação tanto com os seus colegas pares, com a comunidade, os alunos com os que representavam também a própria instituição e as autoridades constituídas, se havia embates ou não. Se essa convivência democrática antagônica.

MPF – É, eu, eu volto a falar que eu tive muita sorte com as pessoas que eu ia esbarrando, é como eu te falei, é no início da minha vida acadêmica eu era um ser fechado do lado direito, *pra* mim a verdade era aquilo, e eu fui aprender dentro desse partido Acadêmico, essa UNID que eu entrei no final do primeiro ano. Eu fui aprender que eu poderia estar numa mesma sala com radicais de esquerda ou de direita e no final todos falarem a mesma língua. Então eu, eu tive uma grande Universidade dentro da Faculdade de direito, quer dizer, a Universidade política que eu tive no Diretório Acadêmico me fez seguir o meu antecessor, o Dedé, que ele se qualifica como um comunista mesmo, mas aquele comunismo soviético, o de raiz, e eu ser o antagonista dele, da gente se falar num nível tipo, a gente não tem nada, nada a ver um com o outro, e ao mesmo tempo a gente trabalhava junto (som do telefone da secretária tocando, na sala ao lado)

NLV – Vocês eram rotulados?

MPF – Sim. (som do telefone, na sala ao lado)

NLV – Pela direção da Faculdade, pelos opositores do movimento estudantil, vocês eram rotulados, eram identificados, como...

MPF – Sim, e principalmente pela minha postura, eu particular, minha postura mais à direita, estar num partido que era mais à esquerda, a oposição ficava confusa. Que eles não entendiam como era possível pessoas tão diferentes trabalharem juntas, porque todos os outros partidos eles existiam sempre, assim é, eu sou representante do PT, eu sou representante do tal, e UNID era representante dos alunos, era uma coisa diferente, isso me ensinou muito porque a gente estabelecia que dentro do trabalho, nós tínhamos que ter o alunado como objetivo e não o nosso interesse particular.

NLV – E como os alunos os estudantes que vocês representavam viam o Diretório Acadêmico. Como era vista essa entidade, o seu conceito, a sua credibilidade, como que isso como função da própria caminhada tradição ou (tosse), estava muito vinculado, relacionado ao perfil das características da gestão vigente.

MPF – Exato, porque era o seguinte, eu era do diurno, eu entrei na Faculdade já vice-presidente da Comissão de Trote, então eu sempre coloquei na minha cabeça o seguinte – é, eu não sou

aluno viajante, eu sou aluno de entrar e assistir aula. Então eu era visto no período do diurno como alguém que assistia todas as aulas. Eu ia *pra* Faculdade, eu não era um ausente, eu não ficava só fazendo política, e à noite eu fazia política. Então eu acredito que muito do apoio que a gente tinha do alunado era porque nós éramos vistos sempre trabalhando. É, a gente sempre estava fazendo algo, enquanto a oposição aparecia na época da eleição. A oposição aparecia com a chapa, a gente mostrava trabalho, então por exemplo, eu nadava pela Faculdade, eu ia nos jogos jurídicos, eu participava da equipe de natação, depois eu fui diretor de natação, então eu ia *pra* bagunça também, eu viajava com os alunos, eu ia tomar cerveja com eles, a gente ia fazer brincadeira, a gente ia bater bumbo, a gente saía a roco, depois a gente voltava *pra* Faculdade, então havia uma interação maior, eu acredito, porque eu não deixava de fazer nada, muito pelo contrário, eu absorvia tudo o que a Faculdade pudesse me dar, e, eu nunca senti um não, da direção da Faculdade, eu nunca senti a Faculdade querendo me impedir de qualquer forma, tivemos tentativas sim, de alguns tipos de posicionamento, eu cito um que foi com o professor Francisco Prado, Chico Prado, ele era diretor, eu era presidente do Diretório Acadêmico, e ele me chama num canto e fala assim, presidente, eu tinha um bom relacionamento com ele, presidente precisa dar uma chamada nesses alunos tá todo mundo vindo, isso em 87/88, tá todo mundo vindo de bermuda *pra* Faculdade absurdo! Tem que moralizar, tem que moralizar isso! Presidente, fala *pra* todo o mundo. Aí chamei o pessoal e falei, gente, amanhã vem todo mundo de bermuda! No dia seguinte todo mundo de short, bermuda, e o Chico Prado chegou, o que que tá acontecendo? Professor, não sei se a gente não conversou direito, mas acho que tá errado o aluno obedecer, eu acho que a gente podia negociar. Essas coisas o Senhor podia falar, olha não seria mais interessante, a gente faz, acabou! Ele ficou olhando *pra* mim, e saiu andando e não aconteceu nada. Naturalmente as pessoas deixaram de ir de bermuda, outros foram, também não tinha ar condicionado, não tinha nada, então, nós tínhamos essas investidas ruins, e a gente também entendia os professores, porque passar no, eu tive um professor de Direito Civil chamado Amauri Alonso Cielo, ele era o mais novo desembargador, ele brigava com os outros professores, ele era completamente contra o sistema, então ele era daquele que falava assim, quem tirar dez eu pago uma cerveja no Lobby, que era o barzinho da esquina, então eu não sentia a Faculdade, o poder da Faculdade, eles poderiam ter mas eu não sentia o poder de veto, eu sentia uma tentativa aqui ou ali, como essa, vamos fazer o debate do Prefeito, com o auditório era colocado para reforma, mas ao mesmo tempo, a Faculdade de Arquitetura cedia, a gente ia tateando, tateando e avançando, e foi uma época de um aprendizado muito grande, porque todos aqueles professores já tinham um passado político, já tinham sido vereadores, assessores, secretários, a gente querendo ou não absorvia

aquela vivencia. E por exemplo um professor que eu tenho uma saudade absurda é o Rubens Lara, ele me dava aula de política na aula dele, e a aula dele era Direito Internacional Público, mas ele incutia na gente aquela vontade de, façam política, participem, sabe, botem o nome de vocês, vocês são importantes, a gente achava aquilo, era um sábado à tarde e ia todo mundo *pra* aula do Rubens Lara ficar fazendo devaneios de política, e ele falando, eu fui candidato a Presidente do Centro Acadêmico daqui, e quem venceu foi o Mozar Costa de Oliveira por um voto, e todo mundo fala até hoje que aquilo foi golpe. Porque eles não iam deixar em 64 o Rubens Lara ser presidente. Ele era líder do movimento contrário, então quer dizer a história, a gente via os professores fazendo história na nossa cara. Então assim, ao mesmo tempo que existia uma investida, a gente também tinha dentro da Faculdade apoio dos professores que vinham com o olho brilhando, o que mais claro que eu posso te falar é o Rubens Lara.

NLV – Voltando agora, mais uma perguntinha sobre, como você mantinha essa convivência, era uma Diretoria coesa, embora essas questões ideológicas distintas, mas o que você passa é a sensação, com diferenças ou não, havia um clima também dentro da própria gestão, do Diretório de união, de coleguismo de respeito...

MPF – de respeito

NLV – de coleguismo, de respeito

MPF – isso, o Chico Prado, vou chamar assim o professor Francisco Prado, ele foi assim talvez o grande condutor de muita coisa que aconteceu na Faculdade de Direito na Católica de Santos, porque ele ia em todos os eventos que os alunos organizavam, e não eram eventos que a gente trazia, éééé a gente trazia nomes como Franco Montoro, a gente trazia o Coordenador Geral da ONU no Brasil, Jorge Guterrez, que ele era primo do então Presidente de Portugal, que vinha à Faculdade, a gente teve um Congresso de entorpecentes que veio o autor da Lei Vicente Grego Filho, então o Diretório Acadêmico Alexandre de Gusmão, ele sempre foi muito respeitado e a minha preocupação naquele momento, era no mínimo manter o respeito e exigir o respeito para a entidade, eu sempre tive o apoio da Faculdade, de uma forma aberta, eu tive o apoio da Faculdade nas investidas inclusive Assembleias, nós fazíamos contra a Faculdade dentro da Faculdade e não tinha ninguém fechando a porta, muito pelo contrário, havia a clara, a gente vivia um tempo de nascimento de uma democracia que a gente não sabia bem o que era, a gente não tinha noção do que é ser democrata, a gente não tinha a experiência de voto, só tinha votado em 86, foi meu primeiro voto quando eu tinha 18 anos, que foi o primeiro voto foi o mesmo ano que eu já estava na Faculdade de Direito, a gente vivia uma esperança do Brasil ser melhor com a nova Constituição, e eu tive a honra e o prazer de ser o Presidente no ano da Constituinte, que era assim, a gente vivia, a gente respirava democracia, e eu vou te falar que a gente não

sabia o que era democracia. Então aquele tato, vamos pé ante pé, o que que a gente vai trazer, não fui eu que trouxe, a minha sucessora Marta Idália que trouxe a última aparição pública de Luiz Carlos Prestes, independente da ideologia do que era a história, mas é um vulto, é um personagem da história brasileira, o último lugar que ele se apresentou em público foi na Faculdade Católica de Direito, convidado pelo Diretório Acadêmico. Eu por exemplo, tive a honra de trazer o Franco Montoro à Faculdade, que daquele momento em diante eu virei motorista, porque eu virei fã daquele homem quando ele contava a história do porta-aviões da Bolívia, que a Bolívia tinha um porta-aviões mesmo sem ter mar e ele falava do parlamentarismo, a partir do que o Franco Montoro falou, eu sou parlamentarista sim, eu sou defensor, eu não vejo outra forma de governo a não ser o parlamentarismo. Em 93 eu votei na Monarquia Parlamentarista, gente o Brasil tem rei *pra* tudo, vamos ter o primeiro ministro, a gente teve bons mestres e nunca tive portas fechadas.

NLV – Agora fala um pouquinho de como vocês, enquanto Diretório, quais eram esses meios empregados de difusores de ideias do espaço da Universidade (tosse...ruído), e outras instituições e entidades jovens (tosse...ruído), ou se quais eram os meios que vocês utilizavam para divulgar propostas não só eventos as outras realizações do D.A. mas os ideais, as causas abraçadas pelo Diretório Acadêmico espaço da Universidade, com entidades congêneres (ruído) e também dentro das outras Faculdades da Universidade.

MPF – É então, nós não tínhamos verbas, não havia verba nenhuma, todo o dinheiro do Diretório Acadêmico era oriunda da cobrança da taxa anual que era feito na matrícula, e era aquela coisa, o calouro pagava e depois ninguém mais, e dos cursos que a gente fazia, ou uma festa ou outra que a gente tinha, então a gente não tinha nada. Não havia internet, não havia celular, não havia *Facebook*, não havia *WhatsApp*, não havia nada. Então existia em Santos apenas a imprensa, e a gente utilizava muito a imprensa, na época em que eu fui presidente, eu ainda consegui pegar o Cidade de Santos, nós tínhamos A Tribuna, o Cidade de Santos, e o Jornal da Orla. E o Jornal Cidade de Santos é muito importante nesta época porque, o que acontecia, mesmo que A Tribuna não quisesse publicar, o Cidade de Santos publicava, o que a gente acabou provocando que A Tribuna teve que se posicionar. Então as nossas discussões elas são amplamente cobertas pela imprensa regional, então toda vez que a gente brigava, ou queria que as pessoas soubessem de algo, a gente ia *pra* A Tribuna. Nós tivemos uma sorte muito grande que os jornalistas que cobriam a educação naquela época, era uma época que não tinha o que se falar porque a gente, pense bem, gestão Oswaldo Justo, Oswaldo Justo era um homem enérgico, era um homem de posições firmes, e quem mandava na Tribuna ainda era o Giusfredo Santini e o Roberto Santini, ainda eram amigos, então na Tribuna não saía tudo, então

a gente ia pro jornal Cidade de Santos e pro Jornal da Orla, na época. Quando começou a sair muita coisa no Cidade de Santos, o jornalista da educação começou a dar canal *pra* gente porque não saia nada das escolas contra o Justo, não saia nada contra isso ou aquilo, havia um vácuo na seção de educação, e eu falei, vou entrar, e aí talvez já tivesse a veiazinha do jornalista, que eu não cansava de escrever. Então eu mandava carta, eu marcava entrevista e eu ia. Então tem muita cobertura, tudo o que acontecia, ah! Vamos lançar uma chapa *pra* candidatura, a gente ia na Tribuna, vamos fazer um curso, ia *pra* Tribuna, ah! Eu tô brigando com não sei quem, então vou *pra* Tribuna, a briga era pública.

NLV – Internamente você falou das cartas

MPF – É, internamente a gente tinha os cartazes. Nós tínhamos um jornal no Diretório Acadêmico, mas esse jornal não tinha periodicidade, então, ele podia ser publicado, ele não podia, e a gente utilizava da panfletagem, era o nosso grande instrumento. Então a gente fazia um bilhete, tirava xerox, na época a gente usava o mimeografo, era então aquele cheiro de álcool, a carta nos muros nas salas de aula e no toc toc, professor com licença, preciso dar um recado, então a nossa presença era muito constante.

NLV – E aquele púlpito, que você, ele foi desativado?

MPF – Era o púlpito Arquimedes Bava durante o meu período de Faculdade, ele continuou durante muito tempo, a gente utilizava de uma forma , primeiro o seguinte, eu sou baixinho, então, eu já sou baixinho, *pra* eu ser visto eu já tinha que subir num caixotinho, e eu adorava aquilo ali porque eu era o centro das atenções, só que não era tão comum mais se utilizar aquilo porque existiam duas saídas da Faculdade, então o pátio ele era facilmente esvaziado. Então a gente optou naquela época por entrar em classe, eu não sei, não tenho conhecimento se isso existe hoje. Na época que eu fui presidente do Diretório, existia o executivo que era o Diretório Acadêmico, e, existia o legislativo, uma espécie que era como Conselho de Representantes, que tinha o poder de afastar o presidente eleito do Diretório Acadêmico.

NLV – O Conselho de Representantes da Universidade?

MPF – de classes, e cada classe elegia um representante, esses representantes formavam um Conselho que tinham um presidente. Esse Conselho por maioria absoluta podia afastar o presidente do Diretório.

NLV – Mas isso era do Diretório Acadêmico esse Conselho?

MPF – Não! Eram representantes de cada classe.

NLV – Sim, eu estou pesquisando

MPF – Eu não tenho conhecimento se ele continua a existir. Mas ele tinha uma força, o Conselho de Representantes que ele fez com que eu trabalhasse na seguinte situação, eu preciso

unir forças, então durante a minha gestão eu tive, eu era do diurno, 2º. ano diurno, 3º. ano foi quando eu exerci era em 88, a presidente da Atlética era da minha classe, a Mira Raiana, e o presidente do Conselho, Marcelo Locatelli, que era da minha classe. As três lideranças da Faculdade na mesma classe, e aí a gente começava a fazer as coisas, porque nós tínhamos toda a representação discente numa única classe, e uma das coisas que eu mais me orgulho de ter feito, é que, desde 64 com o golpe de estado, de 64 deixou-se de ser Centro Acadêmico, e passou a ser Diretório Acadêmico.

NLV – e voltou agora

MPF – Voltou. Quem voltou foi a Marta minha sucessora que fez a alteração e voltou a ser Centro Acadêmico, e a Atlética havia sido absorvida pelos diretórios Acadêmicos, quando eu fui eleito presidente, uma das minhas primeiras medidas foi devolver à Atlética o patrimônio dela, troféus, medalhas, estava tudo com o Diretório Acadêmico, 24 anos depois eu devolvo isso, então isso ajudou a fazer um pouco o meu apoio político, porque o meu objetivo não era eu aparecer, era o trabalho aparecer, e o trabalho aparecendo, eu iria aparecer necessariamente. Então era uma coisa legal essa união das lideranças, porque a gente fez muita coisa, porque estava tudo parado.

NLV – Aproveitando esse gancho que você falou do Conselho de classe, na verdade quando você ingressou em 86, foi o ano em que houve o reconhecimento da Universidade. A partir de então havia o estatuto da Universidade que prevê a representação estudantil na estrutura que você está colocando de representantes de classe, aí tem o Conselho de Representantes no colegiado (tosse) e que tem voz que votam nos Conselhos Superior da Universidade, e da própria Faculdade também. Vocês tinham o conhecimento disso quanto o Diretório? Você já colocou três pessoas do Diretório que estavam como representantes né, mas vocês tinham ideia, tinham acesso, vocês conheciam, vocês discutiam esse estatuto e regimento da Universidade que regulamentava e estabelecia a representação estudantil inclusive o Diretório Acadêmico e a eleição do DCE, você pode lembrar como é que isso pra gente?

MPF – Sim, o processo do DCE ele começou antes de mim quando era a Sociedade Visconde de São Leopoldo, só que ele não foi implantado de uma forma satisfatória, é tanto que a minha turma ela é, ela se intitulava a 34ª. da Faculdade Católica de Direito e a primeira da UNISANTOS *pra* nós foi um negócio assim, virou UNISANTOS *ó pra* nós era um Oh! Tá acontecendo as coisas. O DCE é, ele era muito politizado nessa época, a ideia do DCE a grande líder dessa época que eu fui presidente era a Sueli Carpani que era da Faculdade de Comunicação que veio a ser candidata a Prefeita em 88 pelo Partido Comunista, e a Sueli ela queria politizar demais as representações estudantis, houve uma assembleia, vou falar que é

histórica, que foi na Faculdade de Filosofia, no auditório da FAFIS, lotado, apinhado de gente, e quando chega lá havia a primeira proposta que foi apresentada com moção de apoio à então deputada estadual Telma de Souza, mas, o problema era a evasão escolar, e a primeira proposta era a moção de apoio a deputada, a segunda proposta de apoio era a moção de apoio a não sei quem do PT, a terceira não sei o quê, aí quando chegou a quarta eu pedi a palavra, aí eu falei, gente nós vamos discutir assuntos dos alunados e uma das pautas era o DCE e nessa Assembleia era, eu não vim aqui *pra* ficar discutindo política partidária, eu vim aqui *pra* discutir aluno, aí eu me retiro, eu me levanto da Assembleia e retiro a Direito desse problema, ou seja, acabou a discussão. Então eu botei areia e joguei a mão, enquanto o problema for política partidária aqui, Direito não participa e acabei com o mico do DCE em 88. Quando ele estava, porque a Faculdade, e ali eu tive uma experiência não muito produtiva com a professora Maria Helena Lambert que ela politizou muito, ela trouxe o PT *pra* Universidade, na época em que o PT, não era esse PT corrupto, era aquele PT cupim, que entrava e tomava conta, então eu falei assim, não quero essa política, eu não quero esse tipo de projeto de poder, e aí então, eu batia de frente com a Maria Helena Lamberti.

NLV – Por questões ideológicas?

MPF – Porque eu não concordava, principalmente porque eu pensava que ela como professora educadora devia pensar primeiro na instituição.

NLV – O cargo dela era já pró-Reitora ou Reitora?

MPF – eu não

NLV – Qual o ano?

MPF – em 88 ela era pró-Reitora. O primeiro Reitor foi o Padre Waldemar

NLV – Não, ela era só professora.

MPF- É eu até tenho aqui no convite, e aí ela, mas ela já era muito influente, e aí, ela veio com essa politização, e aí eu falava muito com o professor padre Waldemar, porque o padre Waldemar também dava aula na Católica, na Direito, depois ele deixou, mas eu falava – professor, não é assim, aí eu falava com o Chico Prado, o professor Chico Prado falou – você tá certo, você tá certo, então havia, gente, mas o foco era o aluno, não era partido, é aquilo que você me perguntou, a política fazia força *pra* entrar, e eu fazia força *pra* não deixar a política partidária entrar porque naquela época eu entendia que a política acadêmica estava em primeiro lugar, e aí eu impedi assim de uma forma bem direta a instalação do DCE em 88. Veio a ser instalado posteriormente no ano em que eu fui presidente do Diretório, por essa Assembleia, que também nitidamente estava forjando uma candidatura para uma Prefeita que depois acabou acontecendo, eu não tava contra a Telma, eu tava contra o momento da coisa *tava* sendo feito,

então o DCE existiu, é, eu não participei do DCE, eu fui em poucas reuniões, eu não apoiei, eu me fechei na Faculdade e comecei a criar um grupo de apoio com outras faculdades, Serviço Social, aí foi Arquitetura, aí depois foi Engenharia, aí depois essas faculdades menores que a gente enfrentava a liderança a FACOS, e da FAFIS Faculdade de Filosofia.

NLV – Voltando aqueles meios de comunicação, as formas utilizadas para a divulgação você citou bastante o apoio o espaço, os jornais na mídia impressa na época era o que tinha, o Cidade de Santos, o Jornal da orla e A Tribuna e até mesmo (tosse), os textos, os artigos publicados, houve discussões polemicas?

MPF – Com certeza,

NLV – Pode citar algumas manifestações por escrito de vocês que tenha causado polêmica na cidade, na Faculdade, na Universidade, entre vocês?

MPF – Então, a briga maior foi com o Centro dos Estudantes de Santos, foi amplamente divulgada toda a briga porque o então presidente era o Alexandre Bill eleito, ele começou a fazer uma gestão política do Centro dos Estudantes de Santos, essa gestão política partidária, porque ele estava trazendo o partido político, porque na época ele era ligado ao, se não me engano, ao Partido Verde, ele tava trazendo a política *pra* dentro, eu era contra esse posicionamento, eu continuava entendendo que a gente tinha que ter como pauta o alunado e não o mundo exterior ponto. Isso começou a crescer e o Alexandre Bill começou a não representar os alunos de uma forma enfática, então ele ia nas Assembleias pedia a palavra e falava, olha porque não sei o quê...Qual é a proposta? Nenhuma. Então começou o movimento entre os presidentes dos Diretórios Acadêmicos que formavam o Conselho de Presidentes em Santos, e aí não apenas a UNISANTOS, aí a gente tá falando de todas as Faculdades, era a única Universidade mas existiam as Faculdades mas a gente tá falando notadamente, o grande poderio que era a Engenharia no Santa Cecília, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Educação Física, que era forte, era um poderio, e a gente fazia parte do Conselho de Presidentes, eu determinado momento, houve um bate público entre Direito e Centro dos Estudantes, Pavão e Alexandre Bill, esse debate foi registrado pelos meios de comunicação, onde eu me apresentei como alternativa ao que estava acontecendo, eis que a coisa foi crescendo de tal forma com o apoio da mídia que levava naquela época se alguém quisesse saber de algo na cidade tinha que ler A Tribuna. Se você não lesse A Tribuna você não sabia o que estava acontecendo na cidade, não havia jornal regional, não havia TV regional, não havia nada, então A Tribuna era a fonte de informação nessa época o Cidade de Santos acabou você tinha o Jornal da Orla, que na época não falava nada e você tinha A Tribuna, que a noção da manipulação da informação a gente não tinha naquela época, porque era a única voz. Então A Tribuna era a voz do povoado né? Aquela

coisa saiu na Tribuna, você existe, saiu na Virginia Wolf na coluna social, você é da socialite, você é da sociedade, se você não saia na coluna da Virginia Wolf você não existia. Então era uma coisa interessante, a gente foi brigar. Eis que os presidentes dos representantes do Conselho votam pela deposição de Alexandre Bill, note bem, 88 ano da Constituinte, depois um Presidente do Centro dos Estudantes de Santos eleito, e aí a Faculdade Católica de Direito por ser a mais antiga, ela tem a primazia de ser da sucessão até ser convocada uma nova eleição. Os presidentes vão se revezando até a nova eleição, e o primeiro presidente é o de Direito. Então por ser um mês, eu fui Presidente Interino do Centro dos Estudantes de Santos, em 88, após a deposição do Bill. E durante esse mês que eu fiquei lá, eu iniciei um processo de varredura, porque eu queria tirar do Centro dos Estudantes, exatamente a política. Então na época que eu fui Presidente, a sede ainda era habitável, havia uma série de situações que depois acabou sendo degradingolada, a coisa acabou, mas esse embate foi amplamente coberto pela mídia. A gente, toda vez que saía uma notícia no jornal, a gente tirava xerox, botava num cartaz colava na parede, botava nos corredores, botava na sala de aula, tirava xeros entregava na entrada, entregava na saída, essa forma que a gente tinha de divulgar, tudo era muito artesanal, tudo era muito, a grande inovação tecnológica, era a xerox reduzida, a gente reduzia quatro numa folha de sulfite e só. Era grande coisa que a gente tinha. Imagina colocar foto! Era xerox mesmo! Era, então houve esse grande embate do Centro dos Estudantes ao qual eu tenho muita honra de ter participado, não por ter feito a deposição, até porque eu acho que nunca é legal depor ninguém, mas essa participação da gente sair dos muros, e sem abrir mão dos valores, porque eu sempre continuei lutando pelos alunos e contra aquela política partidária, que 30 anos depois, é, eu de uma certa forma, fico satisfeito de não estar do lado errado, mas eu fico triste de estar certo. Eu odeio quando eu tô certo porque eu tava lá atrás vendo que a política e educação elas vivem juntas, mas Política Partidária com educação não coexistem, porque você fica cego, você acaba atendendo interesses de outras situações que não é aquele que você precisa atender. (som do telefone da secretária da sala ao lado). (ruídos)

NLV – Então, ainda voltando aos artigos e escritos que você mencionou, quando era possível vocês tinham um tipo de jornal, um boletim, houve alguma publicação ali de vocês, algum editorial, algum artigo, alguma notícia, (ruídos) tenha gerado polêmicas, ou algum tipo de manifesto que vocês tenham também deixado registrado impressamente que tenha trazido, gerado polêmica, não só entre vocês, o artigo era do próprio D.A. mas entre a comunidade que vocês representavam ou a instituição a Faculdade ou até na comunidade, você se lembra é claro!

MPF – Que a gente tenha feito, que tenha repercutido na cidade?

NLV – Repercutido sim, que tenha gerado polêmica, alguma coisa realmente escrita, divulgada no jornal que vocês conseguiam, ou numa carta aberta, ou uma carta da Tribuna do leitor, da insatisfação claro, muitas pessoas podem ficar insatisfeitas por aquilo que você citou do Edmur, o ônibus...

MPF – Esse caso foi na Tribuna do leitor

NLV – Isso, algum artigo, algum posicionamento do Diretório com uma situação interna da Universidade ou uma situação da cidade, no caso de vocês geraram no DCE, ou gerou algum documento, a publicação de alguma carta aberta, ou algum artigo que possa ter gerado, você lembra? MPF – Então, essa questão do DCE é, eu tomei a postura literalmente, isso não é uma coisa de que me orgulhe, olhando *pra* traz, mas àquela época, o DCE não significava nada *pra* mim.

NLV – Nem *pra* comunidade?

MPF – não se sabia porque quando eu fui presidente, foi o primeiro ano da UNISANTOS, então a coisa era muito embrionária e eu naquele momento, eu tinha muito receio de entrar de gaiato no navio, então como eu não conhecia, e não estavam me mostrando eventualmente a verdadeira face do DCE, ééé, se não me falha a memória, a primeira diretoria do DCE é biônica, se não me engano, foram nomeados pessoas pela Universidade, porque a Universidade tinha muito medo que isso crescesse, então não era uma coisa muito incentivada que as pessoas buscassem informações, e eu de minha parte, por não ter informações, não ter pessoas que eu pudesse delegar carta branca para falar em meu nome lá dentro, eu tinha pessoas de confiança, mas não ao ponto de tipo, cuida você disso, eu tinha muito medo de estar entregando para pessoas erradas, e eu não tinha noção, e naquela época do que era o DCE. Que o DCE era uma coisa que, ó precisamos fazer, o Dedé o meu antecessor era o grande defensor do DCE, o Dedé vinha com a bandeira do DCE desde o início e não conseguia, eu tirei o carrinho da corrida, e o DCE voltou a ser discutido dentro da Faculdade de Direito pela minha sucessora Marta, então assim, eu assumo a responsabilidade que eu não dei a menor atenção para o DCE por total desconhecimento e a Faculdade também não fazia a menor questão de saber o que estava acontecendo

NLV – Você fala a Faculdade a Instituição?

MPF – A Instituição não estava nem aí pro DCE.

NLV – Mas isso não estava no estatuto, eu sei que o Estatuto naquele momento ainda estava sendo construído.

MPF – Exato.

NLV – Mas vocês participaram da elaboração pelo menos desses artigos

MPF – Não.

NLV – Foi consultado você se lembra?

MPF – De jeito nenhum. Era tudo carta pronta, tudo prato pronto *pra* ser servido, e aí que vinha o meu receio porque eu não tava querendo mais o prato feito, eu queria entender o que tava acontecendo, e não havia essa explicação

NLV – Mas você, como você considera essa posição da alta administração acadêmica e administrativa na instituição, mas esse clima que você percebeu na própria instituição na Faculdade, os professores com direito a voz, o espaço de vocês não era um espaço pelo menos ostensivamente retirado, quer dizer, vocês podiam fazer Assembleias, vocês tinham um relacionamento pelo que estão colocando respeitavam e eram respeitados e respeitavam professores, diretores, funcionários, apesar dessa consideração, então é, como é que você vê isso? É antagonismo você acha paradoxo ou como é que você encara (falas cruzadas) esse peso, eu queria entender um pouco melhor.

MPF – Eu vou te falar o seguinte, os congressos da UNE e da UEE eles existiam eu fui a um Congresso da UNE eu devo ter ficado 15 minutos, eu falei, isso aqui não é ambiente *para* mim.

NLV – Em Brasília?

MPF – Em São Paulo. Eu fui uma vez só e falei, não vou participar. Aquela vivência de UNE e UEE, de UPS era uma vivência que existia que tinha sua militância que tinha suas coisas, só que era uma militância que já era de esquerda notadamente. O 11 de agosto em São Paulo não São Francisco era um Centro Acadêmico notadamente esquerda. Eu tinha minha posição ideológica que eu guardava porque enquanto liderança eu não posso, mas também eu não posso negar que o meu desconhecimento à época do que era o DCE do que poderia vir a DCE, me fez tomar essa atitude de ignorar essa estruturação do DCE, até porque eu não acreditava àquela época no DCE. Porque as coisas vinham assim, o DCE tem que ser composto por tantos representantes porque vinha da Universidade como que a gente deveria ser. E eu falava assim, vocês não têm que dizer, nós é que temos que chegar a essa conclusão. Mas eu não tinha base para chegar nisso porque eu não tinha aquela vivência. Mas também não queria ter aquela vivência, porque não era realmente o que eu queria, então era um paradoxo. Que eu ficava, mas eu vou administrar, não quero dizer que estou favorável, mas também não quero dizer que sou contra. Não quero, então ficava me balançando numa gestão administrativa.

NLV – Tem duas perguntas aqui que eu quero juntá-las, você já respondeu em muitos pontos da sua fala mas gostaria que você fosse mais pontual sobre isso. Como foi essa experiência você colocou na liderança juvenil, presidência do Diretório Acadêmico de uma instituição tradicional e no que essa vida acadêmica afetou a sua vida pessoal, profissional e a própria militância?

Quando eu falo a vida acadêmica tô tentando focar a convivência o exemplo o desafeto ou o afeto com professores, as disciplinas que você estudou não só as técnicas mas as de formação humanística com os colegas, com os funcionários com a própria Universidade né? Como que essa experiência e essa vida acadêmica afetou a sua vida pessoal e profissional e a sua militância não partidária, você entendeu, a sua militância a sua mobilização. Você é uma pessoa ainda hoje bastante atuante né? No social na representação.

MPF – Afetou de forma assim total. A experiência que eu tive na Faculdade de Direito, no Centro Acadêmico, no Diretório Acadêmico, ééé o que eu entendo por política hoje eu aprendi na Faculdade de Direito, eu aprendi no Alexandre de Gusmão. O que eu penso ser correto eu aprendi lá. Porque eu aprendi que eu posso estar num ambiente com pessoas que pensam de forma completamente diferente da minha e a gente poder trabalhar junto. Eu penso que existe o que é certo e o que é errado. Eu defino política como o azulejista, você bota, pode pensar que o azulejo pode ser colocado da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda ou de cima para baixo ou de baixo para cima, mas o que todo mundo quer é o azulejo. Hoje não! Hoje nós vemos que política houve uma desvirtuação do conceito de política para um conceito de crime de roubo, de corrupção, de rouba mas faz, eu penso que não é essa a necessidade. Você pode fazer as coisas sem ter essa necessidade de um projeto de poder ou um projeto financeiro. E eu tenho assim um orgulho muito grande desde aquela época de ter diversos cargos voluntários e não remunerados. Eu tenho um orgulho muito grande, eu bato no peito. Eu fui recentemente até candidato a vereador e bati no peito e falei assim, eu não gastei um centavo na minha campanha, eu tenho o orgulho de ter feito uma campanha e não gastei dinheiro. Ah! Você só teve 290 votos. Só? Por uma campanha que você não faz gasto, que você não investe, que é uma campanha de amigos, uma campanha que você fala de um *pra* um de 289 pessoas além do candidato que foram lá e votaram! Eu não falei nem com a família, não falei com ninguém. Então eu aprendi isso na Faculdade de Direito, no Diretório Acadêmico, na Universidade Democrática, onde eu tinha um tesoureiro comunista, onde eu tinha um Diretor de extrema direita e quando a gente sentava o foco era o aluno. Então até hoje eu posso dizer que a pessoa que eu sou hoje é resultado direto da experiência que eu tive na Faculdade de Direito. É direto! É assim! Eu tive experiências no colégio que foram assim absurdas. Por exemplo eu consegui perder a eleição para orador da turma sendo candidato único. Por que? Porque os alunos, o que hoje se fala que é *bullying*, os alunos, os colegas amigos que eu considero como irmãos até hoje, eles falaram, vamos votar no outro que não é candidato só para o Pavão ficar nervoso. Só que eu levei a sério aquilo. E eu não fui orador. Depois eles falaram, não! É você! Minha turma não teve orador, porque eu levo política muito a sério. Então eu fui

presidente do Diretório Acadêmico era a coisa mais importante que eu tinha na vida era ser presidente do Centro Acadêmico. E eu ia defender os interesses do aluno até o meu último dia de mandato. Talvez esse seja o motivo porque eu não seja favorável à reeleição. Porque eu não saio de um cargo sem estar completamente desgastado. Vou brigar até o inferno. Ontem mesmo eu estava aqui numa Assembleia da OAB onde veio um cidadão ficar falando, rasgando seda para um Sistema de Saúde Municipal aí eu virei e falei assim, poxa eu *tô* aqui *pra* bater palma pro Prefeito? Eu quero um sistema porque eu fui *pro* Posto do Sistema de Saúde, hoje eles ficam dando fichinhas verde, azuis, quer dizer, o atendente olha *pra* sua cara e vem dizer ah! você não tem cara de quem *tá* precisando de médico! Se você está no hospital é porque *tá* precisando, não *tá* passeando né, e aí eles te dão uma fichinha verde que significa que todo mundo vai ser atendido antes de você, então é contra isso que eu luto, essa pessoa, se eu sou bom ou se eu sou ruim, hoje, é assim, praticamente eu sou o resultado dessa experiência dentro do Diretório Acadêmico. É que foi a primeira vez que eu tinha que falar *pra* 200, 300, 400 pessoas numa Assembleia onde *tá* todo mundo desesperado *pra* continuar na Faculdade e eu um moleque de 18 anos *pra* que *tava* falando com eles então eu tinha que superar a minha idade, a minha inexperiência a minha falta de tudo e me posicionar, eu sempre tive essa necessidade de me inserir porque eu acredito sim, que dá *pra* se fazer política sem ser politiqueiro que dá sim *pra* você fazer a diferença sem fazer um projeto de poder pessoal, eu penso que o poder ele é efêmero e como efêmero a gente precisa saber muito bem que ele tem começo, meio e fim, porque se a gente fica achando que o poder é assim, Ah! Você está na mídia você aparece, legal que eu tenho um espaço, o meu objetivo mesmo é acontecer, o que vai acontecer hoje, por exemplo, na Associação dos Advogados Trabalhistas, vão inaugurar minha foto como ex-Presidente, e a nova Diretoria toda empolgada, eu sinto que dois anos depois eu deixei uma entidade com gás suficiente para ela continuar quer dizer o meu objetivo é esse. Aí eu volto fazendo um gancho com aquela primeira pergunta que você fez, eu sou aquela mesma pessoa, talvez aqui ficando carcomido, mas eu tenho orgulho de ser o moleque que eu era porque eu levo a sério aquela coisa de fazer um trabalho de classe, você ser elogiado. É eu aprendi muito na Faculdade de Direito, mas também e na sorte da educação que eu tive e que é aquela coisa agora continuo aprendendo. A Suzane, a advogada que eu trabalho, ela fala *pra* mim, ela me ensinou a comemorar tudo o que acontece, então a gente ganha um dinheiro no alvará de um processo, então ela fala, vamos almoçar, vamos comemorar, porque tem que ser fêmea e tem que se reproduzir. É verdade, você tem que comemorar cada vez mais as suas pequenas vitórias, porque se a gente ficar esperando a grande vitória, talvez ela não venha, então a Faculdade foi

e continua sendo a minha fonte de inspiração política, é a UNID a Universidade Democrática, aquele ensinamento onde todo mundo pode ser igual mesmo pensando diferente.

NLV – Embora você já tenha deixado claro algumas coisas, (tosse) suas ideias seu pensamento se você também puder dizer *pra* mim, a idade com a qual você era esse líder, qual a idade que você tinha quando entrou no Diretório Acadêmico (ruído) você podia definir qual o papel de um líder estudantil? Como você via naquela época, você já trouxe muitas informações a respeito, o papel de um líder estudantil, qual a idade com que você foi Presidente e o papel, como você está voltando lá e deixando bem claro.

MPF – É, eu entrei em 86 na Faculdade de Direito, eu sou de 17 de abril, entrei com 17 anos, eu sai do 3º. Colegial direto na Faculdade, fui eleito Presidente do Diretório Acadêmico com 19 anos, com 18 e exerci com 19. Minha experiência de vida política era nenhuma, a não ser do colégio Centro Cívico, representante de classe e tal, mas essas experiências que eu já tive num colégio, e quando eu fui com 19 anos, eu confesso *pra* você que eu não tinha a menor noção de quem eu era, do que eu fazia, e aonde eu queria chegar, eu era um absolutamente nada naquela época, mas eu tinha na minha cabeça uma coisa muito séria, respeito pelos princípios de valores daquilo que eu representava, então eu não tinha a menor noção do que era o Diretório Acadêmico, não tinha noção da importância do que era, mas eu tinha a convicção de que era algo importante que eu tinha que defender e levar à frente e eu me colocava, é assim. Se você for me perguntar, *pra* mim, ah! Como era você como líder estudantil, vou questionar primeiro, era um líder? Não sei, estudantil, eu não sei, eu nunca fiz por isso, eu sempre fui acontecendo e as coisas foram dando, mas eu tinha esse senso de responsabilidade, de deixar algo, de não passar em branco, de não ser inútil num momento que eu poderia ser útil, de não apenas preencher lacuna, e a minha noção era essa, então naquele momento pela minha experiência política eu voltei *pra* Faculdade e resolvi fazer uma gestão administrativa no Diretório Acadêmico, não esquecendo a política, mas eu fui no caminho inverso, eu fui de dentro *pra* fora, e não de fora. Sabe, aquela coisa, eu quero o macro? Não! Eu quero o micro, vou aprender primeiro o que é micro, vou conhecer a Faculdade, então, por exemplo, uma das primeiras coisas que eu fiz, foi pegar o Regimento Interno da Faculdade de Direito e da Universidade, então eu sabia tudo, então quando o professor vinha bater de frente, ou quando alguém vinha e dizia não, não tem problema, depois desse requerimento, se o requerimento for indeferido, a gente faz o requerimento *pro* colegiado, *pra* Congregação, não sei se ainda existe. Existia a Congregação de professores, que podia, tinha poderes de reverter qualquer decisão de qualquer instância, então a Congregação era um órgão temido até pelos professores, eu chegava e falava assim, não professor, não tem problema nenhum, porque se isso não acontecer, a gente apela

pra Congregação, a gente faz tal coisa, se a Congregação não tentar o recurso, eu tô na Faculdade de Direito, preciso saber quais os instrumentos que eu tenho.

NLV – Isso era disponibilizado, você lembra aonde?

MPF – Na Secretaria, era chegar na Secretaria era a Neidinha, a Neide Gamo, Neidinha vem cá, tá aqui, não conta pro professor, não conta pro professor, e a gente conseguia, tinha a Dona Salma, tinha várias pessoas, então a gente tinha um contato muito grande com pessoas absolutamente maravilhosas.

NLV – Sabe quem era a secretária da época, era Maria Salgado?

MPF – Eu não me lembro. Eu me lembro que o primeiro, a primeira pessoa que entrou como secretário foi o José Reple, e a gente enfrentou um problema, porque o maior dos problemas que a gente teve foi no dia da Colação de Grau, que o Reple queria tirar os repetentes, e a gente tinha feito um acordo verbal que os alunos pagaram a Comissão de Formatura durante quatro anos e alguns ficaram de dependência e não colaram. O Regimento Interno diz, o Estatuto diz, que a Cerimônia de Colação de Grau é dos alunos, não é da Faculdade. Então no dia da Colação de Grau, imagine a cena, os parentes dos repetentes, no Teatro do SESC, os familiares todos, e o professor José Reple disse que eles não poderiam participar, aí eu era Diretor Social da Comissão de Formatura no SESC, momentos antes da colação, toda a Comissão de Formatura renúncia, e eu passo a ser o Presidente da Comissão de Formatura, na hora da colação. Eram três classes. Uma classe era totalmente inimiga nossa, eram duas juntas diurno e noturno e noturno B separadas. A gente conseguiu unir as três classes, onde a gente comunica, ou todos participam, ou a gente ia expulsar os professores da Colação de Grau, porque a gente ia dar esse presente *pros* familiares, isso ali. Eu quase tive um enfarto, fiquei com a boca roxa, tal não sei quê, aí vem o Chico Prado, vocês venceram. O pessoal ia só receber o canudo. Eu disse assim, é um desrespeito aos pais desses alunos, que foi feito um acordo, e a gente acreditou na palavra. Então, a gente já era, exercia, porque assim, o que que é o certo, o que que é o errado? Se tivesse falado não, eles não estariam aqui. E aí o futuro veio dizer quem estava certo. O sr. José Reple foi expulso porque ele roubava valores das certidões. Nojento! Então isso é a medalha que a gente tem, porque a gente lutava pelo certo, porque quem combatia contra a gente era uma pessoa que não merecia esse poder que davam a ele. Então a coisa foi muito séria, a gente teve um momento muito sério, só que eu aprendi a me posicionar imediatamente, sabe, sem medo de consequências. Então isso é uma coisa que eu aprendi na Faculdade, eu trago até hoje, e até hoje eu falo, eu apoio a tua gestão aqui na OAB e vou continuar apoiando enquanto eles derem sentido de que a coisa tá certa, vou contar sempre, porque eu, eu prezo muito isso, quer dizer, é aquilo que a gente deixa, é aquilo que a gente constrói, porque é assim, eu não sou casado, eu

não tenho filhos, e é por isso que eu não vou brigar pelo meu país? E é por isso que eu vou deixar a porcaria? Não! Eu vou *pra* rua sim, ah! Mas você *tá* indo com a camisa da seleção brasileira, ainda bem vou com qualquer camisa, não é a camisa que me faz, é o ato, e isso eu aprendi lá, essas diferenças dentro da Faculdade.

NLV – Dentro desses princípios seus, seu posicionamento, esse papel de liderança, quando os valores que você apresentou aqui, de caráter de formação, as suas crenças, as suas próprias ideologias partidárias políticas, partidárias ou não, esses valores eles vieram de casa? Porque independentemente do seu perfil, você é uma pessoa que tem facilidade de oratória, com facilidade de expressão, os valores vieram de casa? Quando você entrou na Faculdade, permaneceram, reforçaram, mudaram, você pode falar um pouquinho sobre isso?

MPF – O meu pai ele era bancário, mas na área ele fez contabilidade na época, e ele, a turminha dele era Esmeraldo Tarquínio, Mário Covas, nos bailes da humanitária, no Centro de Estudantes de Santos, então eu, o meu pai era Diretor de Patrimônio da gestão de Mário Covas, no Centro de Estudantes de Santos, então eu tinha um exemplo, quando Justo era Prefeito, o vice Prefeito Esmeraldo Tarquínio ele era meu contemporâneo na Faculdade, ele se formou um pouco antes de mim, mas eu tive esse contato com o Esmeraldo Tarquínio como Vice-Prefeito, o filho, o Tarquininho, e ele criou o Esmeraldo Tarquínio um Conselho informal de amigos no gabinete do vice Prefeito, e eu nem sei se ainda existe, aquela mesa gigante no gabinete do vice-prefeito, que a gente ia lá debater Santos, e eu era o Presidente do Diretório Acadêmico, e eu ia lá debater com o vice-prefeito, e as vezes aquilo virava uma coisa que ia além que as vezes dava, as vezes não, e a minha mãe ela participava de tudo de esportes ela era da época da Lídia Federici, da Judite Russo, de todo mundo que jogava basquete, então ela me trazia aquelas informações, quando vinham jogar em Santos, o pessoal das outras cidades trazia peixe, e eu falava que, você é peixeiro, e jogava peixe nos outros atletas, então eu tinha aquela informação do esporte, da informação participativa, a minha mãe participava até da corrida de saco, e uma coisa que eu devo muito, essencialmente a ela, eu morava na Oswaldo Cruz, e tem a feira da Oswaldo Cruz de terça-feira, eu morava no 220, a feira era mais *pra* frente, então a gente ia *pra* feira, e eu carregando o carrinho pequeno dela, então a gente ia assim, um limão, dois limões, a gente ia brincando de plural de antônimo então era a brincadeira de mãe e filho era essa, porque a minha mãe sempre falava isso, ah! Eu fiquei, o meu pai morreu eu tinha quatro anos, eu tive uma preparação de cidadania dos meus pais, ainda que inconsciente, eu sempre fui, por exemplo, eu e meu irmão somos muito diferentes. Meu irmão não tem nada a ver comigo. Meu irmão, se puder ele pega a casca se volta *pro* ovo e fecha, eu não, eu sinto que eu fui preparado pelas desilusões dos meus pais, e aí eu faço um parêntesis, quando eu nasci minha mãe tinha 36 e o

meu pai 40. Meu pai é de 28 e minha mãe é de 32. Então era uma outra vida, a experiência que eu tive não foi a experiência dos pais dos meus amigos, os pais dos meus amigos eram aqueles da década de 60, aqueles da década de 50, os meus pais são da década de 30 e 40. A experiência que eu tive foi a ditadura de Vargas, sabe, o meu avô foi exonerado da Estiva porque ele fez uma piada do Getúlio Vargas, então eu cresci sabendo que existia o lado ruim. Que existia o lado mau da coisa. A minha mãe sempre me trouxe essa informação de participa, então, então eu falava assim, mãe eu vou participar, poxa que show! Meu pai dizia, olha esse é o meu herói, porque eu via que o meu pai era um frustrado porque não tinha feito Direito, ele queria ter sido da primeira turma, mas ele não foi, a minha mãe queria ter sido advogada, minha mãe é daquela época que mulher não trabalhava. A minha mãe era aquela, ou você vai ser professora ou então, eu sinto que eu absorvi muito das frustrações e eu tentei transformar essas frustrações em realizações. Então é inegável que eu vim de uma casa com uma bagagem cultural política.

NLV – politizada

MPF – muito grande, meu pai era professor de história no passado, minha mãe era apaixonada pela língua portuguesa, embora tenha estudado só até o quarto ano primário, ela era uma pessoa ela era incapaz de escrever errado, se ela tinha dúvida, ela pegava o dicionário pra ver. Então eu vim dessa noção e sempre um debate assim, então chegava da escola, ó mãe, a professora falou tal coisa, e a gente discutia muitas coisas, literalmente as frustrações, e eu tive uma vez no Santa Cecília, fizeram uma pergunta sobre se eu pudesse definir em poucas palavras o maior aprendizado que eu tive no colégio, e até hoje o pessoal fala assim, nossa! Eu aprendi a perder. Eu tive a consciência do que é perder, do que é escolher, do que é optar, do que é saber que você pode ir *pra* um lado ou *pra* outro e o que você fizer vai ter uma consequência. Então o esporte me trouxe isso também, a natação, porque a natação? Porque você escolheu natação? Não sei, meu irmão nadava e eu morava do lado da piscina então eu fui. Mas principalmente hoje olhando *pra* trás, porque eu escolhi a natação, porque a natação depende só de você. É você com você mesmo. Lá você não escuta nada, está dentro d'água, lá você tem que pensar muito, é a tua cabeça, não depende dos outros, então é você que tem que lutar contra quem? Contra você mesmo, no relógio, então isso foi somando essas experiências políticas, administrativas, foram sendo uma somatória inegável que a minha casa, o meu avô foi o fundador do Sindicato do Comércio Varejista de Santos, primeiro presidente, o meu avô teve a ousadia, trouxe até um anúncio que saiu na Tribuna a história do Sindicato do Comércio Varejista, agora não sei mais, e o meu avô teve a ousadia de montar, fundar o sindicato, ser o presidente da primeira Junta Governativa e não ser candidato a primeiro presidente, porque ele achava que poderia ser eleito, isso não era justo, o meu avô morreu em 36, eu vejo que esse

exemplo, é isso que eu quero, ele fez a coisa, ele teve a capacidade de dizer não! Eu não quero interferir, e não se candidatou. Ele seria o 1º. Presidente, ele era o Presidente da 1ª. Junta Governativa, quer dizer, esses exemplos, esse mesmo homem, ele teve a primeira loja de secos e molhados, um armazém com filial em Santos, foi roubado pelo irmão, levou ele à falência! O que ele fez? Fez uma loja de animais, ele foi ser veterinário amador porque ele faliu, ele ia falar o quê? Ele tem 6 filhos, então ele foi refazer a vida, isso é uma coisa que eu não tenho medo, eu já encerrei e recomecei pelo menos umas cinco vezes a minha vida, eu já abandonei a advocacia, já abandonei volto, porque recomeçar faz parte desde que a gente assuma os nossos riscos, quer dizer, ah! Mas você fez uma porcaria, você não devia ter feito isso, bom, mas se eu não tivesse feito, eu penso assim, eu não me arrependo do que eu faço, cometo erros, mas me arrepender, não! Eu tento consertar os meus erros...

Intervalo....

Voltando...

NLV – Como você caracteriza a juventude na década em que você era estudante, ou seja, 1980/1990, a juventude brasileira, e se você recorda como era a juventude aqui na nossa cidade em termos de movimento de participação, como você caracterizaria os seus colegas os contemporâneos de idade, não precisa ser lideranças.

MPF – Na década de 80 é assim, eu saí da fralda e fui para o paletó, literalmente, por exemplo, a questão a emancipação do município, eu me lembro, eu fui testemunha e não participei absolutamente de nada. Em 84 quando foi

NLV – mas você tinha visto estudantes participando ou não sabe dizer, jovens quer dizer

MPF – Eu estudava de manhã e ficava dentro d'água o resto do dia, então falar que eu prestava muito atenção, não! Até porque só existia A Tribuna na época, e nessa época eu não lia muito.

NLV – Sendo os seus pais tão politizados?

MPF – Nesta época a gente passava por uma fase meio complicada, meu pai ele resolveu se aposentar sem se programar, então nós tivemos uma queda vertiginosa do padrão econômico em casa, então de uma família de classe média, média, passou para uma família de classe média. Graças a Deus, e olhe lá! Porque a gente foi ladeira abaixo! Então era uma época em que a minha mãe a toda hora ficava falando que ela era a ministra da economia e meu pai ficava assustado vendo o que estava acontecendo. Então sinceramente eu não me lembro até 1985 participação muito ativa politicamente. Em 85 com o advento das eleições do colégio eleitoral e aí sim eu me lembro de uma forma muito forte a minha torcida. Eu comecei a prestar atenção em política a partir da emenda Dante de Oliveira, quando ela não passou, aquilo para mim foi o primeiro momento, o horário eleitoral, embora eu assista desde a época da Lei Falcão, que

ficava aquela cara, *pra* frente e *pro* lado, eu comecei a prestar realmente atenção, na Dante de Oliveira, quando Tancredo Neves não assumiu. Eu me lembro que eu cheguei no colégio chorando porque aquilo foi uma frustração muito grande *pra* mim. Eu me lembro, ainda que, veja bem, depois eu virei malufista. Só que na eleição eu não torci para o Maluf, torci para o Tancredo. Porque eu achava que o velhinho *tava* vindo, já tinha lido, que ele já tinha sido, primeiro ministro, já tinha sido governador, que já tinha sido uma série de coisas, então eu falei assim, esse homem vai unir esse país, e comecei a ter essa sensação. Quando Tancredo não empossado, eu chego chorando na escola, e eu tive colegas que falavam assim, ah! Tirando o sarro de mim, imagina! Que isso tal! Eu me lembro quem veio meio que consolar né, aquele moleque, eram os professores que já tinham passado por outras coisas, eu tive professores que falavam, não! Não é bem assim, as coisas, não sei que, só que eu via que era uma indiferença muito grande dos meus colegas de classe.

NLV – Então essa juventude como é que eles, o que eles gostavam, o que eles faziam?

MPF – Jogar bola e brincar...

NLV – E aqueles que não eram do Diretório Acadêmico e da própria Faculdade, como essa juventude se comportava, eles eram engajados, eles eram alienados, eu não quero conduzir (vozes falando ao mesmo tempo)

MPF – A grande, a grande

NLV – Como é que você percebia

MPF – A grande maioria das pessoas eu classificaria como alienados

NLV – Nos anos 80 e 90?

MPF – É, nos anos 80 a coisa começou, existia a terminologia, que existia era, você é progressista ou você é reacionário, o progressista era o cara que era PT, o reacionário era o cara contra o PT, e onde você ficasse ou era reacionário ou progressista, eu discordava disso porque eu já tinha na minha cabeça que o que interessava era o resultado do trabalho.

NLV – Você encontrava jovens na sua convivência, seus parentes, seus colegas de vizinhança, os próprios, como é que você via isso?

MPF – Eu, eu, (vozes falando ao mesmo tempo), eu tinha muito contato com pessoas muito mais velhas do que eu, então as informações

NLV – por alguma razão

MPF – Até pela diferença dos meus pais, a minha avó mais nova, se tivesse viva ela estaria com 117 anos, então eu sempre tive informações de coisas mais anteriores à minha existência, os meus colegas de classe eu sempre me vi como o chato querendo fazer o sermão da montanha, essa era a minha visão

NLV – Eles não queriam ouvir

MPF – de jeito nenhum, eles nem prestavam atenção

NLV – Como você considerava isso?

MPF – Eu continuava repetindo

NLV – Mas como você considerava, como é que você denominaria, conceituaria, definiria esse comportamento dessa faixa etária em que você estava, em que você tinha um comportamento diferente, como é que você via isso?

MPF – Então, eu não conseguia entender, eu não tinha um entendimento muito claro desse problema.

NLV – Mas hoje você os consideraria como?

MPF – Alienados completos.

NLV – Preocupados com o quê?

MPF – Com nada.

NLV – Sentimento em relação a viver em sociedade?

MPF – Nenhum. Todos eles tinham uma rede de proteção que eram o pai e a mãe.

NLV – Valores deles?

MPF – Valores, aí você começa a entrar numa outra situação, os valores que eles carregavam são os valores

NLV – Valores geral

MPF – Sim, os valores dos pais, então por exemplo, no colégio né, e esse colégio eu falo até 85, no colégio a gente tinha uma norma, você podia ser bagunceiro, você podia ser tagarela, você podia ser tudo, você só não podia faltar com respeito com os professores.

NLV – Mas você julgava que eram pessoas mais ligadas a valores materiais, a *status*, a consumo, a não solidariedade, como você classifica essas pessoas, porque você era um militante, não político partidário.

MPF – Sim.

NLV – Tudo bem, tinha uma postura diferente, um comportamento diferente, pelo menos é o que você está me dizendo, esses jovens contemporâneos da sua idade, hoje eu sei que naquela época você não tinha essa consciência, mas hoje eu sei que você é capaz de atribuir uma definição.

MPF – Sim, a minha angústia no colégio começou a ser suprida na Faculdade, porque eu comecei a ver que tinha pessoas iguais, semelhantes, parecidas, até antagônicas.

NLV – Nos objetivos?

MPF – Nos objetivos.

NLV – Nos valores?

MPF – Nos valores. Eu tive por exemplo na minha classe, pessoas que estudaram comigo no colégio, que no colégio eram pessoas que não tavam nem aí *pro* que *tava* acontecendo, e na Faculdade começaram a se posicionar, então eu comecei a ter respostas na Faculdade e comecei a ver que existiam mais locais e horizontes a ser explorado e que no colégio isso, não tinha essa visão.

NLV – E você julga que causas, não causas pontuais da Universidade do curso, dos estudantes em si, mas a mobilização de jovem em torno do processo de redemocratização do país que a gente viu, tanta gente, tantos jovens na rua também pedindo, diretas já! Era o momento que você *tava* na sua juventude plena, independentemente desse movimento divulgado pela mídia, na sua convivência na Faculdade, na família, no núcleo do seu relacionamento, você pode me passar a impressão que você hoje tem? Eram pessoas participativas, eram jovens que tinham interesse por isso, ou não? (falas conjuntas)

MPF – Eu vejo, olhando daqui *pra* trás, olhando para o passado eu vejo que a grande maioria não tinha a menor noção do porque existia. A grande maioria (tosse), era de pessoas que podia ter, podia não ter, podia ser o Maluf, podia ser o Tancredo, podia ter eleição direta, podia não ter, que não ia fazer a menor diferença, eu vejo que no colégio, foi na Faculdade já comecei a ver as pessoas ter opinião, e aí eu comecei a ver que as pessoas poderiam ter opinião contrária à minha, porque até então, eu era uma voz unilateral. Era eu falando, falando, repetindo, repetindo e vendo que ninguém prestava atenção, e eu continuava repetindo. De repente eu comecei a ter antagonistas, comecei a ter eco, eu comecei a ter essa ressonância, mas não necessariamente com a concordância e aí eu comecei a aprender a argumentar, até então eu não argumentava, eu afirmava, de repente eu comecei a argumentar, porque eu não *tô* aqui para convencer, eu *tô* aqui para expor, se você quiser vem, se eu for te obrigar já não é democracia, aí a gente tá falando de outra coisa que não é democracia, e aí eu *tô* fora!

NLV – Você poderia me dar algumas considerações com base na sua experiência naquela época e claro que hoje um homem já formado, amadurecido, sobre o protagonismo juvenil universitário, o jovem quanto sujeito da história, ator, né, dentro do espaço acadêmico universitário. Você pode tecer algumas considerações? Base na sua experiência.

MPF – Do que eu vejo, o que é o protagonismo?

NLV – Do protagonismo juvenil

MPF – É essencial, é essencial, é, hoje eu penso, que hoje o que o Brasil enfrenta hoje, essa crise moral, essa crise política, essa crise de lideranças é exatamente decorrente de uma geração que se afastou dessa responsabilidade, dessa criação, a partir da década de 80. Eu acredito que

hoje, nós sejamos o resultado dessa indiferença que começou a crescer muito na década de 80, após a redemocratização. Eu penso que houve uma grande confusão entre liberdade e democracia. Há uma grande confusão naquilo que as pessoas podem fazer, ou deixar de fazer. Então são aquelas coisas assim, o respeito começou a ser colocado de lado, então hoje nós estamos colhendo a safra daquele, daquela era concurseira que o Brasil passou. Então ninguém mais queria ser juiz, ou promotor, ou delegado, por exemplo, na Faculdade de Direito, ninguém queria, ninguém quer ser tal, porque o pessoal quer passar no concurso e ter um salário, então nós não temos hoje uma juventude, penso eu, preparada para assumir o protagonismo do que quer que seja, é uma geração totalmente perdida porque eles não dão valor a nada, não porque eles são contrários, porque eles não receberam valores alguns, então nós temos, por exemplo, uma coisa que eu reputo que é absurda, a progressão continuada nas escolas, você não é avaliado, então *pra* quê que eu tô na escola, então o respeito pelo professor foi pelo ralo, hoje a gente tá colhendo aluno batendo em professor e o professor chama os pais e os pais vão lá e o pai bate na professora. Porque? Porque acabaram os valores, quando eu era chamado no colégio, o meu pai, eu ficava de joelhos dentro de casa, pelo amor de Deus não vai, porque eu sabia que ia sobrar *pra* mim. Quer dizer, eu penso que o politicamente correto é uma droga, não presta, porque as pessoas acabam sendo falsas, as pessoas acabam sendo, gente é aquela coisa, você é afrodescendente, por que não negro? É cota social, é cota racial é um absurdo, quer dizer a menina faz Faculdade e tal porque ela é negra, então você entrou pela cota, se a gente quer acabar com o racismo, se quer acabar com o preconceito, a tem que enfrentar.

NLV – Você acha que isso é o papel do jovem?

MPF – Totalmente, totalmente, eu penso que os jovens precisam se libertar dessas amarras, a gente precisa começar a criar líderes como todos os países que pensam como nação, eles fazem, é impossível a gente continuar sendo um país que não pensa nas lideranças, a gente precisa criar líderes, a gente precisa criar líderes certos, errados, mas líderes. Hoje a gente tem o quê? A gente hoje está vivendo a maior crise institucional já vista no Brasil em 517 anos, e a gente não tem líderes, nós continuamos falando que em 2018 vamos votar em Lula, Marina, Aécio e não sei o quê, sabe virou um ciclo vicioso, a gente precisa começar a descobrir, e o jovem é essencial, foi, é, e sempre será. Porque se não for com a participação do jovem a gente não renova, a gente não vai falar sim, sim, sim, precisa criar, errar ou acertar faz parte.

NLV – E você acha que a Universidade é um espaço para isso, a educação, como você acha que a educação

MPF – É essencial

(Vozes falando ao mesmo tempo)

NLV – No caso também da Universidade você acha que a educação ela de alguma forma pode promover, criar espaços

MPF – Sim, ela deve, vou dar um exemplo de fato que aconteceu comigo, eu dei aula de 97 a 2003 na Faculdade de Comunicação da UNIMONTE, na época ela ainda era dirigida pela família Lanza, eu comecei dando aula de ética e legislação para todos os cursos, depois fiz jornal laboratório, história da comunicação, enfim, e tava dando aula normal, aí no ano de 2003 é feita uma reunião programática aonde é colocado *pra* gente assim, o novo conceito da Faculdade é que o aluno agora é considerado um cliente, e o cliente tem sempre razão, e aí eu já, hummm, não é bem legal, eu *tô* dando aula de ética, em determinado dia os alunos são abordados por um representante lá da Diretoria e vira e fala assim, (tosse), olha, todo o laboratório de comunicação será trocado, computadores novos serão instalados, monitores novos, novo tudo. Virou o semestre, volto *pra* dar aula, estou na sala dos professores e o professor de informática, na conversa do cafezinho, tá falando, Ah não! Não vou trocar nada, a gente só trocou a CPU, fizemos a formatação e botamos uma memória e está feito, ninguém vai notar a diferença, (...silencio....), eu estou sentado, acabei de assinar o ponto, fico olhando pro meu diário, aí fui *pra* sala de aula e fiquei uns 10 minutos olhando para os alunos, e os alunos assim, ficando desesperado. O professor ficar dez minutos olhando na cara da gente sem falar nada (silencio) Aí eu respirei fundo e falei tudo o que eu sabia, que era mentira, que vocês foram enganados, que não tem laboratório, que não tem nada disso. Obvio que eu fui mandado embora, (risos) mas era essa a reação que eu queria. Mas é verdade, eu fui mandado embora e eles foram tão loucos que eles me obrigaram a cumprir aviso prévio dando aula. Todo dia tinha um professor na porta *pra* falar, professor pode ir embora, não precisa ficar, eu dou a sua aula. Não! Vocês não quiseram me indenizar do aviso prévio, eu já era advogado trabalhista, eu vou trabalhar até o fim, e trabalhei até o fim. É, perdi o emprego, podia perder o emprego naquela época? Não! Eu precisava daquele dinheiro, mas eu preciso muito mais da minha consciência. Eu preciso muito mais dormir, eu preciso muito mais poder chegar hoje não ter ninguém para me fazer calar a boca. Fui eleito duas vezes consecutivas o paraninfo da turma, a primeira eles deixaram eu receber, a segunda como eu tinha sido mandado embora, a professora Maria Oflia, que era Reitora, baixou uma determinação que ex-professor não podia ser homenageado. Você já viu isso alguma vez, em algum lugar? Então durante dois anos eu fui eleito, nomeado paraninfo e nunca pude receber dos alunos. Até hoje os alunos daquela época me encontram na rua e me chama de professor. É, eu penso que são atitudes que não é porque eu sou melhor ou pior, são atitudes que a gente tem que tomar, porque se naquele momento se eu tivesse ouvido aquela barbaridade de um professor que *tava* enganando os alunos e eu tivesse ficado calado,

talvez eu não tivesse aqui hoje falando com você. (...silêncio), então valores, eu penso que são muito fortes e eles precisam ser exercidos. Não adianta a gente ter valor mas precisa exercê-lo, sejam quais forem as consequências. A minha consequência foi danosa, eu paguei um preço altíssimo por conta disso. Eu naquela época eu era gerente de contratos de uma empresa de helicópteros, eu ganhava muito bem, e eu recebi, eu também acumulei gerente de RH, e eu recebi a ordem de mandar embora duas pessoas em dezembro, uma funcionária que estava no sétimo mês de gravidez e um funcionário que faltava um mês e meio para se aposentar, eu falei não! Fui mandado embora dia 2 de janeiro de 2005, eu não podia abrir mão daquele emprego, eu fui ladeira abaixo, só que eu hoje, não tenho dinheiro, não tenho nada, mas é aquilo que eu fiz. O jornalismo na época não tinha o TCC, era a grande reportagem e a minha professora naquela época, a orientadora era a Tecris, e tá no trabalho a letra do, se eu não me engano, a letra do Lupicínio Rodrigues, que a única coisa que eu tenho é o meu nome, então eu defendo (tosse), o nome do velho Pavão com unhas e dentes, e, essa é a única coisa que eu posso fazer, quer dizer, qual é a minha pregação? Onde eu quero chegar? Não faço a menor ideia, aquilo que eu falei logo de início, aonde eu vou chegar, qual é o meu objetivo, não tenho a menor ideia. Atualmente a minha diversão, entre aspas, é ficar falando do Trump, porque me assusta o Donald Trump, ser um aprendiz de Hitler, me assusta grandemente isso porque trocando muçulmano por judeu, nós estamos falando em 1933, (silêncio), a xenofobia é a mesma, e o resultado a gente sabe onde vai chegar, e eu tenho amigos advogados em Santos, que são judeus e defendem Trump, e eu falo, gente como é possível um judeu defender um Estado, exato. Só que amanhã somos nós outra vez, amanhã é brasileiros, amanhã é latino, é judeu e vai ser qualquer coisa e na hora que a porta abrir ninguém mais segura. Então eu sinto que eu ainda vou gastar muita saliva, eu não sei se eu chego a algum lugar, é aquilo que eu falei, o meu objetivo eu não sei, qual é o meu objetivo? O meu objetivo é eu conseguir à noite dormir, e *pra* eu conseguir hoje eu utilizo as ferramentas do Instagram, do *Facebook*, do *Twitter*, e eu boto ideias ali, que eu não sei se alguém vai ler. Tem várias pessoas que falam, às vezes eu coloco umas coisas assim, ó Lula tua hora vai chegar! Aí vem umas amigas minhas e fala assim, Pavão, Lula não vai ler, mas eu vou responder *pra* ela olha o problema é teu, não! Você leu, você, alguém vai ler, alguma hora vai ler, eu já fui processado duas vezes por postes no *Facebook*, por um ex-Diretor aqui da Ordem da antiga gestão perdeu as duas, entendeu? Uma ele desistiu, e a outra, qual era o problema? Ah! Era isso? Tá bom eu tiro. Acabou! Então quer dizer toda a experiência que eu tive dentro de casa e na Faculdade eu vejo que é uma somatória e sempre são provas que eu estou sendo colocado e aí eu tenho que decidir, porque eu posso muito bem

opinar, ficar calado, eu posso opinar, porque é o seguinte basta a gente falar o que pensa *pra* ter inimigos, Martin Luther King já falou isso, se você não quiser ter inimigo não dê opinião.

NLV – *Pra* fechar você gostaria de acrescentar alguma questão fundamental que eu deixei de abordar, você lembrou também que pudesse também ser apresentada *pra* outros entrevistados, outros presidentes que você gentilmente me fez, me forneceu né, os nomes e os contatos, alguma coisa que eu não tenha perguntado sobre esse momento na vida de vocês como presidente do Diretório sobre a juventude daquela época, como eram, como aconteciam essas lideranças, tem alguma sugestão?

MPF – É, eu vejo que tudo isso que eu fiz, se você não tem uma boa dose, uma dose exagerada de idealismo, de você querer ver as coisas certas, sabe, eu aprendi isso com o Dedé, meu antecessor, com o Jeferson, que já faleceu, que o Silvio era o vice presidente, Marta que foi minha sucessora no Diretório Acadêmico, aqui na OAB, eu vejo que o idealismo ele é essencial, eu acho que a gente precisa éééé pode parecer cabotismo piegas mas é aquela coisa, é fazer o bem sem olhar a quem, acho que isso é essencial, eu acho que no momento se a gente faz qualquer coisa esperando o resultado pode parecer até frase feita, mas não é, a gente não vai ter esse resultado, não vai ter, tem que trabalhar, tem que fazer e aí os outros é que vão te avaliar. Então hoje algumas coisas que eu fiz, o Carlos Alberto ele é da época do Diretório Acadêmico da Faculdade e ontem ele me procura e falou assim, Pavão você tem algum conhecimento, porque ele está me procurando, ele acha que eu tenho o poder de chegar à alguma pessoa que decide, não, mas aí eu falei, amanhã eu vou estar com uma pessoa que conhece toda a estrutura, se alguém pode te dar uma dica é a Neusa. Eu não falei contigo, [referindo-se a entrevistadora] eu até *tô* sendo, veja o máximo que eu posso falar é o seguinte, penso que a Neusa [referindo-se a entrevistadora] tem todas essas informações que pode chegar, ou porque não pode, se eu puder ajudar, por que não? O que que eu vou ganhar, nada! Nem do mesmo grupo político da OAB ele não é, ele *tá* acima disso, é meu amigo, o que ele *tá* pedindo é o seguinte, eu vejo a luta dele, é um cara que trabalha, um ralador, e o filho resolveu fazer Direito, coitado, nessa altura do campeonato, quer fazer Direito, ele precisa ser homenageado, se ele puder ter a bolsa, se ele puder ter alguma coisa, porque não!? A informação não é minha, eu não vou deixar de ser o Marcelo Pavão de Freitas. Olha, me dá o nome do teu filho que eu falo, vou ver se eu consigo, *pô*, *pra* quê? Acho que dá, todo mundo pode ser o que for, eu sou taxado como louco, eu não sou essa calma toda que eu *tô* falando aqui, muito pelo contrário, eu não tenho paciência, eu sou radical às vezes, eu sou completamente diferente, eu não sou nada disso que vocês estão vendo, eu sou completamente diferente, mas eu também sou isso, porque eu vejo o seguinte, eu *tô* falando algo que, então eu me vejo, me sinto no dever de vir vestido condignamente, é

obrigação, não é necessário, não é, mas porque não?! Isto é um registro, eu estou falando *pra* gerações futuras, eu estou falando *pra* gente que vai estar me ouvindo quando eu estiver morto, então por que, e se os princípios, eu vou fazer 49, se os princípios que eu defendo, até hoje ninguém veio falar *pra* mim, você está defendendo errado, volto a falar, eu cometi e cometo muitos e muitos erros, e vou continuar cometendo, a graça do mundo é essa, você cometer erros, agora você poder falar, você poder dividir, nossa! *Pra* mim é a melhor coisa que existe, eu faço com o maior prazer, é isso que é legal, é você poder ter história, é você ter passado por aqui e de repente eu *tô* falando aqui com um ex-presidente de sindicato, com um assessor de um sindicato, com uma assessora de imprensa, e eu sou neto do primeiro presidente e ninguém sabia nada disso, entendeu? Então isso é que é o gostoso, é a gente falar e mostrar, porque senão a gente vai falar, eu sou isso e aquilo, eu não, mentira! Então o gostoso é isso, essas histórias, elas têm que, eu vejo isso, a juventude ela precisa, eu vim *pra* cá, eu peguei um UBER *pra* vir *pra* cá, aí o motorista *tava* falando que com a menina de dez anos e com o menino de dezessete anos ele fala sobre política, hoje, cara você me deixou feliz, eu ganhei o dia, porque é isso que precisa, essa história de futebol e religião e política não se discute isso é uma lavagem cerebral que todo mundo caiu. Só que eu tive a felicidade de ter um pai e uma mãe que não me deixavam não discutir, porque a gente discutia todo o dia entre nós, a gente discutia desde política à educação de alimentação a esporte, eu tive a sorte de ter um pai e uma mãe inconformados, e eu sou mais inconformado do que eles, eu quero passar isso toda a vez, eu gosto de poder me expressar porque eu vejo que gravando seja no escrito, alguém pode ler isso. Ah! Mas se só uma pessoa lê! Ah! Que bom que uma pessoa leu, pior se nenhuma tivesse lido! Se nenhuma lê, ah! Uma hora vai ler! Então é um idealismo utópico, cinematográfico, ficcionista que eu adoro ser. Pô, eu vou ver Guerra nas Estrelas sim, eu fico vendo um lutar contra o bem e contra o mal, eu torço pelo Darth Vader, mas o que é legal é as pessoas dizer, gente vamos lutar pelo que você quer. É o que hoje eu brigo com muitas pessoas, eu acredito sim, não apenas na juventude como ela é, importante sim, mas ela é essencial, indispensável. A gente precisa martelar a toda a hora, a gente precisa *tá* falando com a juventude, porque a juventude hoje está muito mais esperta, mas ainda tem muita gente que não *tá* nem aí, que acha que não tem que falar, que não tem que debater, então sim a juventude é indispensável à evolução.

NLV – Sabe uma coisa que você não colocou, é, você podia por *pra* mim, se você não se incomodar é essa sua experiência docente, lembra? Você me passou alguns dados, e depois eu te passo

MPF – É, foi enriquecedor

NLV – Acho tão importante, você falou que, você foi professor, e você colocou toda uma experiência tua nessa área de Direito, mas acho que essa docência

MPF – Então é, eu fiz Direito de 86 a 90 e de 92 a 95 eu fiz jornalismo. Eu sou um jornalista assim, se hoje, e isso não é bravata, se hoje eu tiver uma oferta de emprego formal de jornalismo eu abandono Direito hoje. Porque eu gosto de ser advogado, me dou bem como advogado embora eu não ganhe dinheiro, mas eu me realizo como advogado, só que me desculpe o termo, o tesão que eu tenho é jornalismo. Eu abandonei advocacia em 97 para ir trabalhar na TV Tribuna, eu fui Editor de Texto na TV Tribuna com o Carlos Manente era o editor chefe, e eu aprendi o que o colega na época era com o Paulo Ramos que apresentava, tinha a Luciana Lancelotti. Era o Manente, o Edu Silva, Vanessa Faro, tinha a Rosana Cerqueira, que também foi líder estudantil, o André Rittes que foi meu grande mestre, o André Rittes gente é o cara que se eu encontro eu vou me jogar no chão e vou beijar o pé. Porque é assim tipo, quem você quer ser quando crescer? Eu quero ser André Rittes.

NLV – vou falar pro André

MPF – Quem você quer ser? André Rittes. Porque ele é o cara, ele é o cara! A gente brigava, quando a gente *tava* na TV Tribuna, estavam relançando os filmes de Star Wars, e aí ele brigou comigo para editar a matéria que ia sábado. Aí eu ficava indignado, aí ele chegou e disse, Pavão a gente faz jornal para nós mesmos, porque o dono está interessado no departamento comercial, não está interessado no que você tá fazendo, então a gente fazia cada dia era um jornal melhor *pra* gente. Em 97 a Tecris foi convidada para dar aula na UNIMONTE ela falou, eu não posso aceitar, já tenho muita aula aqui, mas eu vou indicar um amigo, ela me indicou, fui dar aula na UNIMONTE indicado pela Tecris e foi aula de ética, e aí fui ampliando, dar aula de laboratório, técnica de redação, e assim, história da comunicação, etc.etc. e foi uma grande experiência porque eu nunca tinha dado aula na minha vida, e eu, primeira vez que eu fui dar aula na vida, foi *pra* uma Faculdade de Jornalismo, e eu sempre procurei dar aula com o sangue na veia, ééé de dentro *pra* fora, tanto que, por exemplo, eu desenvolvi um conteúdo programático de ética e legislação aonde a teoria de todos os filósofos e pensadores era traduzida em frases coloquiais sem os autores, porque eu penso que numa Faculdade de Comunicação os alunos não estão interessados em saber quem é Kant, quem é Montesquieu, quem é Baudelaire e daí *pra* frente, eles estavam interessados nos conceitos, então eu traduzi a teoria ética para frases do dia a dia para que entrassem o conceito nas cabeças deles, então todo dia eu chegava na aula e falava assim, qual é a notícia de hoje? Eu dava aula de ética no 2º. Período da terça feira à noite, ou seja, entrava na sala de aula nove horas da noite e eu perguntava *pra* classe qual foi a notícia do dia e noventa e oito por cento não sabia, todos tinham uma desculpa na ponta da língua, eu

trabalho, porque eu sou mãe, porque eu sou pai, porque eu sou filho, porque isso, porque aquilo, porque eu dormi. Então eu falava, gente vocês querem ser jornalistas ou querem só um diploma, e aí a aula toda era esse debate, porque *pra* mim, era mais importante era fazer com que eles pensassem, concordantes ou não, do que eu dizer o que era verdade. Então eu sempre mudava as coisas sempre pro menos conteúdo e mais conceito, porque o conceito ficando, o resto da vida você toca. Então eu fui ampliando até chegar no ápice. Eu adorei dar aula na UNIMONTE, era uma Faculdade maravilhosa, o Paulo Schiff era o Diretor, a Rosa Navas a coordenadora, era maravilhoso, até o momento que começou uma faixa decrescente que o aluno tem que ter sempre razão, que você não precisava avaliar mais ninguém e aí eu comecei a ver que eu perdi o interesse, porque eu não estava tendo o resguardo da mantenedora, entendeu? E, assim eu adoraria voltar a dar aula, como adoraria ser um jornalista profissional, só que é aquela coisa, a gente vai aprendendo, e eu descobri, depois de um tempo o *Facebook*. Hoje o meu *Facebook* quem olha de fora é muito mais um jornal do que um lugar para eu ficar me enaltecendo, tanto que o meu Instagram, ele não tem uma foto minha, há pelo menos uns dois meses. É a foto do Trump com o nariz do Hitler, é foto do Lula, eu faço com que essas redes sociais se tornem o meu jornal, o meu diário.

NLV – Ok. Bom, quero mais uma vez agradecer, foi ótimo trouxe muitas coisas.

Neusa diz, não precisa transcrever (a gravação continua na informalidade)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
 MESTRADO EM EDUCAÇÃO
 LINHA DE PESQUISA 2
 INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS, HISTÓRIA, POLÍTICA E
 PROCESSOS DE GESTÃO

PROTAGONISMO JUVENIL NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS (1986-1990): LIDERANÇAS NA FACULDADE DE DIREITO

Neusa Lopes Vicente

Orientação: Profa. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira

Roteiro para ex-presidentes do CA “Alexandre de Gusmão”

Informações fornecidas por mensagem eletrônica em 27 de janeiro de 2017

Qualificação atual

Nome: **MARCELO PAVÃO DE FREITAS**

Naturalidade: Santos/SP

Idade atual: 48 anos

Atividade profissional: advogado, jornalista e professor universitário

Religião: Católico

Estado Civil: solteiro

Participação em entidades/movimentos sociais:

1. 1986 – Vice-presidente da Comissão de Trote “Direito – Santos”
2. 1986/1987 – Diretor de Patrimônio do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”
3. 1987/1988 – Presidente do Diretório Acadêmico “Alexandre de Gusmão”;
4. 1993/1995 – Presidente da Associação Atlética Acadêmica da Faculdade de Comunicação de Santos – FACOS/UNISANTOS;
5. 1997 – Diretor Social da Associação dos Advogados de Santos (AAS);
6. 1997/1999 – Assessor especial da presidência da subsecção de Santos da OAB;
7. 1999/2000 – Diretor Cultural da Associação dos Advogados Trabalhistas de Santos e Região (AATS);
8. 2002/2004 – Assessor da 2ª. Câmara de Pecúlios da Caixa de Auxílio aos Advogados de São Paulo (CAASP);
9. 2012 – Presidente do Conselho de Comunicação da subsecção de Santos da OAB;
10. 2013/2014 – Vice-presidente da Associação dos Advogados Trabalhistas de Santos e Região (AATS);
11. 2015/2016 – Presidente da Associação dos Advogados Trabalhistas de Santos e Região (AATS);
12. 2016 – presente – Presidente do Conselho de Comunicação da Subsecção de Santos da OAB;
13. 2016 – presente – Membro titular por Santos do Conselho Regional de Prerrogativas da OAB/SP;
14. 2016 – presente – Membro titular da Comissão de Prerrogativas da Subsecção de Santos da OAB;
15. 2017 Membro titular do Conselho Consultivo e Fiscal da Associação dos Advogados Trabalhistas de Santos e Região (AATS)

Qualificação à época de estudante

Escola onde cursou ensino fundamental e médio Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries), Colégio Estadual “Canadá”; 5ª série no Colégio Estadual “Rui Ribeiro Couto”; da 6ª série ao final do ensino médio, Colégio “Santa Cecília”

Bairro de residência à época estudante:

Durante todo o ensino fundamental e médio, Rua Oswaldo Cruz nº 220, aptº 3, Boqueirão, Santos/SP.

Financiamento da graduação

Colégio estaduais (gratuitos), escola particular (paga pelos pais), ensino superior (Direito bolsa de 50% não reembolsável e 50% de recursos próprios; Jornalismo 100% de recursos próprios)

Idade de ingresso na Universidade

Direito: 1986 aos 17 anos

Jornalismo: 1992 aos 24 anos

Idade de conclusão da graduação

Direito: 1990 aos 22 anos

Jornalismo: 1995 aos 28 anos

Data e local da entrevista presencial

31 de janeiro de 2017

Sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)/Seção Santos
À Praça José Bonifácio, 55 – Centro, Santos/SP

Questões iniciais:

1. Como e por que escolheu graduar-se em Direito?
2. Por que escolheu graduar-se pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos?
3. Pertencia a algum movimento antes da graduação? Qual? Como era esse pertencimento?
4. Como ingressou na representação estudantil no âmbito da Faculdade?
5. Participou em algum congresso estudantil, greve estudantil ou outras manifestações?
6. Como se davam e qual o clima da relação com autoridades relacionadas à educação? Em que nível (local, nacional)?
7. Quais os embates ideológicos mais fortes que enfrentou?
8. Quais os meios empregados como difusores de ideias no espaço da Universidade e entre os estudantes de outras instituições e entidades juvenis?
9. Pode citar escritos polêmicos publicados?
10. Pessoalmente, como foi essa experiência?
11. No que e como a vida acadêmica (professores, disciplinas, colegas, funcionários e a própria Faculdade) afetou sua vida pessoal e profissional e a própria militância?
12. Qual o papel de um líder estudantil?
13. Suas considerações sobre o protagonismo juvenil universitário.
14. Acrescentaria alguma questão mais fundamental para perguntar aos outros entrevistados?



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE CURSO
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, ENTREVISTADO, MARCELO PAVÃO DE FREITAS,
portador do documento de identidade RG N^o 11.710.516-7¹,
emitido por SSP/SP domiciliado/residente à
Rua Inglaterra n. 03 apt. FF2 - Santos/SP
portador do documento de identidade RG N

DECLARO ceder à entrevistadora/pesquisadora NEUSA LOPES VICENTE, portadora do documento de identidade RG N^o—5944184-7, emitido por SSP.SP, domiciliada/residente à Rua Pérsio de Queiroz Filho, 63 apt^o 42 — bairro Encruzilhada, em Santos/SP, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à entrevistadora/pesquisadora aqui referida, no Município de Santos, Estado de São Paulo, em 31 de janeiro de 2017, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Católica de Santos, bem como autorização e cessão do direito de uso de minha imagem e de fotografias/ilustrações de eventos históricos pessoais elou de fatos abordados no depoimento. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento e as imagens, no todo ou em parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação da fonte e autor. -----Santos, 31 de janeiro de 2017.



Marcelo Pavão de Freitas



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

NEUSA LOPES VICENTE

PROTAGONISMO JUVENIL NA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS:
LIDERANÇAS NA
FACULDADE DE DIREITO (1986-1990)

Depoimento presencial de **Marta Idália Santos Leon**
Ex-presidente do Centro Acadêmico “Alexandre de Gusmão”,
Período 1988-1989

Depoimento complementar à entrevista por escrito
concedido à Neusa Lopes Vicente
em 27 de julho de 2017
na Biblioteca do Curso de Arquitetura
da Universidade Católica de Santos
Campus Boqueirão

Roteiro e direção
Neusa Lopes Vicente

Gravação de áudio e transcrição
Maria Isabel Neto da Silva

Santos
2017



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

ABERTURA

Neusa Lopes Vicente (NLV)

Entrevista com Marta Idália Santos Leon (ML), ex-presidente do Centro Acadêmico Alexandre de Gusmão da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos na década de 1980. Estamos na Biblioteca do Curso de Arquitetura da Universidade Católica de Santos, *Campus Boqueirão*.

Marta, agradeço sua colaboração e importante revelação de fatos sobre o seu período de estudante e de líder juvenil.

NLV – Por que escolheu graduar-se pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos?

ML – Na verdade, desde criança eu passava em frente à Casa Amarela e falava que um dia eu ia estudar ali. Eu só lembrei que eu falava isso quando da época da minha formatura que eu ia levar os convites para as minhas amigas da época do ginásio – naquela época se chamava ginásio, então minha amiga lembrou que eu dizia eu vou estudar aqui e então aconteceu que eu vim mesmo estudar aqui na Casa Amarela. Então é isso; na verdade quando eu era criança eu falava que ia estudar Direito mas não sabia o que era Direito. Depois porque Direito? Na minha família a minha mãe teve grandes perdas. Quando o meu pai faleceu eu era criança, tinha 5 anos de idade, final de 79, e minha mãe perdeu muita coisa, bens e tal. Ficamos numa situação muito pesada, muito difícil mesmo por conta da minha mãe não saber lidar com questões burocráticas e por conta de alguém ter se aproveitado da situação dela – por alguma matéria, prefiro até não cogitar disso até para evitar falar o que não precisa. Gostaria de ter uma profissão que eu pudesse desembaraçar as coisas para as pessoas e honrar o direito delas (e até me vejo assim). Eu já fui aprender num escritório de advocacia, ver como era e como não era, ver como é que se falava com o juiz. Depois eu saí de um escritório e fui trabalhar num outro. Depois trabalhei no Departamento Jurídico da Viação do Guarujá, na área trabalhista e na parte ocupacional, e acabou que eu era meio rábula e já fazia coisas que o advogado que chegava ali não sabia. Era até constrangedor quando eu ensinava e eu nem estava no primeiro ano ainda. Eu tinha só 18 anos e, aí então, falei quero fazer Direito. Eu queria fazer Direito na UNISANTOS por vários motivos; entre os quais, que era em Santos mesmo. Para mim era melhor. Eu queria que fosse

na Católica porque a Católica era a melhor que a gente tinha e eu acho que é até hoje. Eu achava que era a melhor que tinha porque emplacava. Você pode passar em Mogi das Cruzes, em São Paulo, mas aqui era difícil passar. O que aconteceu? Na época eu terminei o colegial e fiz até um curso técnico de contabilidade. Eu terminei e fui prestar vestibular e não passei. Caramba! Meu sonho, minha vida não sei quê... resolvi fazer cursinho e aí vou arrebentar. Quando eu fui me inscrever para fazer o vestibular me inscrevi para Direito, Administração, Comunicação, em alguma coisa eu vou. Não vou ficar desse jeito. Direito era a primeira opção, então entrei em todas em trigésimo lugar. Fiquei bem, eram cento e poucas vagas e fiquei realizada. Então entrei na Faculdade Católica de Direito por esse motivo.

NLV – Você contou uma história familiar que, de certa forma, despertou em você um senso de justiça nessa busca. Eu quero tentar encontrar indícios de uma tendência natural ou se o ingresso área mudou afetou esse senso. Me parece que você revelou um pouco disso, senso de justiça?

ML – Então o que aconteceu: tinha essa coisa de senso de justiça em razão dessa problemática que a gente conversou. É claro que quando eu entrei na Faculdade de Direito eu já era politizada.

NLV – Você estudou em escola pública?

ML – Sim, estudei em escola pública.

NLV – Na escola pública, você participava?

ML – Lá não porquê eu era pequena e foi parte de um período de recessão. Só vim a entender o que estava acontecendo naquele período do movimento de estudantes, mas quando eu estava perto de me formar no ginásio eu ia sair dali eu vi aquilo, achei interessante, bonito e gostei. Eu sei que eu tive aquele interesse nessas coisas viradas para o social, sem saber que isso era uma teoria. Sempre tive interesse em ajudar e abordar pessoas.

NLV – Isso me parece solidariedade, senso de justiça e vontade de transformar...

ML – Sim. Eu sempre fui e continuo sendo uma pessoa sonhadora e sempre achei que o certo deve prevalecer, o que é bom e o que é belo deve prevalecer.

NLV – Você acredita que isso te levou a entrar no Diretório Acadêmico?

ML – Sim, totalmente e principalmente porque quando eu entrei aqui na Faculdade de Direito de Santos eu encontrei muito disso nessa turma à qual eu me filiei: chamada UNID. Eles devem ter comentado com você: o Dedé e o Pavão. Então a UNID – Universidade Democrática. A gente tinha partidos acadêmicos. Eu achei muito interessante aquilo, porque era como se fosse greve. Não tinha convenção. Todo mundo votava, defendia a sua tese e lá na frente via quem era votado candidato a candidato. Eu gostei muito da proposta dessas pessoas – da maior parte delas, ia muito nos encontros. Eu queria principalmente dentro de tantas coisas que tinha uma proposta muito progressista. Era um pessoal abrangente. O primeiro rapaz que foi eleito foi o

Jefferson, que era negro e que já foi quebrando o tabu. Depois o Dedé, que era um comunista, mas que era uma pessoa maravilhosa. Falar em comunismo naquela época era uma coisa assim: se dizia que comunista comia criancinha e mormo – era agente da CIA. Tinha esse lado desbravador de preconceitos; de quebrar tabus que eu curtia e vinha ao encontro do que eu queria.

NLV – Você já está respondendo como ingressou na representação estudantil. Tem a tua questão emocional, a tua identificação com quebra de paradigmas como negro, comunista num País que vinha num processo recente de redemocratização, na autonomia de Santos que, com certeza, ele define algumas questões dentro da Universidade, dentro da sociedade. Então com seu ingresso, foi convidada e já começou a se aproximar deles para formar uma nova chapa.

ML – Não foi para formar uma chapa, foi feita uma reunião da convenção para formar uma chapa. E, então, a UNID me convidou que já era da situação, mas aí eu não curti muito a proposta da oposição da época. Era uma falta de independência partidária, talvez porque a gente tivesse vindo de uma época em que todos os movimentos sociais foram estrangulados. Assim só alguns movimentos estudantis e alguns sindicatos é que conseguiam falar alguma coisa. Então, os partidos políticos se misturaram para depois poder falar alguma coisa. Quando veio o processo de abertura com o presidente Figueiredo em 1989, a gente encontrou ainda quem tivesse um ranço de trabalhar dessa maneira, de se engajar dentro de um Centro Acadêmico um partido político. Eu sempre achei que a entidade dos estudantes tinha que ser política e não partidária. A UNID era um partido acadêmico, quando eles entraram acabaram com isso. Olha bem, aqui tem comunista, malufista e o que interessa é que todo mundo se volte para uma causa comum – uma proposta tal e tal é isso que eu quero, não quero atrelamentos. E eles também tinham esse conteúdo político, não era uma coisa para fazer festa, mas era de lutas, causas de engajamento, tudo isso me levou a simpatizar com esse pessoal.

NLV – E para você se tornar candidata a presidente, porque até esse momento você fazia parte de uma chapa, mas depois você encabeçou uma chapa para presidente. Tinha tido antes de você uma mulher, você foi a segunda.

ML – É teve uma mulher que, na verdade, não foi eleita, ela era vice do Godoi. Ele saiu, renunciou por uma série de motivos que não sei, e ela assumiu o cargo. Teve a Edina, que não lembro o sobrenome, e depois fui eu.

NLV – Até então qual era o seu cargo?

ML – Eu também não tinha cargo. No final do ano eu entrei no partido. Quiseram me colocar na chapa. Eu disse não quero entrar no Centro Acadêmico, não quero me vincular. Eu me vinculei na prática, não no papel. Eu sempre fui uma militante total da campanha, participei das

gestões. Eu entrei em 86. Em novembro de 86 teve uma nova convenção, o Dedé saiu candidato. Ele foi eleito na gestão seguinte no ano de 87, fizeram uma nova convenção em que o Pavão saiu candidato a presidente e eu a vice. No ano seguinte, em 88, eu saí candidata a presidente. Ganhei também. Em 89 eu não consegui a reeleição.

NLV – Não faz mal, o período vai até 90. Me conte um pouco dessa experiência como presidente. Eu quero conhecer mais um pouco desse sentimento, aproveitando a oportunidade. Preciso descobrir além dos textos que eu tenho daquela época, como era a tua juventude, como você classificaria também os jovens daquela época no Brasil, em Santos e até na Faculdade. Há alguns artigos daquela época, de pesquisadores que se baseavam muito nos movimentos estudantis, no mundo e no Brasil, nos anos 60, em 68, nos anos 70m e aí eles contaram que essa juventude tem lá algumas observações da juventude dos anos 80 e 90. Se você se recorda daqueles momentos. Como foi o fato de você sendo mulher, veja se você consegue me dizer, já militava, você foi escolhida por alguma razão. O pessoal daqui da Universidade era muito politizado ou não? O perfil e as características que você se lembra da época?

ML – A gente tinha uma coisa que não sei se modificou, mas na época tinha uma coisa assim: eu entrei na Faculdade na parte da manhã, tinha aquele pessoal que era mais tranquilo, mais calmo, não dependia daquela condição de trabalho. Tinham uma condição familiar que me podia proporcionar ficar ali independente de trabalhar ou não. Mas eu já trabalhava. No segundo semestre é que eu passei para a noite, pois eu trabalhava o dia inteiro. Eu vi que a turma da noite era diferente. Era um pessoal mais adulto, mais maduro em todos os grupos tem um que é mais alienado, outros que eram mais de festas e outras coisas. Tinha uns que estavam engajados, os chatos que eram engajados demais, enfim tinha de tudo. Só que à noite já preponderava um grupo de pessoas que tinha entrado na Faculdade com uma visão diferente daquele menino que vai trabalhar com o pai e que vai arrumar um emprego.

NLV – Era uma classe social menos favorecida que dependia do seu trabalho para poder ter uma profissão e um ingresso no mercado de trabalho?

ML – Mais do que de manhã e também eu via que as pessoas da noite não eram tão dependentes do trabalho, estudavam à noite porque queriam estudar à noite. De manhã eu conseguia encontrar muita gente idealista quer dizer, mas tem de tudo.

NLV – Mas você acredita que os seus colegas e santistas consideram que era um pessoal mais ligado na luta por ascensão social, bens materiais, ou havia uma preocupação com a sociedade de solidariedade. A coisa ficava restrita?

ML – Não tinha muito essa preocupação; aliás, isso é um ponto que eu dou para as nossas gestões. Sem modéstia nenhuma, inclusive, uma das coisas que a gente fazia muito era chamar

a atenção para a participação dos alunos para o que acontecia na sociedade. Tentar politizar. Eu estava revendo esse material que eu trouxe, estava vendo a quantidade de assembleias e de meios de comunicação – não era fácil, tudo era em cartazes que colocávamos na Faculdade para lembrar o dia da reunião. Um dos cartazes dizia: Se você não se importa com a sua situação, se importe com a situação do seu colega. Vá na reunião da assembleia discutir o valor das mensalidades. A gente buscava essa amplitude.

NLV – Você acredita que as lideranças estudantis do Diretório Acadêmico, independentemente da chapa vencedora, no caso da sua gestão você pode falar com mais propriedade, se havia uma preocupação dessas lideranças jovens despertarem solidariedade, compromisso com transformação, nos restantes dos jovens no caso da Faculdade? Por que você acredita que os jovens daquela época, da tua época de juventude, eram mais individualistas, mais consumistas cuidando mais do seu pedaço?

ML – Me parece que eram menos consumistas que hoje.

NLV – Menos do que hoje porque não tinha redes sociais, tinha que fazer cartazes à mão?

ML – É exatamente, era tudo no braço.

NLV – Entrava na sala de aulas convidando os alunos?

ML – Quando você pergunta aqui sobre os meios de comunicação com os alunos: era a interrupção da aula para dar recados, avisos de assembleias, panfletos, cartazes, jornal; tudo sendo feito no muque e distribuído de mão em mão na porta da Faculdade. Tinha acabado de ser Universidade, então essa experiência de ser Universidade para os alunos também era nova. Era aquela coisa do Direito da “Casa Amarela”. O que eu via nos outros centros acadêmicos era a preocupação sim com a politização dos alunos. A gente tinha também essa preocupação, mas muitos outros centros acadêmicos estavam preocupados com a politização partidária, que já não era exatamente a nossa proposta, não havia uma autonomia. Tinha muita gente ligada ao partido político defendendo na assembleia de estudantes aquilo que o partido mandou defender e não aquilo que realmente fosse estabelecido. Nunca esqueço uma vez tinha um grupo de pessoas que era lá da FAFIS, *Campus Pompeia*, que vieram fazer uma assembleia aqui na Faculdade de Direito, pois era complicado os alunos da Direito fazerem assembleia lá. Lotou a assembleia. Na época, o reajuste de mensalidades era com base na URV – indexador salarial. Então, no Centro Acadêmico nos reunimos numa assembleia para propor à Mantenedora um reajuste de 50% da URV, que não era uma proposta enorme. Eu achei que essa proposta era viável para que todos os alunos pudessem pagar sem muito sacrifício para ambas as partes. Aí um grupo mais engajado levou uma proposta ao reitor, Padre Waldemar, de reajuste zero. Um absurdo! O que é isso de aumento zero? Mas a Faculdade é paga ainda que ela não tenha fins

lucrativos. E aí se chegarmos até o reitor dizendo que não queremos aumento nenhum estaremos demonstrando a nossa imaturidade. Então esse tipo de coisa, eu tenho certeza, que o movimento engajado partidário ele pecou por esses excessos. Vamos ver o que é melhor para o aluno, para o movimento. Se vem com essa proposta absurda fecharão as portas para qualquer negociação. NLV – E realmente essas movimentações, mobilizações, que afetavam a vida de todo o corpo universitário, todos os alunos, na verdade, não sei se você pode confirmar com outros representantes de todos os outros diretório e centros acadêmicos? Não sei se você se recorda se tinha alunos que vinham discutir, mas que não fizessem parte dos diretórios, dirigentes nem lideranças, quem discutia essas propostas eram os eleitos? E como era o comportamento, a posição dos alunos que você representava na Direito. Você os consideravam indiferentes, alienados? Do que você se lembra?

ML – Aqui na Faculdade a gente só levava essas propostas para a assembleia em que haveria outros alunos da escola depois que a gente já tivesse feito a nossa mobilização dentro da Faculdade. A tal proposta passava pelo crivo dos nossos representados e sem o aval e o respaldo deles essa proposta não era encaminhada. É difícil a mobilização quando os alunos chegam tarde do trabalho e têm provas. Mas eles tinham uma participação mínima, falar em bolso também chega mais rápido essa participação. As outras reivindicações que não tinham esse cunho financeiro, te confesso, que eram muito difíceis. Tem uma que é emblemática e histórica que é minha: era a mudança do Diretório Acadêmico para Centro Acadêmico.

NLV – Foi na sua gestão?

ML – Sim, na minha gestão.

NLV – Ótimo. Falemos um pouco disso.

ML – O Diretório Acadêmico foi uma sigla criada no tempo da ditadura militar porque as agremiações passaram a ter que dar satisfação para os dirigentes das escolas. Então transformaram os centros acadêmicos em diretórios acadêmicos. Como já tínhamos uma postura independente, tanto em relação à Faculdade como em relação à Mantenedora, enfim, levando todos os alunos, nós queríamos transformar o Direito uma associação de fato. Nós já tínhamos um comportamento de Centro Acadêmico. Nós queríamos mudar o nome. É o que nós íamos fazer para não chamar os alunos e ainda tinha o estatuto do aluno. O estatuto do Centro Acadêmico precisava de um *quórum* para por uma vírgula. É difícil para mudar o nome. Era necessário conseguir uma assembleia. Eu queria mudar o nome. Era uma questão de honra. Então convoquei uma assembleia para uma sexta-feira à noite, quando não tem ninguém.

NLV – Não há *quórum*.

ML – Mas, no horário do intervalo tem gente. Aí convoquei uma assembleia geral para o horário do intervalo, às 21 horas. Mas, antes, já convoquei toda a minha turma que eu conhecia e que estava no bar. Antigamente no *Lobby* estava todo mundo lá e eu cheguei e disse seguinte: lembram que marquei para hoje uma assembleia? Tinha gente que nem lembrava. Então vamos lá pessoal. A oposição ficou meio tal. Eles achavam certa a proposta, mas eles não queriam porque não era deles. Mas no final das contas eles deram *o quórum*. Aí chamei todos eles e disse: por isso estamos aqui. Vamos votar. Eu sei que falei alguma coisa, mas não lembro, tipo mais ou menos: quem não for a favor permaneça como está. Aí todo mundo ficou olhando sem entender o que se passava e levantaram a mão. Aí eu disse: aprovado por aclamação.

NLV – Tem um autor de Sociologia da Juventude, Machado Paz, é um português, e este usou como metáfora uma coisa muito interessante. Que os jovens diferentes dos adultos, não temem quebrar paradigmas e avançar, num jogo de xadrez. O adulto, mais velho, estuda a jogada, ele faz seus movimentos com cautela, o jovem não, este vai. Ele não segue essas regras e você comprovou isso.

NLV – Você, Martinha, soube arregimentar no intervalo, os colegas que estavam num outro lugar bebendo cerveja e lembrou do compromisso e eles tiveram confiança nessa líder. É muito interessante porque você está retratando algo da juventude estudado pelo Machado Paz. Que bom que temos isso.

ML – Esse é o lado legal. Hoje talvez eu fosse mais meticulosa.

NLV – Aí você já vai para a tática do xadrez. Bem você já me deu o perfil de como você enxergava os seus colegas em relação ao mundo e à sociedade. Você participou de algum congresso estudantil? Ou outras manifestações como gestora ou não?

ML – Sim eu fui representante da Faculdade de Direito na UNE. Eleita.

NLV – Nunca invadiram a Mantenedora? Fizeram greve?

ML – Não. Não fizemos greve, mas inúmeras mobilizações, passeatas até a Reitoria, até a Praça da Independência, tem até várias fotos, boicote às mensalidades. O que a gente via é que queriam colocar os funcionários contra o movimento também. Até o diretor da Economia fez uma conta direitinho dizendo que o quê a Mantenedora recebia dava para pagar os funcionários. Nessa época do boicote das mensalidades escolares, nós chegamos a fazer judicialmente um depósito dos valores. Se a Mantenedora quisesse poderia pegar o dinheiro para pagar os funcionários porque era de natureza alimentar. É o direito na Direito. Me lembro que era uma fila de gente levando os carnês para juntar ao processo. Foi um advogado que nos alertou sobre isso. Alegando que não estavam pagando os salários por causa do boicote. Mas o juiz poderia liberar o dinheiro por ser de natureza alimentar.

NLV – Como se dava o clima em relação as autoridades da Educação, o MEC, do delegado de ensino e as próprias autoridades por conta da sua representação estudantil. Porque está numa faculdade. Se existia essa aproximação e como era?

ML – Eu tive muito pouco contato com essas autoridades. Eu nunca cheguei a ponto de recorrer a elas. Nunca achei necessidade de recorrer ao MEC, não na minha gestão. Nossos movimentos eram todos voltados para a Universidade.

NLV – Quais os embates ideológicos mais fortes que vocês enfrentaram na liderança, com a instituição católica, os temas debatidos ou a própria gestão interna de vocês Houve esses embates?

ML – O embate que eu senti mais dentro da Faculdade era ligado aos partidos da oposição por terem às vezes ligações com os partidos políticos. Isso era uma coisa constantemente confrontada. Nunca teve uma chapa única na Direito. Isso era uma coisa que se tinha que lutar para conseguir a eleição. O embate que foi sempre o mais pesado – para mim era esse. Tanto que a gente tinha uma postura progressiva. E aí não estavam admitindo que o partido político entrasse na nossa ação progressista.

NLV – Defina melhor essa ação progressista.

ML- A ação progressista é aquela participativa. Aquela eleita democraticamente e principalmente de participação social. Por exemplo, greve dos bancários. O Centro Acadêmico Alexandre de Gusmão entende que essa indicação é justa, esta sim, esta não....Nós aqui na Direito queríamos dar nosso pitaco no que estava acontecendo lá fora. Isso é o que a gente queria levar. Era nosso maior papel.

NLV – É uma mobilização mesmo. Quais os meios empregados como difusores de ideias no espaço da Universidade, entre estudantes e entidades juvenis?

ML – Eram feitos relatórios, panfletos confeccionados por nós. Interrupção de aula para recados, cartazes fixados na Faculdade, faixas, jornal mural, matérias feitas para o jornal da época – A Tribuna, não havia internet, *facebook*, nem mesmo a TV Tribuna. Não havia nada, só rádio AM e Cultura AM.

NLV – Você tem algum tipo de manifesto ou artigo que você tenha colocado ou divulgado que criou polêmica, alguma carta aberta?

ML – Sempre tinha. Eu não me recordo especificamente. Mas tudo era polêmico. Tudo era muito novo. Recém-saída de uma ditadura; ninguém tinha experiência de nada. Alguns falavam: Essa mulher, essa menina fica aí falando e etc.

NLV – E pessoalmente, como foi sua experiência como militante estudantil e presidente? Sua vivência na Faculdade de Direito, sua liderança. Como afetou sua vida pessoal?

ML – Esse movimento estudantil, do qual participei nos cinco anos de Faculdade, me enriqueceu muito como pessoa e como ser humano. Tive uma situação de um rapaz recém-chegado à Faculdade que era da oposição e me lembro que ele leu alguma coisa ligada à pessoa da Martinha. E quase foi linchado porque podia falar tudo, menos que eu não era cumpridora do que eu falava. Se eu não cumpria eu ia lá e falava: não consegui, não consegui. Para mim era muito importante, como é até hoje, que a minha palavra seja a mais coerente possível com a minha prática. Eu digo o mais coerente possível, porque a gente sabe como é difícil. E tem o meu lado espírita também. Isso foi um lado bem legal porque eu vi que tem gente que pensa como eu. Por essa idoneidade, essa seriedade no que faço era importante porque eu era jovem e hoje eu olho para trás e vejo que aquilo era importante mesmo. Tinha uma inserção, tinha alguma coisa que mexeu com minha cabeça. Por outro lado, também forjou com a convivência dos contrários, daqueles que eram da falcatrua. Que não tinha um embate ideológico. Eu vi os dois lados. Eu vi tanto as pessoas que eram sérias, engajadas, assim como vi as que era, do contrário. Então isso me mostrou como na vida adulta eu ia ser o que eu sou hoje. Eu vou falar uma coisa bem pessoal, eu acho uma das coisas que me levou para a advocacia foi a falta da fé. Como é que eu vou arrumar clientes. Eu vou morrer de fome sabe por quê? Porque não vou defender essa causa. E você está querendo que eu vá lá dizer que você é um anjo e você não é. Eu posso interpretar, mas eu tenho os meus limites e isso eu já carregava e trazia o senso de justiça.

NLV – A Faculdade te deu oportunidade de praticar isso e conhecer os meios jurídicos, viver com os contrários, pessoas que pensam diferente, foi uma grande experiência. A Faculdade te deu a parte ferramental para você, dentro da lei, brigar pelo direito, abraçar uma causa sem ferir a legalidade. É um princípio seu. A vida acadêmica e toda essa convivência com esse pessoal afetou a sua vida?

ML – Não, mas isso não mudou graças a Deus. P papel de um líder estudantil, ou qualquer líder de movimentos sociais ou movimentos de massa, é levar esclarecimento e conscientização. É conscientizar o que você vai fazer com a informação que estou lhe dando. Pense bem. Mas o meu papel é levar para você o que está acontecendo e isso nós entendemos que o certo seria fazer isso. Então acho que o meu papel como líder estudantil era esclarecer para as pessoas, os meus representados o que estava acontecendo e conscientizar. O importante é levar uma postura minha, ou do Centro Acadêmico, dizendo o que a gente pensava de tudo aquilo que estava acontecendo. Então para mim é esclarecer e conscientizar. Esse é o papel do verdadeiro líder. Não é um líder ligado ao populismo ou personalismo. Um líder com livre arbítrio e com responsabilidade.

NLV – Como o trabalho fala das lideranças juvenis e nesse caso o protagonismo juvenil está definido e com uma ação dos jovens que lideram outros jovens. O que você acha, o que você pensa, o que você considera sobre a ação dos jovens dentro da Universidade baseado na sua própria experiência. Você considera que naquele momento que você foi líder e até hoje se você quiser fazer uma comparação. Essa coisa do jovem ser o primeiro o ator, o protagonista da sua vida universitária.

ML – Eu acho que todo o segmento tem necessidades específicas e comuns. Então é natural que o jovem pegue para si as rédeas de como conduzir aquilo que é necessário dessa turma, desse segmento do qual ele pertence. Acho que é natural. O que talvez não tenha acontecido tanto que tenha fugido da liderança e tudo o mais é porque a sociedade como um todo se modificou e talvez as necessidades desses jovens são outras e os meios de suprir os meios dessa necessidade seja de outros também. Não precisa ser tudo a ferro e a fogo. A gente fazia todo o cartaz à mão, ficava até de madrugada no Centro Acadêmico fazendo camiseta. Hoje tem outras ferramentas, tem outros meios. Todos nós, quando pertencemos a um determinado segmento, a gente tem uma necessidade que é mais comum a esse segmento eu acho que é natural.

NLV – Como você se sente hoje tendo passado cinco anos numa vida de liderança? E quando pegou o canudão?

ML – O canudão como uma sonhadora e ainda hoje sonhadora. Para mim o mais importante não digo difícil, mas impactante. Faço um esforço não só da memória, mas também do ponto de vista emocional e psicológico, pois a Marta jovem do passado será resgatada pela Marta adulta para responder.

NLV – Como você analisa a sua visão de mundo, sua própria pessoa quando ingressou na Faculdade e cinco anos depois?

ML – O que eu me lembro estou tentando resgatar o meu psicológico porque o intelecto já vem. Então me sinto assim, essa coisa da sonhadora mesmo, daquela pessoa que acredita que as coisas podem ser diferentes. Sofro muito quando a realidade vem e me mostra que eu estou sonhando, sofro, sofro...me decepciono. Fico mal, mas ao mesmo tempo eu não consigo deixar de ser diferente. Minha atuação hoje em dia e no voluntariado que tenho hoje eu não consigo ter a transformação do íntimo. Agora eu quero uma transformação do íntimo. Não fazer igual. Olha, faz diferente, pensa... Mesmo esse pessoal que recebe cesta básica, eu chego e falo da minha experiência; eu já morei em casa que não tinha piso, era terra batida e hoje estou aqui, falando com vocês com uma condição melhor. É isso que a gente tem que fazer. Dar espaço para o outro, tem mais gente precisando. Então eu acredito que tenho condição de levar uma forma de ver diferente. Todo mundo tenta transformar alguma coisa na vida. Uma reforma

íntima porque você, mudando o seu íntimo, todo o restante muda também – a tua postura, a tua psicofera muda e quando alguém chega perto se sente bem. Quando a gente é jovem e passa no vestibular se sente o máximo, assim como para todos os colegas da turma, aquilo foi uma grande vitória. Eu entrei sonhadora e saí sonhadora –um pouco mais com o pé no chão e vou continuar sonhadora.



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE CURSO
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO

Pelo presente documento, ENTREVISTADA, MARTA IDÁLIA SANTOS LEON, portadora portadora do documento de identidade RG Nº 10.837.031-3, emitido por SSP/SP, domiciliada/residente à Av. Conselheiro Nobilio, 611 - ep. 22-B, Bogueirão, Santos/SP. do documento de identidade RG N^o1 de.

DECLARO ceder à entrevistadora/pesquisadora NEUSA LOPES VICENTE, portadora do documento de identidade RG N^o 5944184-7, emitido por SSP/SP, domiciliada/residente à Rua Pérsio de Queiroz Filho, 63 apt^o 42 bairro Encruzilhada, em Santos/SP, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à entrevistadora/pesquisadora aqui referida, no Município de Santos, Estado de São Paulo, em 27 de JULHO de 2017, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Católica de Santos, bem como autorização e cessão do direito de uso de minha imagem e de fotografias/ilustrações de eventos históricos pessoais elou de fatos abordados no depoimento. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento e as imagens, no todo ou em parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação da fonte e autor.

----- Santos, de julho de 2017.



Marta Idália Santos Leon



**UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* - MESTRADO EM EDUCAÇÃO

PROTAGONISMO JUVENIL NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS (1986-1990): LIDERANÇAS NA FACULDADE DE DIREITO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

QUALIFICAÇÃO

Nome: Antonio Fernando Conceição Santos

Idade: 68 anos

Formação: Jornalismo e Direito

Experiências profissionais: Jornalista, assessor de comunicação e consultor de marketing, secretário, vice-diretor e diretor da Faculdade de Comunicação, professor universitário e vice-reitor comunitário

Cargo principal exercido na Instituição: vice-reitor comunitário – 1990-2002

Período: 1990-202

Principais atribuições do cargo: responsável pelas políticas de relacionamento da instituição com seus públicos interno e externo, através de ações, projetos, estratégias, parcerias e representação.

Outras informações complementares

1. Qual sua opinião sobre a juventude santista à época da criação da Universidade Católica de Santos?
2. Como vice-reitor comunitário, como considerava o papel da Universidade na formação de jovens?
3. Ainda como vice-reitor, como era a relação institucional com as lideranças estudantis?
4. Qual sua visão sobre a Faculdade de Direito à época da criação da Universidade?
5. Havia alguma diferença entre as lideranças estudantis da Fadir e demais Faculdades?
6. Houve destaque para alguma das lideranças juvenis na Fadir?

RESPOSTAS - enviadas por mensagem eletrônica em 06/09/2016

1. O clima, principalmente, nos meios universitários, era de uma euforia contida. De um lado o alívio pelo término de um período difícil e de outro, certa apreensão por conta de uma eventual reação de certos segmentos daqueles que deixavam o poder. Mas, a grande certeza era a esperança num novo tempo, apesar das muitas indefinições.
2. Independentemente do fato de ter sido vice-reitor comunitário por 12 anos, eu sempre considerei o papel da universidade com dois focos: o da instrução, o do fornecimento das ferramentas e da transmissão do conhecimento para a boa formação do futuro profissional; e o da educação, da sociabilização, o papel de transmissora de princípios éticos e morais para o crescimento do cidadão, de modo que ele possa entender e conviver com as diferenças e se integrar numa sociedade mais justa, humana e participativa.
3. A relação entre Universidade e lideranças estudantis, no mundo todo, é conflitante. Isso é histórico. Principalmente na escola particular, onde o custo das mensalidades sempre foi e será um divisor de águas. Guardadas as devidas proporções, essa relação é do mesmo tipo das relações entre empregador e empregado porque sempre é regada pela desconfiança. Mesmo dentro dessa ótica, o melhor é tentar suavizar essas eventuais divergências e minimizá-las através do diálogo, das ações conjuntas, da valorização da atuação das lideranças políticas. E foi o que tentei fazer, criando espaços para a manifestação dos pleitos, oportunidades para divulgarem suas aptidões, principalmente as culturais e esportivas e colocando à disposição canais de atendimento das suas necessidades, como o Serviço de Apoio Pedagógico e Social e o projeto experimental de Ouvidoria. Mas isso não é fácil, porque nem sempre entendido ou é mal interpretado. Para as lideranças, combater a instituição é a melhor arma porque isso dá votos e ganha eleições para os órgãos estudantis. Esse combate, muitas vezes, fecha portas e ergue barreiras.
4. A Faculdade de Direito, desde a sua criação, foi um celeiro na formação de extraordinários profissionais que se destacaram nas suas carreiras, na vida pública e na política. A História está aí para confirmar isso. E, na época da criação da Universidade, apesar das incertezas do novo momento político em que estávamos ingressando, não foi diferente. A Faculdade de Direito continuou dando respostas à sociedade e mostrando sua pujança.
5. Diferenças nos pleitos, nas reivindicações, na luta, não se percebia. Mas, ficava evidente nas lideranças da Faculdade de Direito mais organização, mais consciência, mais raciocínio lógico, maior preocupação com a legalidade e as consequências nas estratégias e ações.
6. Muitos destaques, que seria impossível nominá-los, até para não cometer injustiças. E que, depois de formados, ingressaram na vida pública como vereadores, prefeitos, secretários de governo, deputados, desembargadores, um ministro de Estado e um ministro do STF. E o mais interessante é que foi a única instituição universitária da região em que a atuação política dos seus alunos começava já no início da atividade acadêmica, com o engajamento político interno, através de partidos políticos, como o MAR e o PIA, por exemplo, que se tornaram essenciais nas lutas dos estudantes.

Obs.: Checar as siglas e as denominações do MAR e PIA. Se a minha memória não estiver falhando o primeiro é Movimento Acadêmico Renovador e o segundo Partido Independente Acadêmico. E houve outros.

ABERTURA

Segundo depoimento do professor Antonio Fernando Conceição Santos (AFCS), ex-assessor de Comunicação da Sociedade Visconde de São Leopoldo, período 1986-1990, e ex-vice-reitor comunitário da Universidade Católica de Santos, período 1990-2002.

NLV – Boa tarde e desde já obrigada pela sua colaboração e que o senhor num breve resumo pudesse especificar sua formação acadêmica e seu cargo atual na instituição, seu tempo de docência para que nós possamos então ilustrar a nossa entrevista e seu depoimento que é de muita valia para este trabalho.

AF – Então vamos resumir bem resumido porque na realidade o importante não sou eu mas, eu estou aqui há 46 anos na instituição, comecei como secretário de unidade, depois vice-Diretor da Faculdade de Comunicação e Diretor em seguida. Concomitantemente estive na Assessoria de Comunicação, aliás, eu criei a Assessoria de Comunicação na década de 70, mais precisamente em 1972, e posteriormente disputei uma eleição naquela época, uma sêxtupla, para vice reitoria comunitária, disputei três eleições e me qualifiquei nas três, e acabei sendo vice-reitor comunitário em três períodos. Na área acadêmica eu iniciei efetivamente em 1981, portanto um pouquinho mais pra frente na área de jornalismo empresarial e fiquei nessa área, não só no jornalismo empresarial, mas nas relações com a mídia a imprensa, rádio e TV até 2009. Eu tive uma experiência mas apenas uma substituição no ano 1972, para cobrir duas turmas de comunicação na área de filosofia parte de lógica, tempo não considero porque foi um tempo muito pequeno. Hoje eu estou totalmente desligado da Universidade em termos acadêmicos e continuo na assessoria de comunicação do complexo universitário São Leopoldo que abrange a universidade e o liceu e fui eleito agora há um ano Diretor Secretário da Sociedade Visconde de São Leopoldo. Na área de formação acadêmica eu fiz ao mesmo tempo os cursos de Direito 1966 a 1970 e de jornalismo 1966 a 1969 ao mesmo tempo porque eu fazia um de manhã e outro à noite. Posteriormente em 1972 a 73 iniciei o curso de letras na década de 70 mas uma série de atividades e outros afazeres na área profissional não havia como conciliar e acabei desistindo. Resumidamente e basicamente é isso.

NLV – Como o senhor avalia a reação da sociedade brasileira

A redemocratização do Brasil nas décadas de 1980 e 90 e como também a população e a classe política aqui em Santos reagiram com a volta da autonomia política para o município de Santos?

AF – Bom, a redemocratização era uma coisa que todo o mundo sabia que aconteceria de qualquer jeito mais dia menos dia. Eu vou dizer uma coisa aqui que não agrada muita gente. A revolução quando veio em 1964 era e foi altamente aplaudida por uma série de segmentos da

comunidade e assim recebida permaneceu por algum tempo. Só que a truculência, a agressividade, o autoritarismo acabou fazendo com que essa revolução fosse se despencando aos poucos. A impressão que teve, foi se consolidando e esse grupo que assumiu e foi aplaudido começou a perder as rédeas e ficou muito claro, entre eles próprios havia uma série de divergências que era de golpes, entre aspas, e que acabaram levando a coisa a um desmando que não dá para segurar mais. Seguraram até tempo demais. Quando a redemocratização veio que foi um processo altamente esperado também era uma coisa que não tinha alternativa. A revolução ela na realidade foi uma fruta madura que caiu do pé e se esborrachou porque não tinha mais para onde ir. A redemocratização era realmente esperada. Grandes lideranças de oposição na época, num segundo momento porque no primeiro momento a oposição foi totalmente amordaçada. Aqueles grandes líderes lamentavelmente desaparecidos eu citaria um apenas a título de exemplo Ulisses Guimarães e Franco Montoro e todo aquele exército de pessoas das mais variadas nuances quer políticas, quer econômicas que apoiaram esse movimento, lutaram, lutaram bravamente não tinha como não deixar de ser. Essa reação da sociedade brasileira foi a mais ampla e a mais esperada possível. Mesmo naquelas comunidades desculpe mesmo naqueles segmentos da população de pouco entendimento político, e esse pouco entendimento político era percebida por esse povo que também sofria com isso. Bom, em Santos, no período do Brasil, em Santos não poderia ser diferente. Santos teve também o seu dia de glória de poder voltar a ter a sua eleição livre, a sua democratização com os prefeitos eleitos. Aqui nós tivemos um caso muito interessante, num primeiro momento nós tivemos uma intervenção, num segundo momento nós tivemos uma área de segurança nacional. A revolução justificava o que ela queria. Então área de segurança nacional e pronto. Depois de um certo tempo era balela, que não era nada disso, então o que se atenuou não quis se abrir totalmente, mas se atenuou foi com um prefeito nomeado, mas o então não era mais o interventor, mas o prefeito nomeado a gente sabe por quem, vindo de onde, né? Alguns vieram daqui eles tinham raízes, creio que alguns até aceitaram, não muito satisfeitos, mas eles acharam que naquela época o melhor era aceitar do que não aceitar para não fazer uma coisa pior. Aí veio aquele momento todo de vários deles Antonio Manuel de Carvalho, Luiz Caldeira, Paulo Barbosa, pai do atual prefeito. Até que um dia se reconquistou a autonomia política com a eleição de Esmeraldo Tarquínio, que não pode, resquício de autoritarismo, eleito sem nenhuma dúvida, claramente, democraticamente, mas não pode assumir, e naquele gesto de solidariedade o Oswaldo Justo também não quis assumir e naquela história toda que vocês conhecem, que não vou ficar aqui explicando aquela história da

cidade, não há necessidade. Até que definitivamente se deu uma definição, uma eleição final e para alegria e contentamento de toda a cidade e vivemos até hoje. Picos de esquerda, de centro, não gosto nada dessas configurações de centro e direita, mas na realidade nós dizemos que começamos um período mais à esquerda e hoje vivemos um período mais ao centro. Vários prefeitos que por aqui apareceram que puderam se eleger de uma forma bastante democrática. Eu não me lembro quantos são, mas já faz muito tempo, até chegarmos ao atual. E a cidade reagiu uma cidade que sempre foi assim desde a democracia, terra de José Bonifácio e de outros líderes seus irmãos políticos e reagiu muito bem porque era isso que esperava então uma reação absolutamente natural e aguardada.

NLV – E aí estamos falando de cerca de 30, 20 e poucos anos atrás, tanto quanto o entrevistado quanto a entrevistadora também estamos numa faixa etária mais jovens vamos dizer. O senhor se recorda de como a juventude santista participou ou não dessa mobilização pela volta da redemocratização do país e na autonomia política de Santos?

AF – Da mesma maneira que o grosso da população só que um pequeno problema. A revolução via na universidade, naquela época não existia, mas no ensino superior os principais entraves para o governo, então nós tivemos situações complicadíssimas, todo mundo lembra o ano, que chama, acho que foi o pior ano 1968, tropas na rua, cavalaria, prisões, as torturas. O estudante daquela época tinha medo é claro, todo mundo tem medo, quem não tem medo? E isso foi passando, foi passando, a coisa foi sendo atenuada, essas lideranças já não estavam mais lá na vida universitária, estavam fora, já eram profissionais, alguns inclusive altamente capacitados, e aqueles que estavam chegando eles quase nada conheciam de revolução, você vê, nós estamos situado mais ou menos um marco como 1986, ora quem estava na universidade em 1986 nasceu por volta, usando a idade média pelo ingresso, nasceu na faixa de 68 mais ou menos, vai dar aí a média de 18 anos, a entrada da universidade então eles pouco viram. O momento pior, o momento mais sério, mais grave da revolução eles não viveram porque eram crianças. Depois um pouquinho mais para a frente, garotos juvenis e tal mas vibraram do mesmo jeito, foram pra rua. Nós vimos menos já depois. Com a redemocratização instalada, vimos outras manifestações, jovens estudantes universitários em duas situações né? Naquela emergência que foi a posse do Sarney pela impossibilidade do Tancredo que foi vencedor daquela eleição direta, e eu acho que nesse momento foi o último momento em que a revolução conseguiu ainda criar alguns impasses, todo mundo soube, que o último presidente revolucionário não quis passar a faixa para o vice-presidente, e depois aí sim, acho que foi um momento mais próximo dessa turma a geração 80, o momento do impeachment do Collor, as caras pintadas, a turma indo para a rua. Esse momento eles viveram. Então houve dois momentos interessantes, a geração 60,

digo geração 60 de escola de universidade de curso superior que vai até o início de 70, que percebe apesar de todas as tentativas, percebe que há uma dificuldade muito grande é uma nova geração. É uma geração no final dos anos 70 início dos anos 80 já com outros objetivos, já com outras intenções e até já com outras formas de atuação.

NLV – Essa sua observação me leva a perguntar sobre esse perfil de jovem e também a situação política do país e também de Santos, nesse momento na década de 80, início da década de 80 quando a Universidade Católica de Santos foi aprovada. O senhor mencionou que as universidades, os jovens, os professores que possivelmente preocupavam o governo então instaurado por conta das manifestações pela volta da democracia, então esse momento político do país, esse momento político de Santos, essa característica dos jovens dos anos 80. Qual foi a influência ou não né, de situações políticas externas a vontade de se ter uma universidade foi uma luta de mais de dez anos, houve participação ou pressão da sociedade para que a universidade com a volta da autonomia e com a volta da democracia no país, finalmente a Universidade Católica ela se instalou, virou realidade, enfim. Nesse movimento o senhor pode identificar forças, influências favoráveis ou negativas nesse processo, por favor.

AF – Nesse processo de criação da universidade eu diria com absoluta tranquilidade que o jovem universitário pouca ou nenhuma participação teve. Ele vivia num momento dele, ele nem sabia o que a universidade trazia de novo para ele. Na realidade a grande ancora, desculpa, a alavanca da Universidade católica de Santos foi primeiro crescentemente que já havia a criação da Sociedade Visconde de São Leopoldo, já passava e já passou pela cabeça do fundador D. Idílio José Soares que a coisa não ia ficar simplesmente numa Faculdade de Direito criada em 1952 e que foi instalada em 1953. D. Idílio já falava isso, as dificuldades eram muito grandes, quem acompanhou todo o processo da criação da universidade sabe perfeitamente que isso durou mais de dez anos essas idas e vindas, essas negativas, essas exigências, fazia tudo parte daquele processo de revolução que se vivia. Então a ideia era essa porque abrir uma universidade, era uma pedra no sapato para os regimes fechados, é nas universidades que estão os grandes contestadores dos movimentos dos regimes fechados. A grande alavanca da Universidade Católica de Santos foi o público interno dela, os seus líderes da época, sua presidência da mantenedora, o cargo do qual, todavia o seu grande incentivador e a classe política que a gente não pode esquecer, que a classe política mesmo de certa forma amordaçada, ainda não totalmente liberada ela deu uma grande ajuda, eu acho que a criação da universidade foi uma grande conquista, uma grande vitória da própria universidade e com pouca ou quase nenhuma influência externa.

NLV – Nesse sentido com a criação da Universidade Católica de Santos e com o sentimento da população local com que o senhor já identificou em outra entrevista, e da comunidade acadêmica, o senhor pode identificar se houve alguma mudança no status da tradicional Casa Amarela que até então era uma Faculdade tradicional reconhecida mas tornou-se uma universidade. O senhor se recorda ou pode fazer uma avaliação se houve pontualmente ou se houve uma mudança nesse patamar do status de Faculdade de Direito para uma Universidade Católica?

AF – Claro que uma mudança para uma universidade traz uma série de privilégios, privilégios no bom sentido, um outro reconhecimento na área acadêmica, é você ir a qualquer lugar, qualquer evento, qualquer manifestação como o representante de uma faculdade é uma coisa, o representante de uma universidade é outra coisa. Agora em termos de lideranças me parece que aí é o xis do problema, eu não tenho a mínima dúvida que o apogeu, o grande momento, o grande pico da Faculdade de Direito está nas lideranças no final da década de 60. Os grandes nomes da politicamente, não digo academicamente, os grandes nomes politicamente da Faculdade de Direito, estiveram, passaram por lá nos anos 60, 66, 67, 68 e assim por diante. Eu relembro e vou tentar agora nomes que chegaram a deputados federais, deputados estaduais, membros do tribunal de contas, sem contar um ou outro que possa ter um cargo assim, por exemplo a prefeita Telma de Souza, algum outro cargo de prefeito, etc. e tal. Os grandes nomes foram esses no final da década de 60. Hoje de lá pra cá você vê grandes nomes no meio acadêmico, no magistério, na magistratura, no ministério público. Grandes nomes acadêmicos, mas você não vê politicamente grandes lideranças que tenham surgido na Faculdade de Direito. O grande nome por exemplo da Faculdade de direito daquela época e que andou envolvido politicamente, mas depois fez uma brilhante carreira acadêmica e persiste até hoje apesar de já estar aposentado, foi sem dúvida o ministro do Supremo Tribunal que chegou a presidente do Supremo Tribunal Antonio Cezar Beluzo. Então vou lembrar um outro Marcelo Gato da área metalúrgica, chegou a deputado federal, Rubens Lara que sempre foi professor, advogado e professor e deputado estadual. Conseguiu uma suplência para deputado federal, ficou muito pouco tempo porque ele foi numa substituição não durou muito tempo. O próprio colega dele de turma o Nelson Fabiano Sobrinho, que encerrou carreira como membro do Tribunal de Contas do Estado. Então você percebe alguns nomes o Luiz Rodrigues Corvo talvez tenha sido o mais perseguido estudante da Faculdade de Direito pelo nível de politização dele, foi vereador aqui, perseguido que eu digo pela

revolução. Passado esse momento eu não sei se é uma impressão errônea que eu tenho, os momentos de pressão, o momento de autoritarismo parece que criam uma resistência e uma

sobre força humana para resistir a isso, quando a coisa se atenua parece que a coisa caminha mais tranquilamente, e eu vejo o movimento depois de um certo tempo e não só aqui no Brasil, as Faculdades de Direito elas são tradicionalíssimas, os grandes nomes da política brasileira começaram na Faculdade de direito. As mais tradicionais são as de Recife e as de São Paulo. O que a gente percebe atenuado esse momento que a coisa caminhou mais normalmente. Em Santos eu não vejo nenhum movimento político, o que eu vejo aí fora é uma UNE e um UEA fragilizadas, enfraquecidas preocupadas com o valor de quanto se paga o ônibus, o metrô, o transporte, sabe, estão preocupados com o meio ingresso nos cinemas, preocupados com a mensalidade escolar quando se trata de instituições particulares. Então aquelas grandes lideranças a gente realmente não vê. Você pega, não vou citar nomes, e vai e pesquisa pra você ver até onde eu possa estar certo ou errado. Você vê nomes de proa na UNE nacional, da UEE's estaduais daquela época e veja ao que está relegada uma UNE e as UEE's estaduais.

NLV – Assim dentro desse contexto como que o senhor pode avaliar o papel da escola superior na formação de lideranças jovens dentro da instituição e na sociedade em geral. Qual é o papel de uma universidade nessa formação de liderança.

AF – Veja bem, eu acho que tem tudo a ver, mas eu acho que temos que dar a dimensão adequada em função do curso independente do fato de que algumas lideranças são natas, não importa que curso ele fez ou está fazendo eventualmente é uma liderança nata, e em situações é aquele clima do curso que vamos dar uma expressão estrangeira, que eu não gosto muito, mas nesse momento é importante, é um *upgrade* na vida daquele fulano, daquele cidadão. Eles já têm uma tendência, já têm algum sangue voltado para isso, já têm algum DNA. O curso que ele vai frequentar ou que ele acaba entrando, certos cursos realmente dão uma abertura total, curso de Direito é um, sem dúvida, os cursos na área de Ciências Sociais, Sociologia, esses cursos são básicos para isso, outros cursos nem tanto, o próprio curso de História que às vezes as pessoas não entendem muito, não acreditam muito, ele tem grande movimento, grande possibilidade em função disso, de estudar a história para ver de onde a coisa veio e para onde a coisa vai, em outros cursos não. Agora eu acho que independente do curso, independente da universidade esse DNA político é que move o estudante e é por isso que alguns são efetivamente envolvidos, entrosados do que outros. Eu fui professor universitário, você foi professora universitária eu comentei muito isso, eu sempre disse em uma das minhas conversas, nós trabalhamos em curso de comunicação que é um curso propício também o de jornalismo um curso propício para

isso pra você abrir a discussão, abrir a polêmica, fazer a crítica, o que a gente via lá, estudantes ótimos, grandes amigos, esqueci o nome da maioria, vai chegando a idade a gente vai

esquecendo mesmo, mas eles não esqueceram de mim. Agora três ou quatro dias atrás fui fazer a renovação do meu título de eleitor para a biometria eu percebi no cartório que um rapaz timidamente me olhava e desviava, quando eu levantei pra ir embora, que eu já tinha feito tudo aquilo, ele não aguentou, não resistiu, se levantou e veio me cumprimentar e eu nem sabia mais quem era....

Então alguns estudantes tiveram essa empatia toda, esse envolvimento, saíram grandes nomes nas suas áreas, nas suas profissões, nas suas atividades e outros simplesmente passaram, tiveram na Faculdade de Comunicação quatro anos passaram, não fizeram nada, não fizeram jus ao diploma e assim por diante. Na área de formação política é a mesma coisa. Nós temos nomes que realmente são grandes formadores de opinião aqui em Santos, na Universidade de São Paulo também nem se fala, que é a universidade símbolo, padrão do Brasil, e alguns nomes da Universidade de São Paulo que passaram também. Não é porque estiveram na Universidade de São Paulo que são supra sumo e passaram, acho que isso vai depender de cada um e depende também, aí vem a ajuda de fora dos cursos que escolheram e daquilo que aqueles cursos pode lhe proporcionar e que outros cursos as vezes, eu não vou citar nomes para não dizerem que andei criticando nomes, mas tem cursos que não têm essa tendência da politização no bom sentido, não estou falando de partidarismo, de politização no bom sentido não tem mesmo, muitos cursos não têm, são muito técnicos.

NLV – O senhor participou de todo o processo acompanhou também o processo de construção de uma proposta de Universidade Católica de Santos, passando esse momento político, esse movimento externo e interno a universidade se pauta esse marco referencial que foi definido à época de sua criação, marco referencial que inspirou os projetos pedagógicos de todos os cursos da universidade respeitando as suas especificidades, o perfil dos alunos, mas é um marco que propõe a formação de um profissional , cidadão, crítico tecnicamente, competente e com possibilidade de transformar uma sociedade. Aí vem a necessidade de protagonismo, de lideranças, nesse sentido, qual foi o espaço que a Universidade Católica de Santos dentro da sua proposta de formação acadêmica profissional, cidadã, que ela ofereceu como diretiva para que esses jovens pudessem ser transformadores de uma realidade.

AF – A Universidade Católica e a nossa não poderia ser diferente, ela se pauta acima de tudo, pelas leis canônicas e por uma identidade e uma missão estão diretamente relacionadas com a Diretrizes da Igreja Católica e aqui a nossa não poderia ser diferente. A Universidade Católica nossa é um sinônimo substantivo, tem que ser uma coisa substantiva, e acima de tudo e de qualquer outro parâmetro, uma preocupação ética que se consubstancia praticamente em todos os cursos com disciplinas, com esse nome com essa formação e a escolha desse profissional é

levada muito a sério, independente disso a gente percebe uma série de ações vinculada a uma série de projetos institucionais voltados para uma atuação comunitária de formação daquele aluno, dando a importância que aquela formação deve ter.

Mostrar ao aluno que não é chegar à universidade e ficar lá quatro ou cinco anos dependendo da duração do seu curso e simplesmente levar seu diploma e fazer seu registro profissional e atuar. Não! A grande preocupação que eu via e continuo vendo independente dos reitores, e dos corpos dirigentes que se seguiram ao primeiro Reitor o inesquecível Waldemar Valle Martins a preocupação em que essa marca católica predomine e possa servir de parâmetro, não aquele catolicismo piegas de sacristia não! O catolicismo de formação não só intelectual, mas acima de tudo ética e moral, por isso e por esse caminho que a universidade tem trilhado, seja nos projetos aos quais eu me referi, seja nos projetos comunitários, numa série de programas de trabalho, na formação desse estudante permitindo a esse estudante não só o trabalho de sala de aula, mas o trabalho de ir à periferia, de ir à comunidade, de ter todo aquele engajamento que esse sim que vai e poderá transformá-lo num grande líder.

NLV – O senhor acredita que o fato do Regimento Interno da Universidade da época da sua criação assim como o Estatuto que prevê a representação estudantil através dos Diretórios Acadêmicos do Centro dos Estudantes era uma forma que a Universidade tinha e apresenta de reconhecer que as lideranças e a representatividade dos jovens nesse contexto acadêmico é parte dessa formação? E o senhor como vice-reitor comunitário daquele período pode me relatar como que era a relação da instituição com os jovens representantes estudantis e se possível pontuar na Faculdade de Direito?

AF – Bom, são duas situações, a representação estudantil no âmbito dos colegiados é uma coisa, a representação estudantil no Centro dos Diretórios Acadêmicos é outra coisa. O que a Universidade sempre se envolveu foi o seguinte: prestigiar da melhor maneira possível os mais variados tipos de apoio materiais, a vivência desses centros acadêmicos. Agora não podemos esquecer da legislação, e a legislação prioriza a representação estudantil dentro da universidade e seus órgãos colegiados é isso que se trabalhou em cima. Nós tínhamos, hoje eu não posso te garantir com certeza até porque eu estou afastado um certo tempo, naquela época a vice-reitoria Comunitária estava afeta a uma câmara de relações estudantis e de assuntos comunitários e ali livremente se discutia e se abordava todos os temas necessários e etc., o que às vezes até criava algumas situações de dificuldade porque não pensem que o estudante tem uma unanimidade de pensamento. A política estudantil ela não é unânime no sentido daquela trilha, quem viveu como eu vivi a década de 60 das eleições por exemplo, no Centro Acadêmico Alexandre de Gusmão, na Faculdade de Direito era uma coisa terrível, a disputa tinha partido, as grandes disputas eram

por Partido Independente Acadêmico – o PIA, e o Movimento Acadêmico Renovador, uma arena questão danada, uma questão complicadíssima que acontecia na prática. Criada a universidade a política partidária entrou nos Centros Acadêmicos e continuou. As disputas continuaram e aqueles representantes estudantis, designados para representar os órgãos né, os estudantes etc. e tal, nem sempre eram bem vistos pelos colegas porque a partir daquele momento que eles passavam a frequentar os órgãos da universidade eles começaram a ter uma visão diferente. Você enquanto aluno e só aluno pensa uma coisa da universidade, quando você entra aqui dentro, quando você está aqui dentro convivendo com o Reitor e o vice-Reitor, diretores do centro, naquela época era de Diretores de Faculdade, uma série de outros órgãos e departamentos etc., e tal você percebe que a coisa é outra, passa a ter uma visão diferente, as vezes cria até um certo antagonismo. Eu achei que naquele momento, foram 12 anos, foi um momento muito interessante, nunca tive dificuldade nenhuma de relacionamento era muito procurado pelos alunos e um detalhe que era muito importante a gente percebia que eles viviam, vivenciavam, procuravam vivenciar a universidade num sentido muito amplo e não naquele sentido de fazer oposição, discutir uma política de coisas pequenas, mas não. Eles estavam preocupados com a prática esportiva, com os projetos culturais e buscou inclusive fazer uma série de ações baseado em propostas deles, e acabou sendo um marco na vida da universidade.

NLV – Dentro dessa participação do jovem dentro da sua experiência docente na sala de aula de acordo também com a sua experiência, a sua vivencia como vice-Reitor comunitário cuja área cuidava desse contato com as representações estudantis como o senhor entende o protagonismo juvenil?

AF – Da melhor maneira possível e da forma mais saudável possível porque se pensar numa juventude sem esse aspecto, sem esse caráter protagonismo é lamentar e pensar numa outra coisa porque é nessa época, e nessa idade, é nesse momento que a coisa tem que florescer. Erram? Erram paciência, faz parte do noviciado faz parte da pouca idade mas tem que realmente procurar mostrar as coisas, procurar melhorar, procurar lutar pelos seus interesses, lutar pelos seus direitos. E a nós do outro lado virando a moeda do outro lado mostrar a eles que nem tudo é como parece ser, então acho que se a gente conseguisse e conseguimos mostrar essas duas facetas das coisas nós vivemos momentos complicadíssimo, a gente não pode esquecer por exemplo que o grande problema da escola nosso particular é a mensalidade. O grande problema é a mensalidade, nós vivemos um grande momento naquela época de uma inflação extraordinariamente alta. Nós vivemos naquela época o gatilho salarial, tinha aumento salarial todo o mês a inflação era de 20% ao mês, isso é claro que pipocava aonde, na mensalidade era um grande problema. Mostrar o lado da questão era difícil, não era fácil. Porque na realidade

nós tivemos momentos difíceis, nós tivemos invasão de reitoria, nós tivemos vigília na Faculdade de Comunicação e era uma coisa complicada, e agora uma coisa muito pessoal que eu consegui apesar de todo o antagonismo o que eu não queria, naquela época, eu não queria que eles viessem aqui só com elogios, claro que não. Eles estavam vivendo o papel deles e eu estava vivendo o meu papel. Agora uma coisa que foi muito até os momentos mais graves, até nos momentos mais radicais, o mais polemizado nunca se faltou com o respeito. Poderia até haver um grupinho e havia, manipulados por gente de fora que não tinha a ver com a vida acadêmica normalmente ligado a movimentos sindicais que tentavam insuflar os líderes estudantis divergentes sim, mas respeitoso sim. As ações deles eram ações de campanha e eu não podia criticar.

NLV – Esse movimento de jovens liderados por jovens que caracterizam um protagonismo numa ação educativa e transformadora o senhor acredita que deva ter ou houve uma tutela da universidade nesse sentido ou foi um espaço em que na vida profissional, na formação acadêmica os estudantes dessa época, desse período puderam contar com essa possibilidade, dessa prática dessa liberdade e como o senhor viu o papel da universidade, a ação da universidade na relação com os professores, com os diretores, com a própria reitoria em relação a esse movimento de jovens tanto dentro da universidade e as influências que o senhor aí citou.

AF – Você falou aí em tutela, no bom sentido sim, mas não aquela tutela de imposição, porque você não impõe nada para o jovem. O que se sentia naquela época era o seguinte, o que era necessário você como relações públicas sabe muito bem isso, o que era necessário era mostrar o nosso lado da questão esclarecer o momento que estávamos vivendo, que você não pode pretender que alguém possa te julgar se você não tem os elementos que compõem o teu repertório. Então isso é que era feito com muita intensidade e isso nunca se colonizou nem tempo nem espaço, é claro que há situações que a gente não pode esquecer, mas que houve lideranças que não tinham interesse nisso, porque veja bem, a partir do momento que se parte para uma política tem o outro lado da questão, parte para uma política de conciliação, parte para uma política de camaradagem naquele sentido, vamos viver uma vida em comum, eles perdem muito a força deles. Boa parte do que segura o movimento ou que segurava o movimento estudantil era atacar, contradizer, criar dificuldades para que você possa dirigir e havia muita gente com esse sentido mesmo. Mas felizmente era uma minoria e que acabou sendo nos movimentos de maior crise, acabou sendo levado para um plano secundário e que acabou dando em nada. Hoje são pessoas que eu as vezes fico pensando, lendo, principalmente lendo noticiário, jornais, vendo as vezes alguma notícia de televisão, vendo os jornais, e eu vejo aqui, ali e acolá, uma ex-estudante, daqueles entre aspas, meio estouradinho, com um discurso

moderado, conciliador, se um que passou naquele momento com dificuldade foram um problema, hoje a gente percebe que é uma outra situação. Ou você muda de lado quando você está numa outra situação, ou você percebe que a coisa não era bem como você queria. Agora querer que um jovem vamos dizer com 18 anos, que é mais ou menos o início da entrada na universidade 18, 19, 20 anos tenha todo esse cabedal de referências e já uma cabeça pronta para pensar desse jeito, é impossível, não tem como. Você tem que encarar e tentar mostrar para eles que a questão não é bem assim, tem outros lados que pode ser analisados e cabe a ele tomar as iniciativas.

NLV – E para finalizar o senhor considera que esse modelo, que essa proposta de trabalho desses anos de 86 a 1990 durante também a sua gestão, esse modelo de universidade, esse modelo de trabalho com os jovens incentivou o protagonismo dos estudantes, o protagonismo juvenil, nesses estudantes da universidade, pelo menos por enquanto dentro da vida acadêmica, o senhor acredita que esse modelo foi o modelo que possibilitou a abertura para o protagonismo juvenil?

AF – Bom, eu não posso dizer que tenhamos sido responsáveis por tudo porque a própria formação de cada um o próprio caminho que cada um seguiu deu a eles o seu modo de ser, de trabalhar, se relacionar, enfim, viver a vida em sociedade. Agora eu não tenho a mínima dúvida que essa política de aproximação, de conciliação, de esclarecimento, de abertura com certeza foi uma ajuda muito grande para cada um e muitos até hoje que eu encontro por aí pela cidade por vários eventos, agradecem e percebem que realmente não entendiam porque não estavam capacitados para entender naquele momento mas serviu para eles como uma grande escola.

NLV – É eu me recordei agora, e ia fechar a entrevista, mas eu me recordo que na sua época como vice Reitor Comunitário o senhor criou um órgão o SAPS que tinha várias atribuições, essa ponte entre a universidade e as representações estudantis e também me recordo que uma das preocupações da equipe do SAPS mas dirigidas pela sua pessoa pela proposta da universidade era mostrar aos jovens representantes qual é o papel de um líder, o papel de um representante, para uma ação consciente, participativa, democrática, responsável, o senhor acredita que essa foi uma proposta que pôs em prática a filosofia, a ideologia católica, como o senhor vê entre as ações, as práticas que a sua vice Reitoria dentro de uma universidade colocou nessa relação com os estudantes.

AF – Eu citaria três programas que nós criamos e na medida do possível desenvolvemos. Primeiro vamos começar bem lá traz. Era um programa antes mesmo da entrada da universidade. Esse programa chama-se PROVE que era um programa PRO vestibular, abria-se as portas da universidade para que o estudante pudesse de antemão saber, não só dentro dos

cursos, ser uma opção, onde que eu vou me situar, que curso eu vou escolher, mas também onde ele estava pisando, onde ele iria pisar. Então abrir as portas da universidade através desse programa. Não é bem por aqui, eu não quero aqui, não esconder nada né? Tapar o sol com a peneira, olha não somos assim, queremos ser vistos assim. Claro que se não é bem aquilo que ele quer ele vai procurar outra coisa. O SAPS que você se referiu que é o Serviço de Apoio Pedagógico Social, era justamente isso, essa conexão entre o estudante e os dirigentes através do órgão mais propício a fazer essa conexão na área comunitária onde estava o estudante, porque a área comunitária não era só o estudante obviamente mas funcionou muito bem com projetos muito bons na área de psicologia, serviço social, conseguimos finalmente com o SAPS implantar, não sei como está isso hoje, mas naquela época era um programa de concessão de bolsa de estudo que era uma coisa elogiadíssima. Eu fui a várias universidades no Brasil, congêneres, particulares, mormente católicas para expor os nossos programas, que não era um programa matemático dois mais dois são quatro. Nem sempre na carência social, na dificuldade social dois mais dois são quatro. Mas todo o projeto que envolve a vida familiar, as dificuldades familiares a coisa toda que as famílias têm, esse projeto funcionou maravilhosamente bem, e o acompanhamento psicológico também e o social também. E por último, foi uma experiência muito pequena porque só deu para iniciar porque já estava no final, meu último período, que era o da ouvidoria. A ouvidoria foi um projeto experimental, eu não quis criar ou designar ou nomear um ouvidor mas pedi a um dos membros do SAPS que me pareceu naquela época, naquele momento, o mais, com o melhor perfil para isso, saudoso falecido professor Alberto Manso que ficou alguns meses nesse trabalho que era um trabalho do que ouvir. A ouvidoria era exatamente isso ouvir. Como é que nós estamos sendo vistos? Muito bem, aquele público não era só aluno, professor também claro que o embasamento era tudo em cima do aluno, como é que eles nos viam, para que nós pudéssemos nos penitenciar se estávamos errando e onde estávamos errando. Esses projetos achei muito interessantes. A ouvidoria nem tanto porque a ouvidoria não deu para decolar. Ele só começou mas aí acabou o mandato. Essas coisas você pode criar da noite pro dia, mas você não pode desenvolver da noite pro dia, você precisa de tempo e acima de tudo compreensão dos dirigentes, quem criou a ouvidoria por exemplo, não está pensando que a ouvidoria é para ouvir elogios. A ouvidoria é pra dar paulada. É pra mostrar que a coisa tá assim, assim. Muito bem é essa a sua visão então eu vou mostrar a nossa visão. Ele vem com aquela crítica fingindo que não entende, que não compreende e digo que não está informado. Então você vai tentar mostrar os caminhos. Quando ele estiver certo e boa parte das vezes está, tem que corrigir porque senão não adianta a ouvidoria. Senão passa a ser um negócio só pra inglês ver passa a ser estratégia mercadológica.

NLV – Mais alguma consideração professor Antonio Fernando?

AF – Não. Basicamente é isso na realidade o tempo se encarrega da gente perder algumas coisas da memória, a idade também. Mas basicamente é isso foi um período muito bom que eu vivi esses 12 anos e foi bom porque eu já vinha com raízes dentro da universidade, eu assumi esse cargo em 90 mas eu já vinha com 19 anos de instituição então eu conhecia muito bem, eu tinha um professor que eu não me lembro o nome agora ele brincava dizendo que eu era a memória viva da instituição é bom começar a grava essa memória porque um dia ela vai morrer e não ter mais onde tirar os elementos. Eu convivi com muita gente o mais importante é esse contato da universidade são as diferentes personalidades, os diferentes perfis das pessoas, isso pra mim foi o mais gratificante do que qualquer bem material que eu possa ter adquirido aqui dentro.

NLV – Tá certo professor. Muito obrigada. São quinze horas e trinta e cinco minutos. Entrevista encerrada.



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE CURSO
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, O ENTREVISTADO, ANTONIO FERNANDO CONCEIÇÃO SANTOS, portador do documento de identidade RG

Nº 3.786.416-6, emitido por SSP/SP,
domiciliado/residente à Rua Maranhã, 67

DECLARA ceder à entrevistadora/pesquisadora NEUSA LOPES VICENTE, portadora do documento de identidade RG N^o 5944184-7, emitido por SSP.SP, domiciliada/residente à Rua Pérsio de Queiroz Filho, 63 apt^o 42, bairro Encruzilhada, em Santos/SP, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestou à entrevistadora/pesquisadora aqui referida, no Município de Santos, Estado de São Paulo, em 16 de maio de 2017, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Católica de Santos, bem como autorização e cessão dos direitos de uso de sua imagem e de fotografias/ilustrações de eventos históricos pessoais e/ou de fatos abordados no depoimento. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento e as imagens, no todo ou em parte, editadas ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação da fonte e autor. Santos, 16 de maio de 2017.

Antonio Fernando Conceição Santos

Francisco Prado de Oliveira Ribeiro – 11/07/2017

1. Como o senhor avalia como a sociedade brasileira reagiu à redemocratização do País nas décadas de 1980/90?

Cumprindo considerar que boa parte da população, por razões sociais, culturais, e econômicas, permanecia à margem dos fatos políticos nacionais, aqueles que participavam ou acompanhavam o processo político encaravam os fatos com alegria e entusiasmo, mas também com alguma dose de receio e desconfiança, até certo ponto naturais, tendo em vista o rigor do período da ditadura, que se encerrava.

2. Como a população e a classe política reagiram e consideraram a volta da autonomia política de Santos?

Santos sempre teve uma população mais politizada do que a média nacional, e este ativismo político sempre a colocou à frente dos fatos políticos nacionais, sendo palco de manifestações e de movimentos sociais importantes; a reação na cidade foi bem forte, até porque foram muitos os políticos e cidadãos daqui que sofreram as consequências das restrições e dos abusos praticados no período da ditadura. Foi um grito de liberdade.

3. Como caracteriza a juventude brasileira das décadas de 1980/90?

Como tive a sorte de conviver muito proximamente com jovens, sendo muitos os alunos com quem tive contato, como professor, nas aulas que ministrei, pude constatar o entusiasmo pelo novo, pelo conhecimento, o que é próprio dessa época da vida; e este período foi especial para isso, justamente porque estávamos vivenciando a abertura política, possibilitando debates e discussões que até então eram evitados, e censurados.

Escritório de Advocacia “Oliveira Ribeiro”

Rua Amador Bueno no. 38, cjs. 35/36

Centro – Santos – SP - CEP 11013-150

Tel. 55 – 13 - 32196070

De: Neusa Lopes Vicente [mailto:neusalopes.rp@gmail.com]

Enviada em: segunda-feira, 10 de julho de 2017 16:27

Para: Francisco Prado de Oliveira Ribeiro Adv Ass <oliveira.ribeiro@litoral.com.br>

Assunto: entrevista Dr. Francisco



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LINHA DE PESQUISA 2

INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS, HISTÓRIA, POLÍTICA E

PROCESSOS DE GESTÃO

**PROTAGONISMO JUVENIL NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS (1986-1990): LIDERANÇAS NA
FACULDADE DE DIREITO**

Neusa Lopes Vicente

Orientação: Profa. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira

Roteiro para ex-presidentes do CA “Alexandre de Gusmão”

Data e meio/local da entrevista: 11 de julho de 2017 – arquivo Word enviado por correio eletrônico

Qualificação atual

Nome: **JOSÉ EDUARDO GUERRA JARDIM**

Naturalidade Santos - SP

Idade atual 57 anos

Atividade profissional advogado

Religião - não tenho.

Estado Civil - Casado

Participação em entidades/movimentos sociais – Filiado ao Partido dos Trabalhadores.

Qualificação à época de estudante

Escola onde cursou ensino fundamental e médio – Colégio Osvaldo Cruz

Bairro de residência – Gonzaga e Ponta da Praia

Financiamento da graduação - Familiar

Religião - Católica

Estado Civil – Solteiro

Idade de ingresso na Universidade – 23 anos

Idade de conclusão da graduação – 28 anos

Atividade profissional - Várias: Bancário, Corretor de Café e funcionário temporário da Receita Federal.

Participação em entidades/movimentos sociais

Questões iniciais:

1. Como e por que escolheu graduar-se em Direito?
Na verdade, pela atuação dos advogados que defendiam presos políticos, entre eles, Iberê Z. Bandeira de Mello, Belisário dos Santos Jr., Aírton Soares e Luiz Eduardo Greenhalg.
2. Por que escolheu graduar-se pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Santos?
Sempre foi considerada entre as três melhores faculdades de direito do estado de São Paulo e é em Santos.
3. Pertencia a algum movimento antes da graduação? Qual? Como era esse pertencimento?
Desde 1980, ao fazer cursinho, depois da anistia, com os professores de história podendo fazer um crítica mais correta sobre o golpe militar, passei a olhar de forma mais atenta à política. Além disso, como servi o exército em 1979, achei muito grosseira a crítica que os militares faziam aos Comunistas e acabei em contraposição seguindo uma orientação à esquerda para minha vida, mas não pertenci a nenhum movimento antes da faculdade.
4. Como ingressou na representação estudantil no âmbito da Faculdade?
O início da militância na Faculdade Católica de Santos se dá em virtude da invasão, pela Polícia Federal, a mando do General Newton Cruz, em 1983, da sede da OAB/DF. Houve um ato de repúdio no salão nobre da faculdade, com as lideranças políticas da cidade, a saber: Rubens Lara, Osvaldo Justo e outros. Para este ato foi comprada, pelo nosso grupo, uma faixa negra, a qual ficou estendida na mesa neste ato. Após esse evento, começamos a nos organizar e participar da Atlético Alexandre de Gusmão e, ali participamos de quatro

gestões adquirindo representatividade junto aos alunos da faculdade. A mudança do Estatuto do Diretório Acadêmico Alexandre de Gusmão obrigou a formação dos partidos acadêmicos para disputa da eleição. Nosso grupo formou o Partido Acadêmico Universidade Democrática – Unid. É importante destacar que, na formação da UNID, foi o militante do PCB, Roberto Lee Hiroshi, quem deu a maior contribuição para esta organização. Com a formação do partido acadêmico foi eleito seu presidente o saudoso amigo e advogado, Jeferson de Arruda Santos, o qual seria o primeiro presidente eleito pela Unid para o Diretório Acadêmico Alexandre de Gusmão. A UNID disputou 6 eleições, perdeu a primeira com professor da Unisantos e Promotor de Justiça Luiz Sales do Nascimento e a última com o advogado e Conselheiro da Associação dos Advogados de São Paulo José Clemente Jr. A UNID elegeu os 4 presidentes, a saber: Jefferson de Arruda Santos, José Eduardo Guerra Jardim (eu), Marcelo Pavão de Freitas e Marta Idália Santos Leon. Além disso, pela forma coesa e intensa como realizávamos o trabalho na política acadêmica derrotamos muitas das atuais lideranças políticas do Estado e dos municípios da baixada, tais como, o Vice – Governador de São Paulo Márcio França, o Ex – Vice Prefeito de Santos Eustázio Alves Pereira e o Ex – Presidente da Câmara de Cubatão Manoel Deodoro.

5. Participou em algum congresso estudantil, greve estudantil ou outras manifestações?
Participei de Congressos do Centro dos Estudantes – CES; da União Estadual dos Estudantes – UEE; e da União Nacional dos Estudantes - UNE.
6. Como se davam e qual o clima da relação com autoridades relacionadas à educação? Em que nível (local, nacional)?
O maior contato era com o Francisco Prado de Oliveira Ribeiro, diretor da faculdade e com o Tesoureiro da Sociedade Visconde São Leopoldo Fúlvio Casal. Com ambos contatos eram, mas o Chico Prado, mesmo defendendo os interesses da Universidade, sempre agiu de forma muito democrática. É bom destacar que este período, entre a Anistia, as Diretas e a Assembleia Nacional Constituinte foi um período muito democrático para fazer movimento estudantil, pois, de uma forma geral, não existia a repressão contra os estudantes nas faculdades, como no período anterior a anistia, pois muitos dos dirigentes das universidades foram perseguidos pela Ditadura Militar.
7. Quais os embates ideológicos mais fortes que enfrentou?
Na verdade, embora tivéssemos perto do desmembramento da União Soviética, inclusive com a queda do Muro de Berlin, não consigo me lembrar deste tipo de assunto sendo um fator dominante na disputa estudantil. Na verdade era uma disputa de espaço no movimento estudantil, pois o PCB dominou, pelo menos, as duas primeiras gestões do Centro dos Estudantes de Santos, cuja presidência foi exercida, respectivamente, pelo Eduardo Sanovickz e pela Renata Zaneta. Com o crescimento do Partido dos Trabalhadores, sua base estudantil também cresceu muito, logo os Diretórios acadêmicos das faculdades de direito e da arquitetura eram os adversários a serem batidos, pois nas executivas e até na presidência tinham membros da base dos estudantes do PCB.
8. Quais os meios empregados como difusores de ideias no espaço da Universidade e entre os estudantes de outras instituições e entidades juvenis?
Naquela época fazíamos muitos folhetos informativos, quando se tinha dinheiro um jornal da entidade e muita entrada em sala de aula para dar informações aos alunos. Além disso,

o diretório fez palestras no período das eleições para os candidatos a deputados constituintes e depois para os eleitos, com intuito de discutir as matérias que iriam constar da Constituição Federal.

9. Pode citar escritos polêmicos publicados?

Boletins informativos sobre o boicote e as ações judiciais, bem como várias matérias nos jornais Tribuna e Cidade de Santos sobre o aumento abusivo das mensalidades, em virtude do fracasso do Plano Cruzado.

10. Pessoalmente, como foi essa experiência?

Excepcional, me tornou um cidadão que tem um olhar de esquerda para o mundo e para as pessoas.

11. No que e como a vida acadêmica (professores, disciplinas, colegas, funcionários e a própria Faculdade) afetou sua vida pessoal e profissional e a própria militância?

A vida acadêmica foi indutora para que eu me formasse como um indivíduo de esquerda, inclusive, sou casado com uma mulher que conheci na militância de esquerda, na profissão advoguei durante muito tempo para o grupo ligado ao sanitarista Dr. David Capistrano da Costa Filho e na militância sou filiado ao Partido dos Trabalhadores.

12. Qual o papel de um líder estudantil?

Defender os interesses dos estudantes junto às instituições de ensino, mas também participar ativamente da vida pública, com seus movimentos e reivindicações nos âmbitos municipal, estadual e federal na defesa dos estudantes e população em geral. Esta atitude forma o líder estudantil um cidadão mais qualificado.

13. Suas considerações sobre o protagonismo juvenil universitário.

Importante para tornar o estudante um cidadão com maior capacidade crítica, podendo se posicionar corretamente, sobre os seus direitos e os da coletividade ao longo da vida.

14. Acrescentaria alguma questão mais fundamental para perguntar aos outros entrevistados?
Não.